



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

REBECA EMANUELE ARRUDA DE SOUSA ALBUQUERQUE

**A SUBCRIAÇÃO E A HISTÓRIA-MÃE
EM J.R.R. TOLKIEN**

**JOÃO PESSOA – PB
2025**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

REBECA EMANUELE ARRUDA DE SOUSA ALBUQUERQUE

A SUBCRIAÇÃO E A HISTÓRIA-MÃE EM J.R.R. TOLKIEN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCR/CE/UFPB), na linha de pesquisa: Literatura e Sagrado.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza.

**JOÃO PESSOA – PB
2025**

**Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação**

A345s Albuquerque, Rebeca Emanuele Arruda de Sousa.
A subcrição e a História-Mãe em J.R.R. Tolkien /
Rebeca Emanuele Arruda de Sousa Albuquerque. - João
Pessoa, 2025.
123 f. : il.

Orientação: Vitor Chaves de Souza.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE.

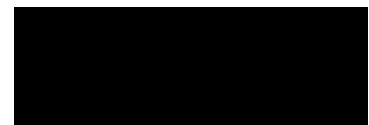
1. J.R.R. Tolkien. 2. Mitopeia. 3. Teoria da
subcrição. 4. História-Mãe. I. Souza, Vitor Chaves de.
II. Título.

UFPB/BC

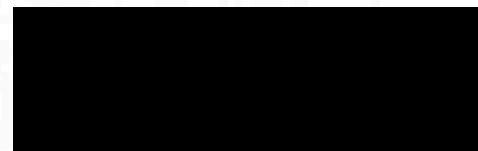
CDU 82-343 (043)

Elaborado por RUSTON SAMMEVILLE ALEXANDRE MARQUES DA SILVA -
CRB-15/0386

Dissertação apresentada à banca examinadora formada pelos seguintes especialistas.



Vitor Chaves de Souza
(orientador)



Diego Genu Klautau
(membro-externo/PUC-SP)



Marcelo Furlin
(membro-externo/UMESP)

Aprovada em 24 de fevereiro de 2025.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo conceituar, investigar e compreender como a História Mão do autor J.R.R. Tolkien influenciou todos os campos de sua existência, incluindo a produção artística de suas histórias fictícias. Procurando vincular o Legendarium de Tolkien às raízes cristãs de sua fé católica, a pesquisa reúne inúmeros pontos que visam demonstrar como o escopo narrativo de sua obra fictícia é a maior testemunha de sua devoção à religião cristã. Por meio do método bibliográfico de pesquisa, este texto reúne um número expressivo de autores, artigos e especialistas que atestam a relevância do catolicismo na vida e obra do criador da Terra-Média, contestando aqueles que afirmam que sua invenção mitológica é avessa ao cristianismo em geral. Ao longo de suas narrativas fantásticas, a fé de Tolkien é revelada por meio de símbolos existentes no enredo, além da ênfase àquilo que é virtuoso, verdadeiro e belo por meio de delimitações nítidas entre a moralidade dos personagens. Através das cenas em que o mal entra em combate com o bem ou quando a virtude confronta o vício, ali jaz uma marca cristã. Ao incluir as suas crenças por meio da lógica da Subcriação, Tolkien assumiu-se um verdadeiro subcriador quando tornou o cristianismo um discreto convidado de certos trechos de suas obras, suave o bastante para ser dispensado por uns, mas presente o suficiente para suscitar a atenção de outros. Conclui-se que suas obras refletem a síntese exata da Subcriação, dado que as histórias ecoam sutilmente como uma luz refratada derivada da matiz original, assim como foi escrito em seu poema “Mitopeia”.

Palavras-chave: Mitopeia; Subcriação; História-Mão; J.R.R. Tolkien.

Abstract

This paper aims to define, investigate, and understand how the Author's Mother History by J.R.R. Tolkien influenced all areas of his existence, including the artistic production of his fictional stories. Seeking to link Tolkien's Legendarium to the Christian roots of his Catholic faith, the research gathers numerous points that aim to demonstrate how the narrative scope of his fictional work is the greatest witness to his devotion to the Christian religion. Through a bibliographic research method, this text brings together a significant number of authors, articles, and experts who attest to the relevance of Catholicism in the life and work of the creator of Middle-earth, challenging those who claim his mythological invention is opposed to Christianity in general. Throughout his fantastic narratives, Tolkien's faith is revealed through symbols present in the plot, as well as an emphasis on what is virtuous, true, and beautiful through clear distinctions between the morality of the characters. Through scenes where evil battles good or where virtue confronts vice, there lies a Christian mark. By including his beliefs through the logic of Subcreation, Tolkien positioned himself as a true subcreator when he made Christianity a subtle guest in certain parts of his works—soft enough to be overlooked by some, but present enough to capture the attention of others. It is concluded that his works reflect the exact synthesis of Subcreation, as the stories subtly echo like a refracted light derived from the original hue, just as written in his poem "Mythopoeia."

Keywords: Mythopoeia; Subcreation; Mother History; J.R.R. Tolkien.

Sumário

Introdução	5
A História-Mãe e Narrativas Particulares de J.R.R. Tolkien	16
A História-Mãe na literatura de J.R.R. Tolkien	55
Subcrição e Mitopeia	88
Conclusões	116
Referências Bibliográficas	121

Introdução

Ao longo dos séculos, muitos estudosos e correntes buscaram definir qual é o propósito e funcionamento da vida humana. O ceticismo é aquele que indica que não existe propósito nítido, tampouco sentido no universo, sendo ele uma combinação de eventos aleatórios. Por outro lado, aqueles que caminham por uma via mais naturalista hão de enxergar a vida a partir das leis naturais que rondam os acontecimentos. Muitas são as linhas que buscam estender explicações e perspectivas a respeito da existência e vivência humana, cada uma buscando posicionar-se na medida do possível enquanto intenta trazer luz àqueles que desejam respostas. Daqui, nascem sistemas complexos como os citados acima, ao mesmo tempo em que a necessidade por direcionamento faz surgir ideias menores, mas satisfatórias, como a que veremos a seguir.

Em meio a essa grande massa de teorias a respeito da existência humana, alguns estudosos veem a vida simplesmente como uma grande narrativa, enxergando as vivências em suas múltiplas histórias que moldam a visão que possuímos a respeito do universo. É como enxergar o viver como uma teia minuciosa de muitas histórias que existem lado a lado. Em uma sociedade marcada pela pluralidade de posicionamentos, nossas ideias se acomodam junto à narrativa a qual julgamos fazer parte, aquela que melhor atenderá às nossas demandas, dúvidas e desejos. Essa tese foi referenciada por Barbara Hardy, quando ela escreveu:

nós sonhamos na narrativa, sonhamos acordados na narrativa, lembramos, antecipamos, esperamos, desesperamos, acreditamos, duvidamos, planejamos, revisamos, criticamos, construímos, fofocamos, aprendemos, odiamos e amamos pela narrativa.¹

Como afirma o filósofo Alasdair MacIntyre em seu livro “After virtue”, “a narrativa não é o trabalho de poetas, dramaturgos e romancistas”², mas é um meio de interpretar a realidade que nos ronda também. A base da crença de que a vida é tecida e estruturada em narrativas foi defendida por MacIntyre a partir do pressuposto de que toda ação tem uma função de caráter histórico. De acordo com ele, “todos nós vivemos narrativas em nossas vidas, porque

¹ HARDY, Barbara. 'Towards a Poetics of Fiction: An Approach Through Narrative', *Novel*, 2, 1968: 5-14

² MACINTYRE, Alasdair. *After Virtue* (Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1981), p. 211.

entendemos nossas próprias vidas em termos das narrativas”³. O filósofo defende que esse “espírito” da narrativa é também aquele que nos leva a compreensão a respeito da ação de outros, nos levando ao sentimento de empatia também.

Esse trabalho buscará sugerir que o ser humano pode conviver com grupos de narrativas⁴ que se dividem em Narrativas Universais – as grandes religiões e ideologias —, as Narrativas-Particulares — as histórias pessoais e experiências de cada um — e a História-Mãe: a Narrativa Universal que atribui sentido às suas Narrativas-Particulares e ao próprio mundo ao redor.

J.R.R. Tolkien elegeu o cristianismo como a sua “história central” e essa ação transformou seus pensamentos e posicionamentos, incluindo o modo o qual ele enxergava o advento da tecnologia e até mesmo as histórias mitológicas, um conjunto de tramas que sempre despertou o interesse. Em meio a alguns especialistas e estudiosos que veem os mitos como mentiras envoltas em prata, Tolkien os enxergou de maneira diferente por inúmeros motivos, e um deles pode ter sido a influência exercida pela sua História-Mãe. Foi também a presença da narrativa *mater* que pode ter originado parte da tese da Subcriação, um outro pilar fundamental deste atual trabalho. Ao dispor e refletir acerca da sua crença no Deus da tradição judaico-cristã e acolher o conjunto desses aspectos como a sua História mais importante, o autor passou a perceber que as histórias míticas possuíam valor não somente por transmitirem verdades substanciais, como também por ser o exercício criativo advindo da imagem de Deus, o Criador, em suas criaturas subcriadoras.

Em dado momento de um ensaio que escrevera, o autor aponta que nós criamos na mesma medida em que fomos criados, isto é, a imagem e semelhança de um Criador. Se contamos histórias, Deus contou histórias primeiro e se possuímos a possibilidade imaginativa de estruturarmos novos enredos, ele teria sido o responsável por inserir essa habilidade em nós.

³ Ibid, p. 212.

⁴ O pensamento que divide as narrativas em Particulares, Universais e Mater é uma contribuição autoral e original, fruto de influências dos autores Alasdair MacIntyre, Cauê Oliveira, Craig G. Bartholomew e Michael W. Goheen, cada um deles devidamente referenciados neste trabalho.

O autor estabelece uma ligação entre a formação de narrativas com a disposição intrínseca humana de subciciar coisas boas e coisas más. Diante desses fatos, o presente trabalho se compromete a analisar como a História-Mãe de J.R.R. Tolkien afetou sua visão de mundo, além de buscar esclarecer como as narrativas bíblicas inspiraram Tolkien em seu próprio processo de “subcrição” e também na elaboração dessa teoria que fundamenta a dissertação. Ao mesmo tempo, observamos a extensão da Subcrição, a saber, Mitopeia, um poema escrito por Tolkien que buscava analisar e transcrever a criação dos mitos. O trabalho pretende ser uma defesa em favor dos mitos e histórias a partir da ótica de Tolkien, o autor da saga *O Senhor dos Anéis*, constantemente considerando o pressuposto de que fomos criados para subciciar. Essa hipótese não é aceita por todos, mesmo na área Ciências das Religiões, visto que Friedrich Max Müller, uma das figuras fundadoras mais importantes da área, afirma, em uma teoria, que a mitologia é uma doença da linguagem. A opinião de Müller consiste na afirmação dos mitos como doença da linguagem, e diante disso, Tolkien sugeriu que essa ideia seja abandonada sem remorso, em virtude da mitologia não poder ser compreendida como uma doença. Se a sociedade caminha em direção a essa crença, tudo o que partir da mitologia será classificado como um conhecimento inválido, logo, para muitos, ela pertence a uma esfera responsabilizada por produzir delírios quiméricos que desrespeitam o compromisso com a verdade. Ao que tudo indica, Tolkien reluta em julgar como inválida uma subcrição com tantas riquezas imateriais.

O trabalho, seguindo a linha tolkieniana, abordará o legado do autor como um reflexo de sua História-Mãe, a saber, o cristianismo, além de examinar como ele manuseou a mitologia com a profundidade e seriedade que lhe é devida. A presente dissertação é fruto das pesquisas antecedentes que visa analisar o ensaio filosófico “Sobre Estórias de Fadas” e o poema Mitopeia do autor e escritor J.R.R. Tolkien, ao mesmo tempo em que declara que as histórias do Legendarium e a Bíblia partilham de semelhanças epistemológicas enquanto analisa a presença do sagrado nessas literaturas. Será trabalhada a hipótese a qual as obras de J.R.R. Tolkien, apesar de toda a originalidade que as compõem, descendem sutilmente da literatura cristã, e nisso, veremos como o próprio autor aplicou a sua teoria da Subcrição e sua relação com o poema Mitopeia. Diferentemente do que muitos fãs de “O Senhor dos Anéis” pensam, Tolkien admitiu em suas cartas uma série de sentenças que consolidam a relação de suas obras com a crença cristã, de forma que essas raízes não podem ser ignoradas. Quando se nega a veia cristã

presente nas histórias tolkenianas, se perde de vista a abundante e intencional postura deste autor, este que imprimiu alguns aspectos de sua crença em suas histórias.

Como definição de mito, nos uniremos a Grimal quando o conceitua a partir da imaginação, “mas contém a verdade em si próprio, na sua verossimilhança, ou, o que vai dar ao mesmo, a força de persuasão que lhe confere a sua beleza”⁵. “Em outras palavras,” comenta Mircea Eliade, “o mito descreve as diversas e às vezes dramáticas irrupções do sagrado do mundo. É a irrupção do sagrado no mundo [...] que funda realmente o mundo”⁶, sendo a sua principal função a revelação dos modelos exemplares de todas as atividades humanas significativas.⁷

A religião, por sua vez, conceitua-se, segundo Filoramo e Prandi, como uma manifestação antropológica e fenômeno humano histórico que pode vir a ser o alvo de pesquisa crítica⁸. Antônio Gouvêa Mendonça, Doutor em Ciências Sociais e Professor Emérito pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, alega que as religiões “são as variadas e mesmo infinitas formas com que Deus se expressa no mundo, na história e no cotidiano das pessoas”⁹.

As Ciências da Religião estudam não Deus, mas suas formas de expressão, em resumo, nas pessoas e na cultura. Nesse ponto, Ciências da Religião se distinguem da Teologia, porque não cogitam de questões a respeito de Deus, como sua existência e natureza. Estudam efeitos e não causa.¹⁰

Dessa forma, o atual trabalho considera a expressão de Deus nas pessoas e na cultura, defendendo ao menos duas posições: em primeiro lugar, as obras fictícias de J.R.R. Tolkien possuem faces cristãs, pois ele acolheu o catolicismo como sua História-Mãe absoluta, e em segundo lugar, por meio da Subcrição, os mitos podem ser uma maneira dos humanos retratarem histórias vindas do que chamaremos de matiz original. Para chegar a tal entendimento, contaremos com C.S. Lewis, autor de “As Crônicas de Nárnia”, e

⁵ GRIMAL, P. Mitologia clássica – mitos, deuses e heróis. Tradução Hélder Viçoso – 1º ed. – Lisboa: Edições Texto & Gráfica, 2009, p. 7.

⁶ ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. 2020, p. 86.

⁷ Ibid.

⁸ FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. As ciências das religiões. São Paulo: Paulus, 1999. p. 9.

⁹ MENDONÇA, Antônio Gouveia. *Ciências das Religiões: de que mesmo estamos falando?*, 2004, p. 23.

¹⁰ Ibid.

J.R.R. Tolkien, ambos defensores da ideia de que assim como a fala é uma invenção sobre objetos e ideias, o mito é uma criação sobre a verdade.

Tolkien se dedicou a trabalhar os mitos como transmissores de lições profundas e verdades concretas. Partilhando da mesma opinião, Eliade comenta que o mito narra uma realidade existente, seja uma realidade total ou apenas um fragmento – “uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição”¹¹ e, diante disso, é sempre uma narrativa de criação. O mito deve ser tratado, portanto, como uma história sagrada, “uma história verdadeira, porque sempre se refere a realidades”¹², posicionamento esse concordado por Tolkien, que defendia que os melhores mitos não podem ser encaixados na categoria “falsidades construídas deliberadamente, mas são contos criados pelas pessoas para captar os ecos de verdades mais profundas”¹³ que narram “todos os acontecimentos primoriais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje”¹⁴.

Tolkien destaca que a “Fantasia é uma atividade humana natural”¹⁵, e com isso, buscou demonstrar que fantasiar é uma movimentação comum a todos. O autor aponta que esse exercício familiar aos humanos não implicará na destruição da racionalidade ou a sua difamação. Quão mais clara fora a razão, mais plausível a fantasia será:

Certamente ela não destrói ou mesmo insulta a Razão; e não torna menos aguçado o apetite pela verdade científica, nem obscurece a percepção dela.¹⁶

O ato de fantasiar faz parte de quem o homem é em essência e um dos frutos dessa atividade prática é o surgimento dos mitos. Ao afirmar isso, Tolkien não sugeriu que os frutos de uma atividade da Fantasia são falsos, ao contrário, são mais verdadeiros e legítimos do que se pensa. A partir do imaginário mitológico e fantástico, reencontramos o comportamento religioso e as estruturas do sagrado, porque eles proporcionam uma encadeamento constante de provas, mortes e ressurreições de experiências originalmente religiosas¹⁷, como costuma sugerir Eliade.

¹¹ ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. Coleção Debates, São Paulo: Perspectiva, 2020, p. 11

¹² Ibid, p. 12.

¹³ MCGRATH, Alister. *A vida de C.S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia*, 2013, p. 169.

¹⁴ ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. Coleção Debates, São Paulo: Perspectiva, 2020, p. 16.

¹⁵ TOLKIEN, J.R.R. Árvore e Folha. 2020, pp. 34-35

¹⁶ TOLKIEN, J.R.R. Árvore e Folha, p. 63, 2020.

¹⁷ ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. Coleção Debates, São Paulo: Perspectiva, 2020, p. 175

O professor Tolkien escreveu em seu ensaio filosófico “Sobre estórias de fadas” que “algo realmente superior é ocasionalmente vislumbrado na mitologia: a Divindade, o direito ao poder, a adoração devida; de fato, a religião”¹⁸. Para o autor, se o mito é uma invenção sobre a verdade, ele assumia que a tal verdade vinha de Deus, dado que os humanos foram criados a partir da divindade e todos os mitos que tecemos refletem o fragmento dessa verdade eterna que repousa em sua transcendência. O trabalho, em concordância com a visão tolkieniana, irá tratar a mitologia e as demais criações como aquilo que conceituamos como “Subcriação”, esta que opera a partir de lampejos da Verdade. Longe de serem mentiras, os mitos carregam a veracidade e eis a importância acadêmica do tema: os mitos e as próprias narrativas de J.R.R. Tolkien podem ser vistos como “produtos” subcriados que comunicam partes da Verdade. Veremos como o conceito da subcriação é aplicado na própria histórica ficcional de Tolkien e de que maneira algumas das histórias mais conhecidas do Ocidente, as narrativas bíblicas judaico-cristãs, influenciaram a saga mais famosa de fantasia de todo o mundo, isto é, “O Senhor dos Anéis”.

Ao abordar as atividades humanas significativas, essas narrativas apontam para pontos universais experimentados por pessoas de todas as culturas, tais como os dilemas entre obediência, bem, mal, verdade, mentira, morte, vida, rebeldia e sacrifício. Os mitos são capazes de conduzir o leitor a cada predicamento básico existente na realidade, como citamos acima, e sua relevância científica abrange a observação dos aspectos religiosos mitológicos em paralelo a teoria de Tolkien, sua influência nessas narrativas e respectivos impactos.

Deste modo, as histórias cristãs e as narrativas tolkenianas possuem como ligação a capacidade de retratar experiências originalmente religiosas. Diante do que foi exposto, a motivação da dissertação é, acima de tudo, examinar os vínculos existentes entre a História-Mãe de Tolkien, suas obras, a Subcriação e a Bíblia Sagrada.

Para Eliade, o homem da sociedade moderna ainda se beneficia com os contos de fadas devido ao seu caráter que expressa as “lutas contra o monstro, obstáculos aparentemente insuperáveis, enigmas a serem solucionados, tarefas impossíveis”¹⁹ e observaremos de que modo as histórias de Tolkien possuem essas características simbólicas. O foco a ser pesquisado são os diálogos existentes entre os mitos, o conceito de

¹⁸ TOLKIEN, J.R.R. Árvore e Folha. 2020, p. 37.

¹⁹ ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. Coleção Debates, São Paulo: Perspectiva, 2020, p. 174.

Subcrição e Deus nas histórias de J.R.R. Tolkien, além de analisar qual a relação destes com a religião cristã e ressaltar a relevância dessas narrativas.

O objetivo geral apresenta as aproximações entre a História-Mãe de Tolkien, como ela afeta as suas histórias e sua relação com a Subcrição e o poema “Mitopeia”, a fim de estabelecer se os mitos criados refletem algo que venha a se relacionar com o Criador. Ao longo do trabalho, serão evidenciados os fundamentos em comum que atuam nos mitos, a Escritura cristã no mundo tolkieniano e sua relação com a tese subcriadora.

A pesquisa fundamenta-se em referenciais teóricos que trabalham com os tópicos abordados anteriormente como J.R.R Tolkien, C.S. Lewis, Humphrey Carpenter, Holly Ordway, Wayne G. Hammond, Christina Scull e Mircea Eliade.

C.S. Lewis foi professor universitário em Oxford e Cambridge, poeta, crítico literário e ensaísta. Lewis passou a maior parte da vida exercendo a sua crença agnóstica, sendo um ateu convicto de suas ideias, até que tornou-se amigo professor J.R.R Tolkien, este que argumentava que Lewis deveria abordar “o Novo Testamento com o mesmo senso de abertura e expectativa imaginativa”²⁰ que dirigia aos mitos nórdicos, gregos e de culturas diversas em geral. A partir daí, uma longa conversação acerca da função da mitologia foi levantada, Tolkien saindo em defesa da legitimidade dessas narrativas como portadoras da verdade, enquanto Lewis afirmava que, apesar de falsas, elas possuíam seu valor como mentiras envoltas de prata.

Este diálogo estabelecido entre Tolkien e Lewis inspirou o primeiro de tal maneira que o levou a escrever o poema “Mitopeia”, dedicado ao homem que “descreveu o mito e as estórias de fadas como mentira”²¹. O poema “Mitopeia” (a criação de mitos) é o registro da interação entre dois personagens, o primeiro representado por Tolkien e o segundo, assumindo o papel de Lewis: Filomito, “Amante dos Mitos”, que busca apontar os equívocos da opinião de Misomito, “Inimigo dos Mitos”, aquele que julga os mitos como mentiras encobertas em prata. A intenção dos versos era testificar que os mitos cumpriam a sua função quando eram colocadas na esfera da Subcrição, isto é, um produto feito por seres limitados que espelhavam a imagem de um Criador ilimitado. Tolkien estabelece que há apenas uma Verdade: a narrativa contada por Deus. Uma vez sendo subcriador, ou seja, uma criatura que forja coisas em seu modo derivativo, as histórias que são escritas pelos homens refletem parte dessa verdade primária, em razão de toda verdade, citando João

²⁰ MCGRATH, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo às terras de Nárnia. 2019, pp. 168-169.

²¹ TOLKIEN, J.R.R. Árvore e Folha. 1ª ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

Calvino, é verdade de Deus. A mitologia, portanto, pode comunicar a verdade subjacente em nível secundário, ainda que confira uma visão finita a respeito do quadro total da realidade, esta última que Tolkien cria estar alinhada com a Bíblia.

C.S. Lewis não era o único autor que enxergava o mito como falsidade: esse pensamento é característico da era moderna e pós-moderna. As escolas brasileiras, a título de exemplo, costumavam explicar a existência da mitologia com a associação da ignorância característica da época. Quantas vezes nos foram ensinados que a criação do deus Zeus se deu diante dos fenômenos inexplicáveis das tempestades e trovões? Para muitos em nossa sociedade, os deuses e suas histórias surgiram apenas em decorrência aos dados da natureza que não poderiam ser esclarecidos com dados científicos ou outras abordagens. A nossa era condiciona, desde o princípio, a existência dos mitos à mentira.

Ciente de que seu amigo era adepto de tal visão, Tolkien investiu em um diálogo onde fazia relações entre mitos, histórias do Novo Testamento e a lógica da Subcriação para ensinar a Lewis que a mitologia pode oferecer verdades valiosas. As investidas de Tolkien não foram em vão, porque, após demonstrar as ligações entre o Novo Testamento e os mitos, Lewis escreveu uma carta ao seu amigo Arthur Greeves, afirmando que a ideia de sacrifício presente na mitologia é real, contudo, o ato sacrificial do mito cristão era vividamente mais tangível e concebível. Para Tolkien e posteriormente para Lewis, os mitos e a literatura bíblica-cristã possuem conexões muito próximas graças à atividade da Subcriação. Tolkien enxergava o mundo como um mito escrito e narrado pelo próprio Deus, que, por sua vez, chamava os humanos a narrarem seus próprios mitos em uma perspectiva subcriadora. Por meio dessa lógica estrutural, Tolkien argumentou que os mitos são muito mais do que mentiras inspiradas através da prata: antes de tudo, narram parte da verdade. Os grandes pontos a serem analisados é se Tolkien aplicou os conceitos de Subcriação em suas próprias histórias, *como* ele se relacionava com os mitos em geral e com sua História-Mãe, além de demonstrar os intercâmbios existentes entre as suas obras e a literatura judaico-cristã.

Mircea Eliade, professor, cientista das religiões e mitólogo, defende que a função mais importante do mito é a fixação de todos os modelos “exemplares de todos os ritos e de todas as atividades humanas significativas: alimentação, sexualidade, trabalho”²². Para ele, “o mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve

²² ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano, 2010, p. 51.

lugar no começo do Tempo, *ab initio*.²³ Eliade aponta que os mitos não apenas narram a origem de todas as coisas, como também transmitem todos os acontecimentos primordiais que tornam o homem quem ele é hoje. O escritor destaca que o mito, para as sociedades arcaicas, é muito mais importante do que os contos e as fábulas, dado que o mito é capaz de ensinar e expor as histórias basilares que “o constituíram existencialmente, e tudo o que se relaciona com a sua existência e com o seu próprio modo de existir”²⁴. Usando esse e diversos outros argumentos, o célebre teórico auxiliará no processo de construção do conceito de mito no atual trabalho.

Tendo como objetivo da presente pesquisa conhecer as semelhanças entre histórias bíblicas com as histórias de Tolkien e referenciando a Subcriação e a Mitopeia, esta pesquisa é fruto da revisão bibliográfica em torno do trabalho de Humphrey Carpenter, Holly Ordway, Wayne G. Hammond e Christina Scull, cada um deles sendo especialista, de algum modo, na vida, pessoa e obra de J.R.R. Tolkien. Ao entrar em contato com essas obras, o leitor há de compreender as nuances e complexidades que trouxeram Tolkien ao lugar global de destaque que lhe é devido, sem dispensar, em momento algum, a potência da sua fé. Das obras examinadas, cada autor defende, à sua forma, a legitimidade e influência da fé cristã na construção do Legendarium.

A atual dissertação se dividirá em três capítulos: o primeiro será “A História-Mãe e as Narrativas-Particulares de J.R.R. Tolkien”, onde trataremos do Estado da Arte que reunirá um acervo de conceitos e noções acerca dos seguintes conceitos: História-Mãe, Narrativas-Particulares e Universais. Ao longo deste primeiro tópico, veremos de que forma esses três termos serão aplicados na vida de J.R.R. Tolkien, sua história e sua relação pessoal com os mitos e a religião cristã em especial, desde os primeiros anos de formação. Este tópico cuidará, essencialmente, de como Tolkien, desde o princípio de sua jornada, se interessava pelos temas que, posteriormente, inseriu em seu mundo imaginário: o amor pelas árvores, a paixão pela criação de idiomas, o interesse pelos mitos de diversas culturas e a sua devoção ao catolicismo desde a infância. Cada um desses elementos surgem em suas tramas fictícias futuras, seja em larga ou pequena escala, e exercem profunda e absoluta influência sob sua existência.

O segundo capítulo tratará da “A História-Mãe na literatura de J.R.R. Tolkien”, onde visualizaremos as faces do cristianismo, isto é, de que forma a religião cristã está

²³ Ibid, p. 40.

²⁴ ELIADE, Mircea, Mito e Realidade, 2020, p. 13.

presente na narrativa criada de Tolkien. Será este o momento em que nos alongaremos nas múltiplas comparações existentes entre a fé cristã, a narrativa bíblica e os livros de Tolkien, onde compararemos inúmeros trechos, citações e personagens dessas culturas distintas. É sabido que Tolkien jamais fora a favor de analogias diretas, contudo, estudiosos de sua vida e obra concordam que é possível detectar influências que não comprometem a originalidade das histórias do autor.

O terceiro capítulo concentra-se especificamente em uma questão: são os mitos mentiras envoltas em prata ou portadores de verdades? Pode-se dizer que as páginas finais serão destinadas a aplicação da Subcrição e a interpretação do poema Mitopeia, este que pretende revelar os mitos como veículos de verdades subjacentes. Esse será um estágio importante para a construção final do sentido do trabalho, dado que contaremos com a ajuda do reformador João Calvino e o seu conceito sobre toda verdade pertencer a Deus para estruturar essa hipótese. É notável que essa tese é o elo que permeia cada página da dissertação, porque Calvino e Tolkien se unem para trabalhar a ideia de que mesmo que uma verdade esteja sendo anunciada por alguém que não pertence a fé cristã, ela não é ilícita ou menos verdadeira: toda verdade vem de Deus. Esse conhecimento revolucionário vindo da parte de Calvino foi aplicado especialmente nos casos em que um “descrente” dizia a verdade a respeito de qualquer realidade, mas logo ela era posta em dúvida devido a sua procedência. Ao contrário da prática comum de tantos cristãos, Calvino e Tolkien rejeitam tal posição, dado que sua crença era distinta: independente de quem a falasse, a verdade sempre seria a verdade.

Após a análise de cartas e livros que estruturarão a dissertação, espera-se que seja possível explorar trechos das histórias de Tolkien e versos do seu poema Mitopeia a fim de analisar a criação dos mitos e vinculá-los com o ideal de Verdade previamente dialogado por C.S. Lewis e J.R.R. Tolkien, no intuito de observar se, de fato, a sua teoria é aplicável ou não. As páginas a seguir proporcionarão um voo em diferentes cenários: da Terra-Média à Antiga Israel dos tempos bíblicos sob a ótica da Subcrição. O que esses núcleos possuem em comum?

A História-Mãe e Narrativas Particulares de J.R.R. Tolkien

Afirmar que a vida é uma narrativa é o mesmo que dizer que ela contém início, meio e fim, de forma que a cadeia de fatos que são organizados com o passar do tempo pode refletir um compilado narrativo complexo da experiência humana. O nascimento é o marco do início, enquanto todo o caminho trilhado até a morte – que, para muitos, é o fim — seria o meio. Em cada história vivenciada pelos seres humanos, existem certos personagens mais destacados que outros. As histórias que moldam o indivíduo são aquelas que norteiam o que é valioso e aquilo que é supérfluo, e essa dinâmica resulta na consequência de alguns fatos despertarem mais atenção do que outros.

Um exemplo pode ser dado se nós imaginarmos um sujeito que valoriza muito a música como meio terapêutico. A música como ferramenta não é uma ideia recente: antes de tudo, já se tornou uma prática clínica com respaldo científico. Imagine que o governo estabeleceu uma proposta pública a respeito das oportunidades de crianças de uma comunidade, estas que serão engajadas em projetos gratuitos de música. Desse modo, os personagens ou fatores situacionais que apontam para “cenas” como esta em um momento posterior sempre estimular o interesse desse personagem. Imagine, entretanto, que este mesmo sujeito que aprecie a música como ferramenta terapêutica foi convidado para assistir uma palestra a respeito do esporte como prática de socialização de crianças, atividade essa acobertada por pesquisas e teses que comprovam sua veracidade. O indivíduo não gosta de esportes do mesmo modo que ama música, portanto, esse dado da narrativa onde o esporte é valioso não será tão importante quanto a da música, ainda que ele reconheça que nela, exista certa relevância.

Todo ser, ao escolher em qual narrativa acredita, acaba por eleger também qual é a história central que compõe o que eu chamo de Narrativas-Base. As Narrativas-Base são aquelas que constroem quem aquele humano é, a partir de suas crenças inegociáveis

e elas podem ser constituídas a partir de dois grupos iniciais: as Narrativas Universais — cristianismo, budismo, existencialismo, niilismo ou outro sistema mundial de crença — que são correntes de pensamentos antigas e com muitos adeptos, e as Narrativas Particulares de menor porte, sabendo que são elas as que surgem a partir das vivências pessoais de cada um em eventos verdadeiramente canônicos. Cada narrativa é como um tijolo que ergue a construção de quem este ser é, afetando profundamente a visão do início, meio e fim de sua história. Uma vez que uma narrativa é eleita como verdadeira, as outras tornam-se falsas, incoerentes ou são meramente rejeitadas, se esta for a conclusão assumida pelo sujeito em questão. Também é possível que o sujeito não descarte as demais narrativas, mas demonstra acentuada preferência aquela que o apraz.

Inserida no grupo das Narrativas-Base, uma Narrativa Universal é aquela que pode se tornar a mais fundamental. Ela ordena todas as outras e oferece um novo sentido às Narrativas Particulares, isto é, as histórias pessoais do indivíduo que envolvem seus afetos, desgostos e que, de um jeito ou de outro, o fazem ser exatamente quem é. Quando um sujeito toma posse de uma grande narrativa a qual está convencido de que se trata da própria verdade, ela ganha significativa importância dentre as demais, podendo ser intitulada de História-Mãe, porque é ela aquela que dá sustento às demais narrativas que foram acolhidas pelo indivíduo ao longo de sua vida. Suas escolhas e passos passam a refletir a História-Mãe a qual é devoto, transformando consideravelmente sua perspectiva a respeito de todas as demais narrativas que existem paralelamente. Os escritores Craig G. Bartholomew e Michael W. Goheen apontam que cada um de nós, quer estejamos conscientes ou não, estamos fazendo parte de uma Metanarrativa que estrutura e dá sentido à experiência de nossa existência²⁵, ainda que o significado seja “o mundo é um caos desprovido de significado”.

Se estamos diante de uma pessoa que é adepta ao Islamismo como História-Mãe, ela não verá o mundo através de outras lentes senão as de sua fé: os episódios de sua vida não são de natureza aleatória, porque tudo é pertencente da esfera islâmica que confere essência a sua vida.

A partir disso, Alasdair MacIntyre em seu livro “After virtue” aponta que nossa percepção é regulada por alguma história essencial, uma vez que somente posso “responder a pergunta: o que devo fazer: se puder responder à pergunta anterior: ‘de que

²⁵ BARTHOLOMEW, Craig G. GOHEEN, Michael W. O Drama das Escrituras: encontrando o nosso lugar na história bíblica, Edições Vida Nova, 2017, p. 23.

narrativa eu creio que faço parte?”²⁶. A História-Mãe é aquela que institui os valores e princípios, uma vez que é por meio das linhas dessa narrativa que o sujeito passa a conceber a ideia do mundo ao redor.

A História-Mãe não apenas define o que uma pessoa entende como importante ou desimportante, verdadeiro ou falso, mas também influencia aquilo que ela assume como certo e errado. Craig G. Bartholomew e Michael W. Goheen toma, em seu livro, o divórcio como exemplo para ilustrar esse ponto. Para alguém cuja História-Mãe não enxerga o casamento como elo eterno, o divórcio é aceitável caso um dos cônjuges não deseje mais prosseguir naquele relacionamento por qualquer motivo que seja: prioridades diferentes, o amor transformou-se em amizade ou mesmo quando a relação se desgasta. Por outro lado, os cristãos não assumem o divórcio como uma decisão que orne com a História-Mãe, o evangelho, e, consequentemente, a maior parte desses fiéis entendem que o divórcio está “muito longe do ideal que Deus tem em mente para um homem e uma mulher unidos no casamento”²⁷.

Lesslie Newbigin, teólogo e autor britânico, declara em seu livro “O evangelho em uma sociedade pluralista”, que o modo de entendermos a vida humana depende de “que concepção temos da história humana. Qual é a verdadeira história da qual a minha vida faz parte?”²⁸. Partilhando da mesma visão, Bartholomew e Goheen sugerem que “ser humano significa adotar alguma história básica desse tipo por meio da qual entendemos nosso mundo e traçamos nosso caminho nele”²⁹. O teólogo Newbigin, após anos e mais anos trabalhando entre hindus e muçulmanos na Índia, pôde constatar que as convicções principais daquelas pessoas giravam em torno das histórias fundamentais de sua fé. A fé era um elemento ordenador dos afetos, escolhas, sentimentos e posicionamentos dos seres que ele encontrou ao decorrer do tempo. Dentre todas as narrativas que formam um ser humano, a fé parece ser, em muitos momentos, a principal destas, podendo ser chamada de História-Mãe, pois ainda que as Narrativas Particulares — aquelas que nascem a partir de nossas vivências — sejam transformadas, a História-Mãe, a única verdadeiramente fundamental, segue sendo o manancial cujas águas abundam todas as histórias menores.

Os seres humanos, portanto, são seres narrativos, constituídos de histórias e

²⁶ MACINTYRE, Alasdair. *After Virtue*. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1981, p. 216.

²⁷ Ibid.

²⁸ NEWBIGIN, Lesslie. *The gospel in a pluralistic society* (Grand Rapids: Eerdmans, 1989, p. 15).

²⁹ Ibid, pp. 23-24.

guiados por uma História-Mãe, que geralmente pertence a alguma do grupo das Narrativas Universais, e é ela que se torna a narrativa mais essencial e basilar que o sustenta. Bartholomew e Goheen pontuam que “ser humano significa adotar alguma história básica desse tipo por meio da qual entendemos nosso mundo e traçamos nosso caminho nele”³⁰, apesar de que nem todos os humanos estão conscientes da história a qual acreditam. De todo modo, até aqueles que não estão conscientes disso depositam suas crenças em alguma História-Mãe, ainda que não saibam se posicionar a respeito disso de maneira consciente. A narrativa mais fundamental da vida de um indivíduo sempre busca responder questões importantes que seguem uma afirmação ou proposição fundamental. Especialmente as Narrativas Universais, isto é, as religiões e filosofias mais grandiosas, oferecem respostas distintas para perguntas que, ora ou outra, surgem no coração humano. Quando tocamos nesse tópico, Goheen e Bartholomew explica como esse processo acontece:

Pense, por exemplo, sobre a pergunta a respeito do que significa ser humano. Essa é uma questão realmente importante, de que todas as histórias tratam. No século 21, muitos de nós lidam com questões a respeito de quem somos. [...] Repetidamente ouvimos uma resposta a essa pergunta de muitas direções diferentes e em muitas vozes.³¹

Cada História-Mãe busca fornecer respostas mediante o seu sistema de características e ideais, e sua configuração aspira pela verdade, assim como o homem que deposita nela a sua confiança e crença:

Uma tese central começa então a surgir: o homem está em suas ações e práticas, assim como em suas ficções, essencialmente um animal contador de histórias. Ele não é essencialmente, mas torna-se, através da sua história, um contador de histórias que aspiram para a verdade. Mas a questão chave para os homens não é sobre a sua própria autoria; Só posso responder à pergunta 'O que devo fazer?' se eu puder responder o anterior pergunta 'De que história ou histórias faço parte?' Entramos numa sociedade, isto é, com um ou mais personagens imputados - papéis nos quais foram elaborados - e temos de saber quais são para podermos entender como os outros respondem a nós e como nossas respostas a eles estão aptos a serem interpretados.

³⁰ BARTHOLOMEW, Craig G. GOHEEN, Michael W. O Drama das Escrituras: encontrando o nosso lugar na história bíblica, Edições Vida Nova, 2017, p. 24.

³¹ Ibid, p. 26.

Uma vez entendendo que os seres humanos são seres narrativos compostos por Narrativas-Base — como a religião — e Narrativas Particulares, as histórias pessoais de sua existência, nós somos produtos dessas múltiplas influências que nos constroem. A História-Mãe³² dos filósofos se espelha em suas filosofias bem articuladas, assim como a dos políticos que projetam em suas pautas os princípios aprendidos com sua história *mater*. Além dessas características, a história que move nossas crenças e ideias se faz presente no que produzimos, em menor ou maior grau. Os escritores, por exemplo, refletem inúmeros vislumbres de sua História-Mãe em suas palavras impressas e J.R.R. Tolkien é uma dessas figuras, resultado de muitas histórias reais e fictícias, incluindo aquelas que ele mesmo escreveu ao mesmo tempo em que professou uma História-Mãe sólida, como veremos a seguir.

Tom Shippey, um dos maiores especialistas em J.R.R. Tolkien do mundo, nos auxiliou com alguns dados a respeito do autor em questão. Nas primeiras páginas do seu livro *Author of the Century*, ele escreve que Tolkien nasceu na África do Sul, mas “foi criado em Birmingham e arredores”, e mesmo não sendo naturalmente nativo da terra onde cresceu, ele se viu “profundamente enraizado nos condados do Midlands Ocidentais Ingleses”³³. Talvez tenha havido um notável sentimento de pertencimento às terras inglesas, motivo este que levou a frente o título de autor “inglês” ao decorrer do tempo, e não propriamente africano.

Na infância, o pequeno Tolkien morou na Casa do Banco, onde era levado a passear no jardim ao amanhecer e ao entardecer no intuito de observar o trabalho do seu pai no jardim, além de apreciar o bosque de ciprestes, abetos e cedros, este trajeto que despertou o seu explícito amor pelas árvores. Um outro ponto igualmente fundamental de sua infância foi o contato notável com as histórias, estas contadas por tia Grace, irmã de Arthur Tolkien, seu pai. As narrativas se dirigiam a genealogia e enredos vividos pelos ancestrais dos Tolkien, ainda que parecessem improváveis ou mesmo impossíveis; esse exercício diário de contaçāo de histórias começou a exercitar e enriquecer o imaginário da criança, iniciando um longo caminho onde o pequeno Ronald Tolkien percorreria pelos anos seguintes. Desse modo, não é incorreto afirmar que o amor pelas árvores, histórias e narrativas integrou parte do espaço das Narrativas-Particulares do

³² O conceito “História Mãe” também foi utilizado no texto de Cauê Oliveira, posteriormente creditado neste trabalho.

³³ SHIPPEY, Tom. J. R. R. Tolkien: Author of the Century. HarperCollins, 2001.

autor.

Os Tolkien tinham opiniões divergentes quanto ao motivo e à época em que os ancestrais haviam chegado à Inglaterra. [...] Os Tolkien sempre gostaram de contar histórias que dessem um tom romântico às suas origens, mas, qualquer que fosse a verdade contida nelas, a família era, à época da infância de Ronald, inteiramente inglesa no caráter e na aparência, indistinguível das milhares de famílias de comerciantes de classe média que habitavam os subúrbios de Birmingham.³⁴

Tolkien, ainda na infância do campo, foi instruído por sua mãe a respeito de diversos assuntos: línguas, música e, principalmente, botânica, desenho e literatura, estas áreas desempenhando uma função fundamental em sua vida. A primeira era um assunto o qual muito lhe atraía, de acordo com os pesquisadores Wayne G. Hammond e Christina Scull, as línguas foram essenciais para a educação dos anos de formação de Tolkien, assim como o encaminhou em direção a Oxford, “onde durante cinco períodos estudou latim, grego, filologia e outras requisitos para o primeiro exame, Moderação de Honra”³⁵.

Tolkien também dirigia atenção especial à sua habilidade artística de desenhos e ilustrações. Carpenter assegura que apesar de gostar de desenhar árvores, Tolkien gostava “mais ainda de estar com árvores e brincar com seu irmão Hilary nos campos. Subia nelas, encostava-se nelas e até falava com elas”³⁶ e ficou muito deprimido ao notar que nem todos compartilham desse mesmo sentimento. Mais tarde, iremos observar como esse amor por árvores e pela natureza foi projetado em suas obras, especialmente quando construiu a sua mitologia: muito provavelmente inspirado pelos espíritos das árvores presentes em mitologias culturais que estudou, Tolkien inseriu o espírito vivente em algumas árvores da Terra Média. O leitor observa isso quando conhece Barbárvore, sendo descrito pelo autor como a coisa viva mais antiga que ainda caminha sob o Sol nesta Terra-Média. O amor pela natureza, combinando com o apreço pelas árvores, soma mais uma linha das Narrativas-Particulares de Tolkien, porquanto envolve seus afetos que, de um jeito ou de outro, o fazem ser exatamente quem é.

³⁴ CARPENTER, Humphrey, J.R.R. Tolkien – uma biografia, 2023, p. 31.

³⁵ SCULL, Christina. HAMMOND, Wayne G. The J. R. R. Tolkien Companion and Guide, p. 886. Tradução própria.

³⁶ CARPENTER, Humphrey, J.R.R. Tolkien – uma biografia, 2023, p. 35.



Figura 9: Tolkien in Oxford's Botanic Garden, 1973. Photograph: The Tolkien Trust 1977.

Além desses hábitos, o pequeno Tolkien recebia de sua mãe “uma porção de livros de histórias”³⁷, divertindo-se com “Alice no País das Maravilhas” e dando uma preferência às narrativas que possuíam em seu enredo armas como arco e flecha. Nessa mesma época, conheceu o autor George MacDonald, autor de fantasia, e dirigiu o seu afeto ao livro em que o escritor o apresentou ao reino dos gobelins deformados que viviam nas montanhas. De uma forma ou de outra, criaturas semelhantes às de MacDonald surgiram em novas roupagens em sua própria história, sendo chamados de Orcs, seres que viviam no interior das Montanhas Nevoentas. Andrew Lang, autor de “Red Fairy Book”, foi outro escritor que exerceu uma influência poderosa, encantando o leitor Tolkien especialmente com a história de Sigurd, este que assassinou o dragão Fáfnir com ânimo e epicidade. “Eu desejava dragões com um desejo profundo”, Tolkien declarou posteriormente, dado que “o mundo que continha até mesmo a imaginação de Fáfnir era mais rico e mais belo, fosse qual fosse o custo do perigo”³⁸. Christina Scull e Wayne G. Hammond, escritores de “The J. R. R. Tolkien Companion and Guide” que Tolkien, esclarecem que Tolkien encontrou Lang nos livros de fadas, sendo impressionado especialmente pelo Livro Vermelho de

³⁷ Ibid, p. 36.

³⁸ Ibid.

Fadas. Lang é conhecido majoritariamente por ser um exímio escritor de histórias fantásticas, e também dono de coleções de contos de fadas que foram compiladas especialmente com o objetivo de serem “produtos de um estudo sério de mito, folclore e ritual no qual ele mudou radicalmente as idéias geralmente aceitas sobre suas origens e história”³⁹. Desta forma, Tolkien, ainda criança, se debruçou em direção a narrativas que valorizavam o mítico e rememoraram o folclore.

‘Lang nos ensinou que o folclore não é, o que ainda era para a escola de Grimm, o resíduo degradado de uma mitologia superior, mas essa mitologia superior ou literária repousa na base do folclore. Aquele que demonstrou isso e fez disso uma chave para os recantos mais sombrios da mitologia clássica conferiu um benefício ao mundo da aprendizagem e era um gênio’ (“Andrew Lang”, Quarterly Review (Londres) 218, nº. 435 (abril de 1913), pp. 311, 318).⁴⁰

De certo modo, Lang buscava ensinar que a mitologia é a base de todo folclore, de modo que um depende intencionalmente do outro. O apreço pelo trabalho deste autor se estendeu por anos a frente, quando Tolkien, já adulto, pode referenciá-lo em outros momentos de sua carreira já estabelecida:

Quando ele foi convidado para dar o décimo primeiro Andrew Lang Palestra na Universidade de St Andrews (*Escócia) que ele escolheu para falar contos de fadas: ele proferiu *On Fairy-Stories em St Andrews em 8 de março 1939. Nessa palestra ele se refere frequentemente, direta e indiretamente a Andrew Lang. Seu texto, extensas notas e rascunhos revelam um estudo minucioso de algumas das obras de Lang e outros materiais relacionados. Tolkien declarou mais tarde que seu trabalho nesta palestra desenvolveu suas idéias sobre o que qualidades que os contos de fadas e a fantasia deveriam ter, e a maneira correta de escrever para crianças.⁴¹

Scull e Hammond informam que, ao iniciar seus rascunhos a respeito da natureza dos contos de fadas e mitos, Tolkien comentou que aquele era o tipo de assunto que Lang

³⁹ SCULL, Christina. HAMMOND, Wayne G. The J. R. R. Tolkien Companion and Guide, p. 880. Tradução própria.

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ Ibid.

se interessava e conhecia profundamente, tendo feito contribuições brilhantes e originais, na opinião do autor.⁴²

Um outro aspecto imprescindível que se soma a botânica, as línguas e a literatura e passou a integrar suas Narrativas-Particulares foi a religião. Carpenter explica que desde a trágica morte do Sr. Tolkien, o cristianismo “desempenhava um papel cada vez mais importante na vida de Mabel Tolkien”⁴³. Domingo a domingo, a matriarca se dirigia ao templo da High Church com seus filhos, até que passaram a frequentar os trabalhos em uma igreja de Sant’Ana, na Alcester Street. Quando Mabel morreu, a fé dos Tolkien não se foi junto a ela: as crianças auxiliaram todos os dias o padre Francis na missa, “no seu altar lateral predileto da igreja do Oratório”⁴⁴, tornando-se cada vez mais familiarizados com a ordem do culto católico. A religião desempenhou um papel central na vida de Tolkien, um aspecto basilar de sua existência e de sua carreira.

A pesquisadora e doutora Holly Ordway pela University of Massachusetts Amherst se dedicou a expor ao mundo a relevância da fé cristã desempenhada na vida de J.R.R. Tolkien. Após a ampla aceitação de “O Senhor dos Anéis”, fato é que a vida notavelmente religiosa de Tolkien não é a pauta principal de suas biografias e textos documentais. Existem aqueles que desconsideram esse fator de maneira quase total, como se sua influência fosse nula ou irrelevante. De acordo com Ordway, esse tipo de pensamento pode resultar na ideia da “fé como um pano de fundo genérico”⁴⁵. Discordando dessa sentença, Ordway propõe:

a sua fé não era feita de papelão ou gesso; não foi chato nem fácil. Ao relembrarmos sua vida completa, pode parecer inevitável ou óbvio que ele declarasse a um entrevistador: “Sou católico romano. Católico romano devoto”.⁴⁶

Contrariando muitos leitores e telespectadores dos filmes, a fé cristã de Tolkien ocupava o lugar da História-Mãe, aquela que conduz, estrutura e fundamenta o seu

⁴² SCULL, Christina. HAMMOND, Wayne G. The J. R. R. Tolkien Companion and Guide, p. 882. Tradução própria.

⁴³ CARPENTER, Humphrey. J.R.R. Tolkien: uma biografia. Editora: Harper Collins: 2018, p. 37.

⁴⁴ Ibid, p. 49.

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ ORDWAY, Holly. A Fé de Tolkien: Uma Biografia Espiritual. Editora Word on Fire Academic, 2023. Tradução própria.

entendimento a respeito da vida e do mundo. Desde a morte da sua mãe, a crença cristã passou a ocupar um lugar inegociável em seu ser:

Sua filha, Priscilla, lembra-se dele como “um cristão devoto” com “uma forte fé religiosa”; “ele preocupava-se profundamente com a sua fé religiosa.”⁷ O seu filho John diz que a sua fé “permeava todos os seus pensamentos, crenças e tudo o mais. . . . ele foi muito, sempre cristão.” Seu sobrinho Julian recorda a “forte fé” e os “fortes princípios cristãos” do seu tio. Os seus netos concordam: Simon descreve-o como “um católico romano devoto”; Joanna refere-se à “sua profunda crença em Deus”; Michael George observa que “meu avô tinha uma fé profunda e nutritiva”.⁴⁷

Quando Tolkien já ocupava o papel de um grande autor, muitos buscavam vincular sua produção criativa às mais diversas influências, como seus interesses em línguas ou o seu amor pelos campos. “Sabemos que os seus interesses linguísticos e a sua infância numa aldeia de Worcestershire foram de facto imaginativamente formativos”, comenta Ordway, “mas segundo o próprio cálculo de Tolkien, sua fé era mais importante para a compreensão de seus escritos do que qualquer um desses”⁴⁸. A proposição proferida por Ordway é aquela que encaminha a nossa atenção a uma verdade tantas vezes negada: antes mesmo de seus interesses à filologia, tão mais relevante fora a sua fé como chave da compreensão de seus textos.

O mundo da Terra Média não é uma alegoria religiosa. Mas isso não quer dizer que não esteja ligado à religião cristã em que Tolkien realmente acreditava. Na verdade, ele poderia ficar um pouco irritado quando os entrevistadores não entendessem esse ponto. “É claro que Deus está em O Senhor dos Anéis. O período era pré-cristão, mas era um mundo monoteísta.” O entrevistador perguntou: “Monoteísta? Então quem era o Deus Único da Terra Média?” Tolkien, surpreso, respondeu: “Esse, claro! O livro é sobre o mundo que Deus criou – o mundo real deste planeta.”⁴⁹

Ao investigar a vida de Tolkien, suas interações sociais, amizades e círculos acadêmicos, Ordway aponta que sua fé não estava guardada em um comportamento oculto ou escondido: ela era um aspecto integral de quem ele era, e costumava se manifestar de modo natural e diário à vista daqueles que interagiram com sua pessoa. A crença cristã do autor estava à mostra de todos, embora muitas tenham sido a tentativa de vetar sua

⁴⁷ Ibid, p. 15.

⁴⁸ Ibid, pp. 16-17.

⁴⁹ Ibid.

existência e influência em suas obras fictícias. Para Tolkien, o catolicismo era a História-Mãe que regia suas ações, afetava os seus pensamentos e embasava suas idéias.

Um tema repetido nas lembranças daqueles que o conheceram é o quanto integral sua fé era com toda a sua pessoa; manifestou-se de maneira natural e não foi apresentado de maneira estranha ou ostensiva. Seu amigo Havard observou que suas convicções eram “aparentes... mas nunca desfilou.”. O capelão do hospital comentou: “ele não colocou isso no balcão para vocês e disse: ‘é isso, rapazes’. Clyde Kilby, que o ajudou em seu trabalho no Silmarillion, conseguia se lembrar de “nenhuma visita que fiz à casa de Tolkien em que a conversa não caísse facilmente em uma discussão sobre religião, ou melhor, cristianismo. Ele me contou que muitas vezes lhe contaram uma história como resposta à oração.” Kilby acrescentou que ficou impressionado com a naturalidade da fé de Tolkien: “ele simplesmente lançava essas coisas: conversando ao telefone com um amigo padre, eu o ouvi dizer no final da conversa: ‘Bem, que o Senhor o abençoe’ no tom de sentimento mais sincero.⁵⁰

Se considerarmos a invenção da Terra Média e a escrita de histórias de Tolkien como um exercício artístico, este foi definitivamente afetado por sua crença. Tolkien, de acordo com Ordway, argumentava que era impossível separar fé e arte. A pesquisadora explica que essa ideia é demonstrada em seu ensaio “Sobre estórias de fadas”, onde ele expressa que os humanos foram desenhados à imagem e semelhança de Deus, e assim como “Deus é criativo, seríamos menos que humanos se não expressássemos esse lado da nossa natureza”⁵¹. Ao afirmar que nós criamos na nossa medida e em nosso modo derivativo por termos sido feitos à imagem e semelhança de um Criador, Tolkien vinculava a criatividade a Deus. Como reiterou o escritor Clyde Kilby: “Ele acreditava que a criatividade em si é um dom de Deus”⁵², e essa convicção afeta a visão que ele possuía sobre inúmeros temas, incluindo a produção dos mitos.

Joseph Pearce, um escritor inglês, destaca que conhecer ou conviver com Tolkien envolvia lidar com ao menos dois aspectos de sua personalidade que o acompanhavam desde muito cedo: sua conversão ao catolicismo e o seu apreço por mitologias. Em suas próprias palavras, o encontro de Tolkien com a fé cristã foi o que possibilitou que o autor desvendasse e formasse as suas posições filosófica acerca do mito, na mesma medida em que o inspirou “não apenas a “magia” dos seus livros, mas também a conversão do seu

⁵⁰ Ibid, p. 18.

⁵¹ Ibid.

⁵² Ibid, p. 18. IN: KILBY, Clyde. Meeting Professor Tolkien.

amigo C.S. Lewis ao Cristianismo”⁵³. “A fé cristã de Tolkien”, afirma Pearce em seu livro “Catholic Literary Giants: A Field Guide to the Catholic Literary Landscape”, “é frequentemente ignorada pelos críticos” e quando é mencionada, “é descartada como uma aberração que tem pouco ou nenhum efeito sobre a sua Subcrição”⁵⁴ e essa parte se prova verdadeira, porque, por anos, a fé de Tolkien era um assunto pouco abordado em entrevistas, coletivas e artigos que objetivavam discutir e expor a biografia de sua pessoa. A questão é que muito mais do que ser um aspecto particular de sua vida, a fé cristã de Tolkien abrangia o modo em que ele tratava os seus alunos, o seu estilo de vida, bem como a pena que escrevia suas histórias.

Toda arte, expressão e manifestação pode vir a refletir a História-Mãe do artista. Uma vez que enxerguemos as obras literárias de Tolkien como expressões artísticas, haveremos de admitir, mais uma vez, as marcas do cristianismo que existem em seu mundo fictício. Em consonância com essa ideia, Ordway articula:

A arte refletirá necessariamente algo das crenças mais profundas do artista, sejam elas quais forem, pelo menos em algum nível, por mais sutis ou implícitas que sejam. Para Tolkien, a fé não era apenas um conjunto de opiniões superficiais, mas algo integrante do seu verdadeiro caráter – e da sua própria auto-compreensão como autor. Assim, segue-se que, se quisermos compreender e apreciar os escritos de Tolkien em todo o seu grau, precisamos de chegar a uma compreensão daquilo que ele próprio identificou como central para a sua identidade: a sua fé, que não podia ser dissociada da sua arte.⁵⁵

Esses comentários e depoimentos favorecem a visão de que Tolkien não possuía uma fé enfraquecida, banal ou meramente “nominal”, título conferido quando se confessa o pertencimento a uma religião mas não a pratica, porquanto ela destacava-se como uma característica essencialmente definida e constante, abraçando mesmo as áreas mais distintas de sua vida. Seja entre amigos, no seio de sua família ou em sua escrita, a crença católica estava lá, influenciando seus posicionamentos e atitudes. Para ilustrar com mais veemência esse fato, Ordway relata a vez em que o autor recitou o Pai Nosso sempre que ia

⁵³ FIELD, J. Fraser. Entrevista com o autor Joseph Pearce sobre “O Senhor dos Anéis”. CERC - Centro de Recursos Educacionais Católicos.

<https://catholiceducation.org/en/culture/interview-with-author-joseph-pearce-on-lord-of-the-rings.html>. Acesso em 14/10/2024..org/en/culture/art/j-r-r-tolkien-truth-and-myth.html

⁵⁴ PEARCE, Joseph. Catholic Literary Giants: A Field Guide to the Catholic Literary Landscape. 2014, p. 272.

⁵⁵ ORDWAY, Holly. A Fé de Tolkien: Uma Biografia Espiritual. Editora Word on Fire Academic, 2023, pp. 18-19. Tradução própria.

“se aventurar em novos territórios”, como aconteceu na vez em que executou a gravação mecânica inicial de sua própria voz:

Quando seu amigo George Sayer o convidou para testar um dos primeiros gravadores – uma “grande caixa preta” de aparência bastante assustadora – Tolkien o surpreendeu ao fazer uma espécie de ‘exorcismo’ dele: “Primeiro ele gravou o Pai Nossa em gótico para expulsar o demônio que certamente estaria nele, já que era uma máquina.” Então, “surpreso e muito satisfeito” com os resultados, ele gravou vários poemas de *O Senhor dos Anéis*. Houve sem dúvida um toque de diversão nas ações de Tolkien, mas até mesmo Sayer observou que “não era apenas capricho.” Embora não fosse ludita, Tolkien tinha profundas preocupações sobre a maneira como as máquinas eram tão prontamente utilizadas para fins de coerção e desumanização. Ele também tinha um profundo senso de humildade pessoal em relação ao seu trabalho. Se esta máquina fosse útil, melhor que ela o ouvisse primeiro recitando o Pai Nossa do que qualquer uma de suas próprias palavras.⁵⁶

A vida de Tolkien, portanto, foi regada por muitos aspectos específicos e determinantes que moldaram sua personalidade e posicionamento acadêmico. Nos anos iniciais de formação, as Narrativas-Particulares do jovem Ronald foram constituídas a partir dos campos floridos e verdejantes, as leituras com sua mãe Mabel, as aventuras com seu irmão Hilary e a religião. Todos esses aspectos provocaram o que Duriez chamou de epifania que “assinala o nascimento das histórias de seu mundo inventado da Terra-média”⁵⁷.

Uma outra vivência foi acrescentada na área das Narrativas-Particulares quando sua paixão por línguas foi totalmente fecundada. Mediante ao que foi exposto, já é sabido que Tolkien, desde pequeno, alimentava uma paixão pelas línguas. Scull e Hammond relatam em “The J. R. R. Tolkien Companion and Guide” que Tolkien, quando ainda era criança, foi introduzido a outras linguagens além do inglês. Mabel Tolkien “iniciou sua educação em latim, francês e alemão, e estudou latim e grego na King Edward's Escola, Birmingham”⁵⁸. Anos depois, quando ingressou em Oxford, sua afeição foi expandida quando ele estudou latim e grego por cinco períodos e, nesta mesma época obteve um ‘alfa’ em seu artigo de Filologia Comparada.

⁵⁶ Ibid, p. 61.

⁵⁷ CARPENTER, Humphrey. J.R.R. Tolkien: uma biografia. Editora: Harper Collins: 2018, p. 37.

⁵⁸ SCULL, Christina. HAMMOND, Wayne G. The J. R. R. Tolkien Companion and Guide, p. 886. Tradução própria.

Fiquei muito impressionado com seu entusiasmo e aptidão especial para a filologia, qualidade cada vez mais rara entre os nossos estudantes mais jovens; e acredito que ele agora alcançou uma posição de liderança posição na esfera do estudo filológico e provará seu valor de alto valor para a Universidade neste departamento. Eu acredito nele também possuir não apenas uma habilidade linguística especial, mas também uma verdadeira interesse pelos primeiros monumentos da nossa literatura. [*Um Candidatura para a cátedra Rawlinson e Bosworth de Anglo-saxão na Universidade de Oxford por J.R.R. Tolkien, Professor de Língua Inglesa na Universidade de Leeds, junho 25, 1925.]

Scull e Hammond apontam que em julho de 1910 “uma das cinco matérias que ele fez e passou nos exames de Oxford e Cambridge Higher Certificate”⁵⁹ envovia a Filologia. Dessa forma, o jovem iniciou oficialmente os seus estudos em filologia, a ciência das palavras, sendo incentivado por um estudioso chamado George Brewerton, este que incentivou Ronald no trabalho com o anglo-saxão. A filologia irá ocupar um lugar especial em sua vida, como iremos compreender nas palavras de Jonathan Deschene em sua tese “Forging Faërie: Sub-creation, Depth and Mythic Otherworldliness in J. R. R. Tolkien's Conception of the Fairy-Story”, onde esclarece que foi através da filologia que esta “qualidade de linguagem, esta sugestão do antigo – do mito, até – no novo, poderia ser descoberto e investigado”⁶⁰ por Tolkien. Tom Shippey aponta em seu livro “J.R.R. Tolkien: Author of the Century” que “se alguma vez tivesse sido solicitado a Tolkien que se descrevesse em uma palavra, a palavra que ele teria escolhido, acredito, seria “filólogo”. Para Shippey, é nítido que “a paixão dominante de Tolkien era a filologia”⁶¹. Neste mesmo período, de acordo com Scull e Hammond, Tolkien também se dedicou a analisar a relação entre os mitos e os contos de fadas. Os mitos compõem parte essencial das suas Narrativas-Particulares, porque passou a integrar seus gostos pessoais e, posteriormente, tornou-se objeto de seu poema Mitopeia.

Tolkien também observou que houve muito debate sobre a relação entre mito e conto popular, ou como “mitologia superior ou inferior, conforme Andrew Lang os chamou’ (Tolkien Papers, Bodleian Library, Oxford). Tolkien rejeitou a visão

⁵⁹ SCULL, Christina. HAMMOND, Wayne G. The J. R. R. Tolkien Companion and Guide, p. 716. Tradução própria.

⁶⁰ DESCHENE, Jonathan. Forging Faërie: Sub-creation, Depth and Mythic Otherworldliness in J. R. R. Tolkien's Conception of the Fairy-Story. Thesis submitted in partial fulfillment of the requirements for the Degree of Master of Arts (English) Acadia University Fall Convocation, 2011.

⁶¹ SHIPPEY, Tom. J. R. R. Tolkien: Author of the Century. HarperCollins, 2001, p. 8.

dominante, comentando que parecia “ser a verdade quase de cabeça para baixo” (p. 25) e em seus rascunhos observou que Lang também se opôs a isso.⁶²

Inspirado pelas mitologias que costumava ler desde pequeno, em 1915, Tolkien escreveu diversos poemas e versos, sua mente se ocupando cada vez mais com “as sementes de sua mitologia”⁶³. Observe como a filologia, para Tolkien, andava em parceria com a mitologia que viria a gerar no futuro:

Foi através da filologia que esta qualidade de linguagem, esta sugestão do antigo – do mito, até – no novo, poderia ser descoberto e investigado (Shippey, Road 28-30, 33-4; Jeffrey 64). Como exemplo desta característica “enraizada” da linguagem, Shippey nos diz que o escritório de Tolkien “em Leeds, a universidade ficava perto de 'Woodhouse Lane', que atravessa 'Woodhouse Moor' e 'Woodhouse Ridge'", continuando dizendo que “esses nomes podem preservar, por engano ortografia moderna, antiga crença nos "homens selvagens da floresta" à espreita nas colinas acima do Airel (Estrada 65). Este potencial sobrenatural que poderia ser descoberto investigando o estrato histórico de uma palavra era uma das qualidades da linguagem que mais fascinava Tolkien.⁶⁴

Neste período, o autor estava desenvolvendo uma língua falada por Elfos através de uma canção chamada de “Balada de Earendel” e o horizonte de histórias começou a se ampliar cada vez mais. No mesmo ano, obteve sucesso nos exames finais e conseguiu Honras de Primeira Classe, esse sucesso o encorajando a garantir um emprego acadêmico em breve quando, nesse meio tempo, foi encaminhado inesperadamente para o 13º Batalhão. Aqui, as Narrativas-Particulares pertencentes a Tolkien ganharam um novo capítulo, este que fora estruturado num tom muito distinto dos demais, dado que vivências do campo de batalha passaram a moldar a sua história e formaram o propulsor final para que ele iniciasse a construção de sua própria mitologia.

O período marcante é descrito por Scull e Hammond, quando esclarecem que tanto quando era menino e também na vida adulta, a vida de Tolkien foi marcada por múltiplas perdas. A Primeira Guerra Mundial reforçou esse sentimento, especialmente ao perder os

⁶² SCULL, Christina. HAMMOND, Wayne G. The J. R. R. Tolkien Companion and Guide, p. 882. Tradução própria.

⁶³ CARPENTER, Humphrey. J.R.R. Tolkien: uma biografia. Editora: Harper Collins: 2018, p. 110.

⁶⁴ DESCHENE, Jonathan. Forging Faërie: Sub-creation, Depth and Mythic Otherworldliness in J. R. R. Tolkien's Conception of the Fairy-Story. Thesis submitted in partial fulfillment of the requirements for the Degree of Master of Arts (English) Acadia University Fall Convocation, 2011, p. 33

seus amigos próximos⁶⁵, marcando sua vida de modo permanente. Em 1916, o jovem Tolkien se tornou o segundo-tenente da Força Expedicionária Britânica e, ao participar da horrível Batalha do Somme, uma das ofensivas mais sangrentas da história britânica, foi profundamente impactado pela brutalidade impiedosa dos conflitos no campo e a urgência de defender seus princípios apesar disso. Essa dualidade vivenciada por Tolkien refletiu os dilemas dos personagens presentes nas obras que ainda viria publicar no futuro. O jornalista Myles Burke descreve que a batalha vivida pelo autor se provou ser “um dos conflitos mais sangrentos da história humana” e acrescenta que o terror agressivo da guerra de “trincheiras que ele suportou lá, com lama, caos e morte, deixou uma marca indelével nele e permeou seus escritos posteriores”⁶⁶.

Quando uma linha tão sombria quanto esta é acrescentada às Narrativas-Particulares de Tolkien, toda a sua vida é mudada. As palavras de Burke confirmam que os campos de batalha assolados pelas ações da guerra da França e da Bélgica “podem ser vistos em suas descrições da paisagem infernal e desolada de Mordor em *O Senhor dos Anéis*”⁶⁷, uma vez que os vestígios de seus próprios pesares e sofrimentos testemunhados por Tolkien resultaram nas carnificinas futuras da Terra-Média. Não foi apenas a imaginação a responsável pela descrição tão fidedigna do terror trazido pela batalha: os próprios olhos de Tolkien contemplaram tudo.

Em seu artigo “J.R.R. Tolkien, Sub-Creation, and Theories of Authorship”, Benjamin Saxton nos conta que a Grã-Bretanha dos anos posteriores à Primeira Guerra Mundial assistiu a ascensão de “um florescimento de fantasia escrita por autores que viveu seus horrores”⁶⁸. Saxton menciona que Shippey, um especialista da vida e obra de Tolkien, aponta como o período difícil da guerra e todas as incertezas que o acompanhavam serviram para enriquecer a potência da escrita do autor. Em suas palavras, o “modo fantástico do final do século XX” foi forjado a partir de “autores traumatizados que sobreviveram a combates e outras experiências da guerra”⁶⁹. Baxton comenta que aqueles que passaram pela Grande Guerra “processaram suas experiências através dos sonhos e da

⁶⁵ SCULL, Christina. HAMMOND, Wayne G. *The J. R. R. Tolkien Companion and Guide*, p. 1059. Tradução própria.

⁶⁶ BURKE, Myles. O trauma da 1ª Guerra Mundial que inspirou 'O Senhor dos Anéis', 2024. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy6831npx1jo>. Acesso em 10/11/2024.

⁶⁷ Ibid.

⁶⁸ BAXTON, Benjamin. *J.R.R. Tolkien, Sub-Creation, and Theories of Authorship*, 2013, p. 16.

⁶⁹ Ibid.

escrita”⁷⁰, formando um legado duradouro advindo de uma tragédia sangrenta mundial. De modo semelhante àquilo que estamos traçando, aqueles que tiveram em suas Narrativas-Particulares o acréscimo de um grande sofrimento, tal qual a guerra, acaba por gerar posicionamentos e desdobramentos distintos, como aconteceu com diversas pessoas ao redor do mundo. No caso do Tolkien, observamos que suas dores e perdas resultaram em histórias, cada cicatriz colaborando para a existência de um mundo estruturado a partir de sua exímia imaginação.

Scull e Hammond, em consonância às opiniões anteriormente proferidas, nos conduzem a certeza que a escrita serviu como um bálsamo após as feridas causadas pela guerra. Mais uma vez, Tolkien recorreu às palavras como meio eficaz de transmitir o que havia dentro de si, apesar dos traumas vivenciados.

Tolkien pensava que a “fuga” temporária poderia trazer “Recuperação” e uma maneira mais clara de ver e encarar as coisas no mundo. Em uma carta para seu filho Christopher, em 10 de junho de 1944, descreveu como a escrita o ajudou durante e após a Primeira Guerra Mundial: ‘Eu adotei o “escapismo”: ou realmente transformando a experiência em outra forma e símbolo com Morgoth e Orcs e Eldalië (representando a beleza e a graça da vida e do artefato) e assim por diante; e isso me ajudou muito em muitos anos difíceis desde então e eu ainda me baseava nas concepções então elaboradas’ (Cartas, p. 85). Em 2 de abril de 1958, ele escreveu ao professor Jongkees que “a fantasia no seu melhor é fundada no amor e no respeito pelo mundo real”, e que a escrita de O Senhor dos Anéis não tinha nenhuma conexão com “sonhar acordado” do qual alguns psicólogos ou pseudopsicólogos me acusaram” (R.M. Smythe, Spring Autograph Auction, Nova York, 10 de maio de 2001, item 579).⁷¹

Dr. Malcolm Guite, poeta e teólogo, opina no podcast *BBC Great Lives* em 2021 explica como alguns dos detalhes das histórias de Tolkien provém de sua experiência no campo de guerra:

ele ficou traumatizado. Então, os cadáveres nas piscinas dos pântanos olhando para cima. O terrível desperdício na frente de Mordor com os vapores venenosos saindo da terra. Isso tudo é da Frente Ocidental.⁷²

⁷⁰ Ibid.

⁷¹ SCULL, Christina. HAMMOND, Wayne G. The J. R. R. Tolkien Companion and Guide, p. 535. Tradução própria.

⁷² BURKE, Myles. Trauma that inspired the Lord of The Rings. Acesso em:
<https://www.bbc.com/culture/article/20240726-the-ww1-trauma-that-inspired-the-lord-of-the-rings>

Provavelmente, as trevas pertencentes à Primeira Guerra Mundial levaram Tolkien a afirmar, em um documentário da BBC em 1968, que “Histórias — francamente, histórias humanas são sempre sobre uma coisa — a morte. A inevitabilidade da morte”⁷³.

A sua infância nos campos verdejantes, os seus escritores favoritos, os seus estudos em Oxford e a guerra formaram um arcabouço de inspirações para, finalmente, iniciar o seu projeto oficial de escrita. Cada etapa mencionada acima colaborou, de alguma forma, para que a imaginação de Tolkien pudesse conceber uma mitologia fortificada, e que partia de sua História-Mãe e das Narrativas-Particulares. Esse verdadeiro universo, estruturado por sua imaginação e por palavras muito bem escolhidas, impactou completamente os seus leitores, que logo se tornaram devotos do cenário que descortinou as incontáveis guerras, personagens realistas e tramas envolventes.

O desejo de criar uma mitologia para a Inglaterra era, indubitavelmente, uma semente que germinava em sua mente desde tempos atrás, sendo esta uma motivação para Tolkien escrever prosa e versos com mais frequência nessa etapa de sua vida. Em uma carta dirigida a Milton Waldman, o autor diz:

Não ria! Mas, certa vez (minha crista caiu há muito tempo), tive a intenção de criar um corpo de lendas mais ou menos interligadas, que abrangesse desde o amplo e o cosmogônico até o nível de conto de fadas romântico – o maior apoiado no menor em contato com a terra, o menor sorvendo esplendor do vasto pano de fundo – que eu poderia simplesmente à Inglaterra, ao meu país. Deveria possuir o tom e a qualidade que eu desejava, um tanto sereno e claro, com a fragrância do nosso ‘ar’ (o clima e o solo do Noroeste, isto é, da Grã-Bretanha e das regiões europeias mais próximas; não a Itália ou o Egeu, muito menos o Oriente); possuiria (se eu conseguisse alcançá-la) a beleza graciosa e fugidia que alguns chamam de céltica (apesar de raramente encontrada nas antiguidades célticas genuínas), deveria ser ‘elevado’, purgado do grosso e adequado à mente mais adulta de uma terra há muito impregnada de poesia. Eu desenvolveria alguns dos grandes contos na sua plenitude e deixaria muitos apenas no projeto e esboçados. Os ciclos deveriam ligar-se a um todo majestoso e ainda assim deixar espaço para outras mentes e mãos, munidas de tinta, música e drama. Absurdo.⁷⁴

Em pouco tempo, ao avaliar o cenário o qual se encontrava pós-guerra, Tolkien decidiu que era aquela a hora e o lugar certo para iniciar a construção de sua mitologia, recebendo incentivo de seu grande amigo Wiseman: “você deveria começar a epopeia”,

⁷³ Ibid.

⁷⁴ TOLKIEN, J.R.R. Cartas de J.R.R. Tolkien, 2010, p. 243.

conselho este que ele seguiu⁷⁵. Em 1937, Tolkien publicou “O Hobbit” e os lançamentos posteriores podem ser vistos como pequenos tijolos, construindo, aos poucos, um grande palácio forte que permanece de pé até os dias de hoje.

A soma das mitologias lidas por Tolkien durante a infância, as línguas clássicas que estudou em sua juventude e a crença na História-Mãe cooperaram para dois grandes marcos de sua vida: a criação de sua própria mitologia e o desenvolvimento do seu pensamento a respeito da criação e função dos mitos, a saber, Mitopeia.

Isto pode ser visto em um de seus títulos em que se destaca uma estrutura mitológica: “O Silmarillion”. Nesta obra, conhecemos por meio dos cantos, da beleza e da arte, todo o conhecimento mítico do autor nos foi apresentado. A semente plantada tantos anos atrás estava nascendo por meio dos personagens de “O Silmarillion” e, inevitavelmente, a estrutura mítica preencheu o fundamento de todas as suas histórias posteriores. Como fora planejado desde o princípio, Tolkien honrou as estruturas míticas ao iniciar os seus ciclos narrativos com um mito cosmogônico, tal qual Teogonia está para os gregos, a *Música dos Ainur* entoava a história a qual iniciou o povo da Terra Média. Em suas próprias palavras, “Deus e os Valar (ou poderes: vertidos por deuses) são revelados” por meio desses cânticos, estes chamados de poderes angelicais “cuja função é exercer uma autoridade delegada em suas esferas”⁷⁶. Em sua carta a Milton Waldman, Tolkien afirma que estes seres divinos originalmente viviam fora e antes da criação do mundo.

Seu poder e sua sabedoria são derivados de seu Conhecimento do drama cosmogônico, o qual perceberam primeiramente como um drama (ou seja, de certo modo como percebemos uma história composta por outra pessoa) e posteriormente como uma “realidade”⁷⁷

Os primogênitos de sua Criação são os Elfos e os Seguidores, os Homens. Para Tolkien, o destino dos Elfos é o de serem imortais enquanto amam e adoram a beleza, singeleza e graça do mundo, “conduzi-lo ao florescimento pleno com seus dons de delicadeza e perfeição, durarem enquanto ele durar”⁷⁸ e estes representam o centro desse

⁷⁵ CARPENTER, Humphrey. J.R.R. Tolkien: uma biografia, 2018, p. 128.

⁷⁶ TOLKIEN, J.R.R. As cartas de J.R.R. Tolkien, 2010, p. 245.

⁷⁷ Ibid, p. 246.

⁷⁸ Ibid, p. 247.

universo mitológico. Quando os Homens entram em cena, os Elfos deveriam ensiná-los “e abrir caminho para eles”, sendo estes destinados a mortalidade⁷⁹.

O Destino (ou a Dádiva) dos Homens é a mortalidade, a liberdade dos círculos do mundo. Posto que o ponto de vista de todo o ciclo é o Élfico, a mortalidade não é explicada miticamente: ela é um mistério de Deus sobre a qual nada mais é sabido além de que “o que Deus designou aos Homens permanece oculto” — um pesar e uma inveja para os Elfos imortais.⁸⁰

Quanto ao uso da palavra mito, Tolkien adverte que não se trata de uma nomenclatura que refere-se a falsidades ou a narrativas fantásticas em seu tom pejorativo numa intenção “deliberada mentira com o intuito de enganar”⁸¹. O mito aqui, portanto, “deve ser entendido em seu sentido literário técnico, se se quiser avaliar a importância dessa troca de ideias”⁸². Para Tolkien, um mito é a história que transmite coisas “fundamentais, em outras palavras, que tenta nos falar sobre a estrutura mais profunda das coisas”⁸³. Ao contrário da posição de Friedrich Max Müller, que afirmou a mitologia como “uma doença da linguagem”, Tolkien aborda que os melhores mitos não são falsidades “construídas deliberadamente, mas são contos criados pelas pessoas para captar os ecos de verdades mais profundas”⁸⁴. A partir dessa posição, é possível observar a firme posição de Tolkien, esta que assegura a mitologia como um retrato da verdade.

Os mitos nos apresentam um fragmento dessa verdade, não sua totalidade. Eles são como fragmentos estilhaçados da verdadeira luz. Para Tolkien, entender o significado do cristianismo era mais importante do que entender sua verdade. Esse entendimento proporcionava um quadro total, unificando e transcendendo percepções fragmentadas e imperfeitas.⁸⁵

Aquela crença antiga de Tolkien, uma que fundamenta os mitos como parte essencial da verdade subcriadora, sustenta o seu pensamento teórico que pode ser

⁷⁹ Ibid.

⁸⁰ Ibid.

⁸¹ MCGRATH, Alister. *A vida de C.S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia*. Editora: Mundo Cristão, 2013, p.

169.

⁸² Ibid.

⁸³ Ibid.

⁸⁴ Ibid.

⁸⁵ Ibid.

vislumbrado em trabalhos como “Sobre Estórias de Fadas”. A abordagem a qual abraçou Lewis foi gerada por Tolkien desde o princípio de sua carreira acadêmica, quando se viu tentado a construir sua própria mitologia a partir do valor da verdade, porquanto, como vimos, ao fundamentar o seu universo fictício, Tolkien acreditava que as histórias poderiam ser um tipo de expressão concreta que conferisse verdade ao leitor, mesmo que esta fosse subjacente e implícita. Essa ideia não é exclusiva do autor de “O Senhor dos Anéis”, uma vez que, posteriormente, Grimal define o mito como “tudo o que concerne à imaginação, tudo o que não é susceptível de verificação, mas contém a verdade”⁸⁶ em si próprio.

A ideia de Tolkien dialoga com o posterior autor Karl Kerényi em seu livro “Religião Antiga”, quando ele esclarece que, a princípio, a palavra “mito” se trata do fenômeno da arte revestida da poesia, “uma massa material antiga e tradicional, contida em narrativas conhecidas”, onde há uma configuração sistemática que envolve deuses, heróis, batalhas épicas e jornadas ao submundo. Longe de ser, como atualmente, uma associação de inverdades, “mito era originalmente a palavra do fato verdadeiro”⁸⁷, tese essa defendida pelo professor Tolkien ao longo de sua jornada.

Tolkien afirmava que havia algo de sagrado nos mitos e, de forma muito semelhante ao posicionamento do escritor, Mircea Eliade também reforça que é exatamente a presença sagrada no mito que ordena as associações humanas e justifica a causa pela qual certos comportamentos e medidas devem ser exercidos. “Em outras palavras,” comenta Mircea Eliade, “o mito descreve as diversas e às vezes dramáticas irrupções do sagrado do mundo. É a irrupção do sagrado no mundo [...] que funda realmente o mundo”⁸⁸, sendo a sua principal função a revelação dos modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas.⁸⁹ O autor definirá o mito como a constituição da História dos atos dos Entes Sobrenaturais, absolutamente verdadeira e sagrada por se referir a realidades sagradas derivadas dos deuses e está relacionado constantemente a uma criação, “aprende-se não somente como as coisas vieram à existência, mas também onde encontrá-las e como fazer com que reapareçam quando desaparecem”⁹⁰. Longe de ser uma

⁸⁶ GRIMAL, P. Mitologia clássica – mitos, deuses e heróis. Tradução Hélder Viçoso – 1º ed. – Lisboa: Edições Texto & Gráfica, 2009, p. 7.

⁸⁷ Ibid, p. 199.

⁸⁸ ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano: A essência das Religiões. Editora Martins Fontes: 2010, p. 86.

⁸⁹ ELIADE, M. História das crenças e das ideias religiosas. Vol. II: de Gautama Buda ao triunfo do cristianismo, 2011.

⁹⁰ ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. Editora: Perspectiva, 2020, p. 18.

“teoria abstrata ou fantasia artística”⁹¹, se trata de uma realidade viva e nesse ponto, Eliade junta-se a Tolkien, este último que posicionava os mitos como pertencentes da realidade, não como “mentiras envoltas em prata”, isto é, mentiras que possuem certo valor.

Para Tolkien, contudo, o que realmente se sobressaia no mito era a presença destacada da Divindade, isto é, a aparição do divino é o que configura a mitologia como tal. Os mitos narram acerca da realidade dos deuses, estes que possuíam maneiras particulares de “traduzir certos aspectos do divino e de presentificar o além”⁹², seja por meio de um pilar, um poste, um templo ou uma imagem.

A mitologia, para Kerényi, é a “arte na palavra”⁹³, sendo o mito a palavra em si que sustenta a realidade e promove a celebração dos deuses. De modo semelhante, Tolkien aponta que existem no Mito um processo artístico genuíno onde habitam grandes seres “ainda anônimos Ele ou Ela, esperando pelo momento em que eles são lançados”⁹⁴ e conhecidos pelo mundo a partir do momento em que surgem na mitologia. Assim como inúmeros heróis, hoje tão amados, surgiram pela primeira vez após serem lançados, os personagens de Tolkien surgem a partir de suas canções e baladas míticas no mundo que se estrutura por meio da palavra.

Como vimos, a vida de Tolkien foi inclinada à mitologia como muito mais do que um conjunto de histórias, porque ela era, em sua visão, uma maneira de dizer e ensinar algo que não poderia ser feito ou dito por outro caminho. A leitura dos livros do autor Andrew Lang também reforçou os seus interesses dos mitos, e houveram outras influências, como a cultura céltica, e foi desse modo que o autor se viu atraído por essa civilização desde os nove anos de idade.⁹⁵ Aos quinze anos, Tolkien “descobriu o Kalevala [...] durante seu último ano na *King Edward’s School, Birmingham”⁹⁶, um conjunto de canções nacionais da Finlândia que retratavam a história de vários heróis míticos: Ilmarinen, o ferreiro, Lemminkäinen e Väinämöinen, por exemplo. Ao ler e conhecer a epopeia, foi tremendamente impactado:

Alguns anos depois, ele disse que quando se descobre o Kalevala ‘você está imediatamente em um novo mundo e pode deleitar-se com uma nova e incrível

⁹¹ Ibid, p. 23.

⁹² Ibid.

⁹³ KERÉNYI, Karl. Religião Antiga. Editora Vozes. 2022, p. 33.

⁹⁴ TOLKIEN, J.R.R. Árvore e Folha, 2020, p. 41.

⁹⁵ SCULL, Christina. HAMMOND, Wayne G. The J.R.R. Tolkien Companion and Guide, pp. 335-336. Tradução própria.

⁹⁶ Ibid, p. 851.

excitação. Você se sente como Colombo em um novo continente, ou Thorfinn em Vinland, o Bom' (*A História de Kullervo, p. 68). Até então as histórias do Kalevala o inspirou para a criação de vários modos.⁹⁷

Vejamos um outro trecho onde Scull e Hammond destaca alguns acontecimentos que marcaram relação existente entre Tolkien e a mitologia:

Quando criança, Tolkien gostava de ‘A História de Sigurd’ no Livro Vermelho de Fadas de Andrew Lang. Na Escola King Edward, depois de começar a aprender sozinho inglês antigo e inglês médio, ele olhou para o nórdico antigo e começou a ler a Saga Völsunga, a obra de que Lang adaptou sua história. Em 17 de fevereiro de 1911 ele leu um artigo sobre ‘Norse Sagas’ em uma reunião da King Edward’s School Literary Society, e no Trinity Term 1913 apresentou o mesmo, ou uma revisão, ao Ensaio Clube do Exeter College, Oxford (*Sociedades e clubes). Quando Tolkien transferido para a Oxford English School naquele período, ele escolheu o escandinavo Filologia como disciplina especial: de acordo com o Regulamento, esta incluiu referência especial ao islandês, juntamente com um estudo especial de seções da Edda em Prosa e da Saga Völsunga, bem como o Saga Hallfreðar, Saga Þorfinns Karlsefnis e Saga Hrafnkels.⁹⁸

Através dos relatos míticos, o autor encontrou uma fortuna não somente em cultura mas também na substância da verdade, contrariando aqueles que viam os mitos como mentiras. O valor aos mitos não era uma prática absoluta e majoritariamente impopular, contudo, haviam aqueles que se posicionaram de maneira diferente neste quesito.

Max Müller, citado anteriormente em outros momentos, foi um cientista da religião que declarou que a mitologia poderia ser entendida como a doença da linguagem. Em seu texto inicial do livro “The science of language”, no capítulo “Lecture I. The Science Of Language One Of The Physical Sciences”, Müller também aponta para a mitologia como a ruína do mundo antigo:

A mitologia, que foi a ruína do mundo antigo, é na verdade uma doença da linguagem. Um mito significa uma palavra, mas uma palavra que, de ser um nome ou um atributo, foi autorizado a assumir uma existência mais substancial. A maior parte dos gregos, dos romanos, dos Deuses indianos e outros deuses pagãos nada mais são do que nomes poéticos, que gradualmente foram

⁹⁷ Ibid.

⁹⁸ Ibid, p. 898.

autorizados a assumir uma personalidade divina nunca contemplados por seus inventores originais.⁹⁹

Essa possível doença da linguagem, segundo o autor, pode ser vista na Idade Média, quando “os homens eram chamados de hereges por acreditarem que palavras como justiça ou verdade expressavam apenas concepções de nossa mente, não coisas reais andando por aí em plena luz do dia.”¹⁰⁰ Müller desenvolveu seus pensamentos de maneira sólida, e esse posicionamento foi rebatido por Tolkien.

A mitologia não é uma doença, embora possa, como todas as coisas humanas, tornar-se doente. Você poderia também dizer que pensar é uma doença do mente. Estaria mais próximo da verdade dizer que as línguas, especialmente as línguas europeias modernas, são uma doença da mitologia e o conto popular está muitas vezes mais próximo das raízes do que a lenda ou mito.¹⁰¹

A postura adotada por Müller não parece ter afetado aqueles que, como Tolkien, faziam uso das histórias mitológicas para ler, refletir e apreciar. É este o caso de estudiosos como Hugo Dyson, um professor assistente de Literatura Inglesa na Universidade de Reading, e, posteriormente, o seu amigo C.S. Lewis, um professor e autor que enxergava os mitos como mentiras, ainda que fossem mentiras valiosas em si. Lewis, conhecido também por Jack, foi professor universitário em Oxford e Cambridge, poeta, crítico literário e ensaísta e desde os 5 anos de idade, escrevia histórias e contos de fantasia.

Em autobiografia, Lewis diz: “nasci no inverno de 1898 em Belfast, filho de um advogado e da filha de um clérigo”.¹⁰² Alister McGrath narra que Lewis era irlandês de berço, apesar de ter sido consagrado mundialmente como um autor inglês. De acordo com McGrath, “Lewis nunca perdeu de vista as suas raízes irlandesas”¹⁰³, em vista de que a sua cultura era marcada “por uma paixão em contar histórias, evidenciada em sua mitologia bem como nas narrativas históricas” que estruturava¹⁰⁴. Para Lewis, a Irlanda sempre representou o seu lar e também se tornou “a fonte de inspiração literária, observando a

⁹⁹ MULLER, Max. Lectures on The Science of Language Delivered At The Royal Institution of Great Britain In April, May, and June, 1861, p. 12. Tradução própria.

¹⁰⁰ Ibid, p. 13.

¹⁰¹ TOLKIEN, J.R.R. Árvore e Folha, 2020, p. 34.

¹⁰² LEWIS, C.S. Surpreendido pela alegria, Editora Thomas Nelson, 2021, p. 12.

¹⁰³ MCGRAHT, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo às terras de Nárnia. Editora Mundo Cristão. 2013, 29.

¹⁰⁴ Ibid.

maneira de suas paisagens estimularem poderosamente a imaginação”¹⁰⁵. A vocação de escrita do Lewis, diz McGrath, foi descoberta nas paisagens irlandesas que “haviam inspirado e moldado a prosa e a poesia de muitos antes dele”. McGrath narra que uma outra fonte que muito colaborou para que o pequeno Jack, como era chamado por amigos e família, se tornasse o Lewis que conquistou a fama foi a literatura. Em sua autobiografia chamada “Surpreendido pela alegria”, Lewis afirma que é um produto de “livros infindáveis”, visto que o seu pai, Albert Lewis, “comprava todos os livros que lia, e nunca se desfazia de nenhum”¹⁰⁶. O capítulo “Primeiros anos” descreve que havia livros no escritório, sala de estar, no guarda-roupa e “empilhados no ático do reservatório de água, até a altura do meu ombro”¹⁰⁷. Eram estes livros de todo o tipo e gênero, “legíveis ou não, alguns apropriados para crianças, enquanto outros absolutamente não”¹⁰⁸. A brilhante mente de Lewis foi moldada e esculpida a partir das obras lidas e exploradas durante a infância. A influência mais primeva de sua intelectualidade e inteligência repousa nas numerosas leituras que o cercaram desde o princípio de sua vida, incluindo histórias mitológicas.

O biógrafo Carpenter anuncia que Lewis era “fascinado pela mitologia nórdica desde o começo da adolescência” e, ao encontrar em Tolkien alguém que partilhava do mesmo amor por lendas e mitos, “percebeu que tinham muito a compartilhar”¹⁰⁹. O autor recebeu uma alta influência do amigo Tolkien “tanto em termos literários como em experiências compartilhadas de campos de batalha da Grande Guerra”¹¹⁰, visitando um ao outro regularmente no Magdalen College, “quando então chegava a ficar noite adentro conversando sobre os deuses e gigantes de Asgard ou discutindo a política da Escola de Inglês”¹¹¹. As Narrativas-Particulares de Tolkien e Lewis eram semelhantes: haviam ambos perdido suas mães ainda muito jovens, eram apaixonados por histórias e mitos, e já adultos, lutaram na sangrenta guerra. Esses fatores tão semelhantes resultaram numa espontânea identificação, levando Lewis a escrever a seu amigo Arthur Greeves, confidenciando ele havia ficado acordado até as 2h30 de uma segunda-feira “conversando

¹⁰⁵ Ibid, p. 30.

¹⁰⁶ Ibid.

¹⁰⁷ Ibid, p. 21.

¹⁰⁸ Ibid.

¹⁰⁹ CARPENTER, Humphrey. J.R.R. Tolkien: uma biografia. 2018, p. 199.

¹¹⁰ MCGRAHT, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo às terras de Nárnia. Editora Mundo Cristão. 2013, p. 148.

¹¹¹ CARPENTER, Humphrey. J.R.R. Tolkien: uma biografia. 2018, p. 199.

com o professor de anglo-saxão Tolkien, que voltou comigo para a faculdade depois de um encontro social e ficou lá sentado discursando sobre deuses e gigantes”¹¹² durante três horas.

Lewis era um sujeito, como vimos, que amava a literatura e preferiu dirigir seu afeto em direção às mitologias, dispensando a devoção e crença a qualquer religião, como tantos leitores ao redor do mundo. McGrath garante que Lewis não era, meramente, um agnóstico, porque, em sua angústia pessoal em busca do transcendente, “ele se propôs a explorar todas as opções intelectuais que se lhe ofereciam”, mas, concomitantemente, Lewis confessou em sua autobiografia que “o jovem que deseja se conservar ateu ortodoxo não pode ser seletivo demais nas leituras. As ciladas estão em toda parte”¹¹³. O biógrafo McGrath comprova que, no começo da década de 1920, os escritos de Lewis são de uma inclinação notavelmente ateísta, “tecendo severas críticas à religião em geral e ao cristianismo em particular, chegando a descartá-los totalmente”¹¹⁴. Lewis havia confidenciado ao amigo Greeves que não acreditava em religião alguma, e em vista disso, ela era fruto de carências emocionais ou acontecimentos da natureza que acabavam por resultar nos dogmas:

“Eu não acredito em nenhuma religião.” Todas as religiões, escreveu ele, são simplesmente mitologias inventadas por seres humanos, geralmente em resposta a acontecimentos naturais ou carências emocionais. Esta, declarou Lewis, “é reconhecidamente a explicação científica do crescimento das religiões”. A religião era irrelevante para questões de moralidade. [...] . Para Lewis, simplesmente não existia nenhum bom motivo para acreditar em Deus. [...] A causa racional em defesa da religião era, na visão de Lewis, um fracasso total.¹¹⁵

Apesar de tantas semelhanças entre Jack e Tolkien, uma perceptível diferença se mostrou no campo da fé. Neste ponto, percebemos que a História-Mãe de C.S. Lewis era bem distinta daquela que Tolkien costumava crer. Jack era hostil à religião em geral, enxergando-a como uma fraqueza humana a ser evitada, enquanto Tolkien, como vimos,

¹¹² Carta a Arthur Greeves, 17 de out. 1929; *The Collected TOLKIEN*, Christopher. As cartas de Tolkien. 1ª ed. Curitiba, PR: Arte & Letra, 2010.s, vol. 1, p. 838. Essa parte da carta foi de fato escrita em 3 de dezembro.

¹¹³ LEWIS, C.S. Surpreendido pela alegria. Thomas Nelson Brasil. 2021, p. 204.

¹¹⁴ MCGRAHT, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo às terras de Nárnia. Editora Mundo Cristão. 2013, p. 151.

¹¹⁵ Ibid, pp. 61-62.

atribuiu grande valor às suas convicções de fé, vendo no catolicismo uma força, não uma vulnerabilidade.

Essa atitude de Lewis de desprezar os mitos e a religião em geral não é original de seu tempo nem é exclusiva a ele. No que se diz respeito ao status que os mitos começaram a ocupar na modernidade, quando o pensamento filosófico nasceu, por exemplo, os próprios gregos passam a questionar a clareza e aplicabilidade verossímil desses mitos, levando diversos cidadãos a rejeitarem, denegarem, ou interpretarem de outra forma o sentido originalmente pretendido daquela narrativa, crendo que aquelas linhas ocultavam verdades filosóficas inovadoras.

Efetivamente, após esse processo de "desmitificação", as mitologias grega e bramânica não puderam mais representar para as respectivas elites aquilo que haviam representado para os seus antepassados.¹¹⁶

Mircea Eliade explica que o essencial a respeito do conhecimento do universo e da alma, da vida e da morte, da beleza e verdade, não mais eram procurados na narrativa dos deuses¹¹⁷. Em sua visão, a cultura grega foi a única a “submeter o mito a uma longa e penetrante análise, da qual ele saiu radicalmente desmistificado”¹¹⁸.

A ascensão do racionalismo jônico coincide com uma crítica cada vez mais corrosiva da mitologia "clássica", tal qual é expressa nas obras de Homero e Hesíodo. Se em todas as línguas europeias o vocábulo "mito" denota uma "ficção", é porque os gregos o proclamaram há vinte e cinco séculos.¹¹⁹

Séculos depois, os mitos perderam a potência de seu alcance, sendo salvos graças ao alegorismo, conservando parte do louvor “graças sobretudo ao fato de toda a literatura e todas as artes plásticas terem se desenvolvido em torno dos mitos divinos e heróicos”¹²⁰. Desse modo, a mitologia não foi desprezada completamente, mas já havia perdido a força de seus símbolos.

¹¹⁶ ELIADE, Mircea, *Mito e Realidade*, 2020, p. 81.

¹¹⁷Ibid.

¹¹⁸ Ibid, p. 106.

¹¹⁹ Ibid.

¹²⁰ Ibid, p. 111.

Ao contrário, como Jean Seznec demonstrou em seu excelente livro *The Survival of the Pagan Gods*, os deuses gregos, evemerizados, sobreviveram durante toda a Idade Média, embora tivessem perdido suas formas clássicas e estivessem camuflados sob os mais inesperados disfarces. O "redescobrimento" da Renascença consiste sobretudo na restauração das formas puras, "clássicas". E foi efetivamente por volta do fim da Renascença que o mundo ocidental compreendeu que não existia mais a possibilidade de reconciliar o "paganismo" greco-latino com o cristianismo; ao passo que na Idade Média, a Antiguidade não era considerada um "meio histórico distinto, um período encerrado".¹²¹

Nas palavras do próprio Eliade, a mitologia seguiu existindo, ainda que em seu aspecto mais secularizado e fictício. A Antiguidade, para o teórico, havia abandonado a crença nos deuses de Homero no sentido original de seus mitos. Uma vez compreendido que era possível provar dos mitos sem exercitar o seu caráter religioso, houve uma produção alegórica, artística e literária, levando os deuses para os mais distintos ciclos sociais, sejam registrados em pinturas ou interpretados em representações metafóricas.

Desde o fim da Antiguidade,— quando não eram mais tomados ao pé da letra por nenhuma pessoa culta — os deuses e seus mitos foram transmitidos à Renascença e ao século XVII, pelas obras, pelas criações literárias e artísticas.¹²²

Bruno Snell, autor e especialista em mitologia, anuncia que os deuses do Olimpo morreram com a chegada da filosofia, mas sobreviveram vez após vez por meio da arte. Em sua perspectiva, os deuses olímpicos “permaneceram como um dos grandes temas da arte, mesmo quando a fé natural se havia apagado”¹²³, encontrando, dessa forma, seu modo mais perfeito e eficaz de permanecer vivo para as idades futuras, ainda que os artistas que viessem a esculpir os Entes Sobrenaturais não fossem, de fato, crentes “no sentido antigo”. O autor irá expor que mesmo a poesia antiga “até os primeiros séculos da era cristã, extrai seus principais assuntos do mito dos deuses do Olimpo”, disseminando a presença desses deuses no mundo sem macular a religião monoteísta.

¹²¹ Ibid.

¹²² ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. Coleção Debates, São Paulo: Perspectiva, 2020, p. 111.

¹²³ Ibid, p. 37.

O caráter significativo e natural dos deuses olímpicos não reside apenas na sua intervenção, de que até agora nos estivemos ocupando quase que exclusivamente, mas a própria existência deles nos dá uma imagem significativa e natural do mundo, e foi isso sobretudo que influiu nos séculos posteriores. Para os gregos a existência espelha-se nos deuses.¹²⁴

As mitologias clássicas seguiram em seu modelo alegorizado, sobrevivendo em um mundo moderno em sua nova natureza secularizada e desmistificada. Eliade¹²⁵ afirma que a única maneira a qual puderam resistir às forças cristãs no Ocidente se dá graças às obras-primas literárias e artísticas, estas que eram lidas e guardadas na memória popular da sociedade europeia, seja por meio dos livros ou pinturas celebradas. A alegoria, a chave interpretativa muito comum em Alexandria e em Roma, não era famosa na Grécia. Apesar disso, Eliade reitera que as “diferentes interpretações alegóricas salvaram Homero e Hesíodo [...] e permitiram que os deuses homéricos conservasse um alto valor cultural”¹²⁶.

O mito já não é um fato que se repita nas cerimônias do culto, não é realidade que possa, nos momentos solenes, voltar a concretizar-se; é entendido como um fato que ocorreu uma vez no passado e é relatado “como história”, mesmo mantendo um valor particular para a solenidade à qual é dedicado o canto.¹²⁷

Lewis adotou um comportamento que vai um pouco mais além diante do que foi supracitado: não depositava fé nem nos seres divinos dos mitos, nem em deus nenhum. Ele considerava os deuses como itens de uma coleção de valor cultural imenso, nada mais do que isso, e quando se deparou com o dilema “são os mitos verdadeiros ou falsos?”, afirmou que eram mentiras de certo valor. Ele não escondia o seu afeto pelas obras renascentistas, versos míticos e pelos deuses em geral, considerando cada um deles como boas obras de arte e narrativas que não transmitiam valores ou verdades em nível profundo. A seu ver, os mitos gregos, nórdicos, romanos e egípcios eram apenas histórias, mentiras envoltas em prata que não tinham mais espaço no âmbito da verdade. Lewis é, portanto, o reflexo do que tantos outros estudiosos chamam de processo de desmistificação, isto é, quando os mitos perdem o seu sentido ou valor original e se tornam apenas um aspecto cultural e histórico da humanidade.

¹²⁴ SNELL, Bruno, *A cultura grega e as origens do pensamento europeu*, 2012, p. 38.

¹²⁵ ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. Editora: Perspectiva, 2020, p. 113.

¹²⁶ Ibid, p. 110.

¹²⁷ SNELL, *A cultura grega e as origens do pensamento europeu*, 2012, p. 98.

O escritor viveu de maneira cética também a respeito da religiosidade por muito tempo, até que na década de 1920, o seu entendimento foi transformado quando “alcançou o que veio a chamar sua ‘Nova Visão’, a crença de que o mito cristão transmite tanta verdade”¹²⁸. Lewis chegou a conclusão de que “ao procurar pela fonte do que chamava Felicidade, estava na verdade procurando por Deus” e, neste momento, a sua História-Mãe tornou-se um tanto mais parecida com aquela que Tolkien partilhava. Em 1926, ocorreu o primeiro encontro registrado entre Tolkien e Lewis em uma reunião da Faculdade de Inglês do Merton College. Nos meses seguintes, Lewis encontrou em Tolkien “uma pessoa com o espírito e a verdade de um intelectual”¹²⁹ na mesma medida em que reconheceu no amigo um verdadeiro cristão devoto. Uma vez que os ambientes acadêmicos eram repletos mais do primeiro tipo do que do segundo, não é de se admirar que Lewis tenha se impressionado com alguém que era capaz de nutrir suas crenças na mesma intensidade em que se tornava mais erudito. Neste ponto, Lewis chegou em um estágio inicial de sua fé:

Durante os primeiros anos da amizade, passaram horas juntos nas novas instalações do Magdalen College, Tolkien refestelado em uma das despojadas poltronas de Lewis no centro da grande sala de estar, enquanto Lewis, com o cachimbo na mão pesada, as sobrancelhas franzidas por trás de uma nuvem de fumaça, caminhava de um lado para outro, falando, escutando, voltando-se subitamente para exclamar “Distinguo, Tollers! Distinguio!”, quando o outro, também envolto em fumaça, fazia uma afirmação ampla demais. Lewis discutia, mas em termos de crença convencia-se cada vez mais de que Tolkien tinha razão. No verão de 1929 chegou a professar o teísmo, uma simples fé em Deus. Mas ainda não era cristão.¹³⁰

A relação existente entre os dois professores se caracterizava não apenas por seus debates acadêmicos, mas, especialmente, por suas semelhanças e gostos pessoais que envolviam os mitos. Scull e Hammond expõem que Tolkien e Lewis “encontravam-se frequentemente em pubs e nos quartos de Lewis para longas conversas”.¹³¹

No dia 19 de setembro de 1931, um sábado, Lewis chamou Tolkien para um jantar em Magdalen, enquanto este levou consigo Hugo Dyson, uma figura já familiar para Lewis. A informa que depois da refeição, os três passaram a discutir “metáforas e mitos

¹²⁸ CARPENTER, Humphrey. J.R.R. Tolkien: uma biografia. 2018, p. 201.

¹²⁹ Ibid, 2024, p. 156.

¹³⁰ CARPENTER, Humphrey. J.R.R. Tolkien - uma biografia, 2018, p. 201.

¹³¹ SCULL, Christina. HAMMOND, Wayne G. The J.R.R. Tolkien Companion and Guide, p. 982. Tradução própria.

noite adentro”¹³², enquanto passeavam pelos terrenos da faculdade, para então retirarem-se para a casa de Lewis.¹³³

Naquela época, Lewis não era mais um ateu, contudo tinha muitas ressalvas para tornar-se cristão e dentre elas, se destacava a rejeição ao sacrifício de Jesus Cristo como redentor eficaz da humanidade. Em uma de suas cartas, ele dizia que não compreendia “como a vida e a morte de outra pessoa há 2 mil anos pode ajudar-nos aqui e agora”¹³⁴ e é sobre isto que debatiam também durante aquela conversa. Lewis explicou a Greeves que a sua maior dificuldade com o cristianismo era compreender a eficácia da crucificação e morte de Cristo, afirmando que o Novo Testamento abordava esse evento com sinônimos como propiciação ou sacrifício, palavras estas que Lewis rotulou como “bobas ou chocantes”¹³⁵. O jovem Lewis, de acordo com McGrath, se distanciava de Deus pois não era algo que almejava ser verdade, visto que apreciava demais a sua independência para se ver cercado por uma presença transcendente que possuía vontades e as cumpria diariamente. “Eu sempre quis, acima de tudo”, disse Lewis em sua autobiografia, “sofrer nenhuma interferência”¹³⁶. O Deus “racional tinha pouca relação [...] com o mundo da imaginação e do anseio de Lewis”¹³⁷, então tudo o que este sentia era desinteresse pela religião e temor de se deparar com o divino em algum momento de sua jornada, fazendo o possível para que sua vida não tivesse interferência ou interrupção alguma.

¹³² Ibid, p. 483.

¹³³ Ibid, p. 981.

¹³⁴ Ibid.

¹³⁵ LEWIS, C.S. Carta a Arthur Greeves, 18 de out.1931; The Collected TOLKIEN, Christopher. As cartas de Tolkien. 1ª ed. Curitiba, PR: Arte & Letra, 2010.s, vol. 1, p. 976.

¹³⁶ LEWIS, C.S. Surpreendido pela alegria. Editora: Thomas Nelson Brasil. 2021, p. 253.

¹³⁷ MCGRAHT, Alister. A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo às terras de Nárnia. Editora Mundo Cristão. 2013, p. 166.



Figura 13: Addison's Walk, fotografado em 1937.

Em dado momento, Tolkien percebeu que Lewis desprezava a ideia de um deus que se sacrificou para salvar os homens, apesar de aceitar, abraçar e se emocionar com mitos nórdicos e gregos em que o mesmo acontecia. Dyson e Tolkien, mediante as crenças expressas por Lewis, “lhes mostraram que estava fazendo uma exigência totalmente desnecessária”, porque quando ele encontrava a ideia de sacrifício na mitologia, “ele a admirava e se emocionava com ela”¹³⁸, apesar de ter certa resistência em observar e crer na mesma atitude tida por Cristo. É sabido que muitas mitologias – grega, romana, nórdica – apresentam histórias onde personagens se sacrificam em função de outrem.

A história de Alceste e Admeto, por exemplo, nos conta que a primeira era filha do rei Pélias, conhecida por sua beleza e boa feição, fazendo com que fosse desejada por inúmeros reis. O seu pai declarou que apenas o candidato que fosse capaz de unir um leão e um javali em um único carro de corrida e o dirigesse seria apto a se casar com Alceste. Logo após esse anúncio, o rei de Feras, Admeto, orou ao deus Apolo para obter ajuda no cumprimento desse desafio. Apolo o auxiliou e ele obteve vitória. Pouco tempo depois, Admeto adoeceu e, para dar uma chance de que recuperasse seu vigor, Apolo estabeleceu a condição de que ele viveria, uma vez que alguém se candidatasse a morrer em seu lugar. Como Admeto era um rei popular e amado, ele imaginou que logo os seus servos, nobres e pessoas próximas iriam se dispor a fazer esse sacrifício, mas nenhum deles estava interessado em dar a sua vida em seu favor. Apenas uma pessoa se voluntariou para tal ato

¹³⁸ CARPENTER, Humphrey. J.R.R. Tolkien: uma biografia. 2018, p. 202.

e foi a sua bela esposa Alcestes, e ela começou a adoecer e padecer no lugar de seu marido, totalmente movida pelo amor que sentia por ele.

Esse tipo de ato heroico comumente comovia Lewis, que apreciava tal exercício de altruísmo, amor e abnegação sobremaneira. Percebendo que o amigo possuía essa tendência, Tolkien dirigiu aquele diálogo a partir dessa perspectiva específica, desenvolvendo uma hipótese intencional: se Lewis abraçasse a fé cristã com o mesmo afeto e abertura que dirigia aos mitos, iria perceber que a narrativa bíblica é digna de atenção, dado que possui pontos de altruísmo, amor e abnegação bem como os mitos.

A ideia da deidade que morre e renasce sempre tocara sua imaginação desde que lera a história do deus nórdico Balder. [...] “Mas,” disse Lewis, “mitos são mentiras, mesmo que sejam mentiras envoltas em prata.” “Não”, disse Tolkien, “não são”.¹³⁹

Tolkien argumentou que Lewis deveria abordar o Novo Testamento com o mesmo senso de abertura e expectativa imaginativa que, em seus estudos profissionais, o levaram à leitura de mitos pagãos.¹⁴⁰

Essa conversa foi documentada por Christopher Tolkien, filho do professor Tolkien e editor de muitas das suas obras póstumas, que assegurou que o seu pai escreveu o poema *Mitopeia*, dedicado ao homem que “descreveu o mito e as estórias de fadas como mentira”, que por sua vez, era C.S. Lewis. O poema recebeu sete versões, e na quinta e sexta reformulação, Tolkien redigiu a frase: ‘J.R.R.T. para C.S.L.’ Apesar dessas variações, Scull e Hammond asseguraram que “em qualquer caso, o pano de fundo mental cênico destas linhas é o “Grove and Walks of Magdalen at night”¹⁴¹, isto é, o trecho percorrido por ele na noite de 19 de Setembro, junto a Hugo e Lewis.

Tolkien, a partir daí, busca apontar ao amigo que o mito é uma invenção sobre a verdade, pois se procedemos de Deus, o Criador, as histórias que tecemos refletirão um fragmento da verdade eterna que está em seu ser. Logo, os mitos não são uma mentira, mas hão de demonstrar uma verdade subjacente em suas entrelinhas. Com verdade subjacente, me refiro ao mesmo adjetivo usado por Tolkien em seu ensaio filosófico “Sobre estórias de fadas”, mas dessa vez, atribuindo a ideia de que estamos diante de uma verdade que não se

¹³⁹ Ibid.

¹⁴⁰ MCGRATH, Alister. A vida de C.S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia, pp. 168-169.

¹⁴¹ SCULL, Christina. HAMMOND, Wayne G. The J.R.R. Tolkien Companion and Guide, p. 1173. Tradução própria.

manifesta claramente. A verdade parece se manifestar de dois modos: em primeiro lugar, a atividade criativa de construção dos mitos rememora os impulsos vindos do próprio Deus, que nos equipou com capacidades de estruturar e criar novos mundos, tal qual Deus estruturou e criou um mundo. Esse pensamento é captado quando Tolkien informa que as histórias humanas podem soar plausíveis e verdadeiras, ao mesmo tempo em que revelam apenas o seu poder finito, “finita somente porque a capacidade do Homem para quem isso foi feito é finita”¹⁴².

Em uma entrevista dada acerca da vida, obra e relação de Tolkien com os mitos, o especialista Pearce diz que, para o professor, “a mitologia era um meio de transmitir certas verdades transcendentes que são quase inexpressíveis dentro dos limites factuais”¹⁴³ de um romance “realista”. Pearce desenvolve a ideia de que uma história pode ser entendida como algo que contém uma verdade secundária, ainda que não seja os personagens e acontecimentos fatos em si. Para exemplificar a ideia de Tolkien, ele diz:

Não há necessidade de os cristãos se preocuparem com o papel da “história” como transmissora da verdade. Afinal, Cristo foi o maior contador de histórias de todos. Suas parábolas podem não ser factuais, mas são sempre verdadeiras. Tomemos, por exemplo, a parábola do filho pródigo. Provavelmente, Cristo não estava se referindo a um filho em particular, nem a um pai perdoador em particular, nem a um irmão invejoso em particular. O poder da história não reside em ser factual, mas em ser verdadeira. Não importa que o filho pródigo nunca tenha existido como pessoa real; ele existe em cada um de nós. Todos nós somos, uma vez ou outra, um filho pródigo, um pai perdoador ou um irmão invejoso. É “aplicável” a todos nós. O que importa é a verdade da história, e não os factos. Este foi o ponto de Tolkien. Além disso, há mais verdade em “O Senhor dos Anéis” do que em muitos exemplos de realismo ficcional.

Pearce afirma que apesar das histórias não transmitirem fatos, elas são capazes de transmitir verdades primárias ou secundárias, chamando essa tese de “filosofia do mito”. O ponto a ser observado é que ao apontar os mitos como verdadeiros, Tolkien não estava disposto a dizer que Zeus, Hera, Afrodite e tantos outros eram seres reais – fatos –, contudo, desejava afirmar que haviam verdades secundárias nessas histórias. Da mesma forma, Jesus Cristo poderia não estar se referindo a um filho em particular, nem a um pai perdoador em particular, nem a um irmão invejoso em particular da parábola do Filho Pródigo, uma vez que o “poder da história não reside em ser factual, mas em ser

¹⁴² TOLKIEN, J.R.R. Árvore e Folha, 2020, p. 78.

¹⁴³ PEARCE, Joseph. J.R.R. Tolkien's Take on the Truth: Interview with Author Joseph Pearce on "Lord of the Rings". Acesso em: <https://www.leaderu.com/humanities/zenit-tolkien.html>

verdadeira” no que se diz respeito ao que está sendo representado ali. Mesmo não sendo fatos, os mitos são configurados com a verdade, ainda que trajam vestes extravagantes e elementos alegóricos.

A evolução desse posicionamento de Tolkien resultará na criação do Mundo Primário e Mundo Secundário. Faz-se necessário, a partir daqui, conceituar uma ideia do autor, quando trabalha a teoria do Mundo Primário e Secundário. Pertencem ao Mundo Secundário tudo o que é criado por mãos humanas, enquanto o Primário detém a realidade no total. É possível reconhecer vestígios desse mesmo pensamento em um dos versos do poema *Mitopeia*, o qual iremos analisar no segundo capítulo, em que ele diz “mentiras não compõem o peito humano”, isto é, nem mesmo as histórias inventadas são desprovidas de níveis subjacentes da verdade: toda verdade é verdade, seja no nível primário ou secundário. Esta tese pode ser ligada a uma citação de G.K. Chesterton disponível em seu texto “*The Well and the Shallows*” em que ele diz: “Saímos dos lugares rasos e secos para um poço profundo, e a Verdade está no fundo dele”¹⁴⁴. O elemento da verdade pode não estar nas linhas mais óbvias de um mito, mas no final deste “poço profundo”. A única forma de obtermos um olhar frontal é mergulhando intensamente em direção às águas do mito, uma vez que é desejável conhecer seus elementos e componentes que o formam profundamente. Associar a Verdade a um elemento que está presente no fundo de um poço profundo também pode remeter ao posicionamento de que as verdades contidas no mito não são as do tipo primária, estas que são óbvias, mas as do tipo secundário que estão presentes nas nuances e funduras de uma narrativa. A título de exemplo, analisemos a história e desenvolvimento da narrativa de Édipo. Ao decorrer das páginas, o leitor descobre que um bebê havia recebido uma profecia do oráculo de Delfos a qual revelava um destino sombrio para o seu futuro: ele seria o responsável pela morte de seu pai e seria aquele que desposaria a sua mãe, dois crimes conhecidos como parricídio e incesto. A parte verdadeira da história não é, necessariamente, a profecia, a vida de Édipo ou o seu fim trágico em si, porquanto não existem evidências de que isso pode ter acontecido em algum nível da realidade. Isto é, se o mito de Édipo fosse um poço de águas profundas, como disse Chesterton, esta seria uma possível verdade profunda que encontraremos através de um mergulho em direção ao seu significado.

Pearce esclarece, nesse momento, Tolkien declarou que ao invés de serem mentiras, os mitos, por vezes, “a única forma de transmitir verdades que de outra forma

¹⁴⁴ CHESTERTON, G.K. *The Well and the Shallows*. Editora: Aeterna Press, 2015, p. 37.

permaneceriam inexprimíveis”¹⁴⁵, havendo um compromisso em refletir essa luz verdadeira que advém da verdade divina. Qual é a verdade inexprimível de Édipo Rei? Inúmeras, como a tragédia estar vinculada a uma cadeia de eventos inadiáveis e irremediáveis, posicionadas pelo destino ou mesmo pelas consequências das ações do protagonista, como o horror de assassinar o próprio pai ou mesmo o dissabor que é vivenciar o desastre que é um incesto. “Os mitos podem ser mal orientados, mas dirigem-se, ainda que vacilantes, para o verdadeiro porto”¹⁴⁶, parafraseia Carpenter a partir dos versos do ensaio “Sobre estórias de fadas” de Tolkien. A partir desse fragmento, mais uma vez, a ideia de Tolkien é reforçada, visto que apesar dos mitos e outras narrativas não estarem livres de erros e inconsistências, esse conjunto de histórias não se torna desprovido de direção rumo ao porto verdadeiro.

A mitologia, portanto, tem um papel importante, porque ela é capaz de estimular e revelar um desejo por algo que está além da vista humana e foi precisamente esse o efeito obtido na vida de Lewis, dado que, por meio das investidas de seu amigo Tolkien, o professor passou da descrença em Deus a um entendimento onde o cristianismo, “em vez de ser um mito entre muitos outros, é assim a realização de todas as outras religiões mitológicas anteriores”, então se compromete a narrar “uma história verdadeira sobre a humanidade, que confere sentido a todas as histórias que a humanidade conta sobre si mesma”¹⁴⁷. A abordagem de Tolkien transformou o seu entendimento a respeito dos mitos e, consequentemente, transfigurou aquilo que Lewis pensava a respeito da fé cristã.

Está claro que a maneira de pensar de Tolkien tocou Lewis profundamente. Ela respondeu a uma pergunta que havia atormentado Lewis desde sua adolescência: como apenas o cristianismo poderia ser verdadeiro, e tudo o mais, falso? Lewis agora percebeu que ele não precisava declarar que os grandes mitos da era pagã eram totalmente falsos; eles eram ecos ou antecipações da verdade plena, que foi dada a conhecer apenas na fé cristã e por meio dela. O cristianismo confere plenitude e completude a percepções imperfeitas e parciais acerca da realidade, espalhadas na cultura humana. Tolkien deu a Lewis uma lente, um jeito de enxergar as coisas, que lhe permitiu ver o cristianismo como algo que traz plenitude a esses ecos e sombras de verdades que surgiram do questionamento e anseio humano. Se Tolkien estivesse certo, “deveria haver” semelhanças entre o

¹⁴⁵ FIELD, J. Fraser. Entrevista com o autor Joseph Pearce sobre “O Senhor dos Anéis”. CERC - Centro de Recursos Educacionais Católicos.

<https://catholiceducation.org/en/culture/interview-with-author-joseph-pearce-on-lord-of-the-rings.html>. Acesso em 14/10/2024..org/en/culture/interview-with-author-joseph-pearce-on-lord-of-the-rings.html

¹⁴⁶ CARPENTER, Humphrey. J.R.R. Tolkien: uma biografia. 2018, p. 202.

¹⁴⁷ Ibid, p. 169.

cristianismo e as religiões pagãs. Só haveria problemas se essas semelhanças não existissem.¹⁴⁸

Repentinamente, ao encontrar a Deus, McGrath nos diz que a imaginação de Lewis deparou-se com a saciedade da saudade e melancolia que o acompanharam durante toda a vida. A esfera desses anseios que provocavam inquietude em sua alma “podia ser entretecida [...] na narrativa maior da realidade que Tolkien havia apresentado”¹⁴⁹. McGrath resgata o trecho de uma passagem de “O Silmarillion” quando Tolkien manifesta esse sentimento inquieto da busca humana pelo transcendente. Em certo capítulo de sua história, nos é dito que Ilúvatar, a figura de Deus na Terra Média, determina que a raça humana – os Homens – lidarão com um anseio, por conseguinte, os seus instintos geraram um desejo insaciável o qual “os corações dos homens buscassem além do mundo e não achassem repouso dentro dele”¹⁵⁰. Deus, ao invés de assumir a forma de um ser distante, se tornou, para Lewis, a “fonte da qual aquelas flechas da Alegria vinham sendo desferidas contra mim desde a infância”¹⁵¹.

A conversa estabelecida entre Hugo Dyson, J.R.R. Tolkien e C.S. Lewis ajustou o conhecimento deste último acerca de como os mitos funcionam em seu cunho imaginativo, conceito esse que aponta para “algo produzido pela mente humana em sua tentativa de responder a algo maior do que ela mesma”¹⁵². Ao se referir a “algo maior do que ela mesma”, a mitologia pode vir a instaurar verdades significativas. Lewis passou a acreditar, graças a influência de Tolkien, que uma mitologia era capaz de “nos comunicar mais realidade” do que muitos julgavam, tendo comentado isso em uma carta escrita a Eliza Marian Butler em 1940¹⁵³.

Naquela conversa que ocorreu entre os professores, Dyson e Tolkien argumentaram que Lewis estava exigindo dos Evangelhos algo que não pedia da mitologia. O biógrafo McGrath se dedica a desenvolver o amor que Lewis sentia pelas mitologias quando figura que o autor apreciava a ideia de sacrifício numa mitologia, “ele se admirava e se emocionava com ela”, visto que a ideia da divindade morrer e renascer “sempre tocara a

¹⁴⁸ MCGRATH, Alister. *A vida de C.S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia*, 2013, p. 169.

¹⁴⁹ CARPENTER, Humphrey. *J.R.R. Tolkien: uma biografia*. 2018, p. 170.

¹⁵⁰ TOLKIEN, J.R.R. *O Silmarillion*. 2019, p. 71.

¹⁵¹ LEWIS, C.S. *Surpreendido pela alegria*. Editora: Thomas Nelson Brasil. 2021, p. 255.

¹⁵² MCGRAHT, Alister. *A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo às terras de Nárnia*. Editora Mundo Cristão. 2013, p. 279.

¹⁵³ TOLKIEN, J.R.R. *The Collected TOLKIEN*, Christopher. As cartas de Tolkien. 1ª ed. Curitiba, PR: Arte & Letra, 2010.s, vol. 2, p. 444-446.

sua imaginação desde que lera a história do deus nórdico Balder”¹⁵⁴. Em outras palavras, Lewis não era severo e inflexível a respeito das mitologias, aceitando-as de bom grado sem muita resistência. Contudo, ao se deparar com as narrativas da Bíblia, algo mudava no autor: ele se apresentava muito mais implacável em seus julgamentos, nutrindo expectativas a respeito dos Evangelhos que não alimentava dos mitos que costumava consumir.

O diálogo estabelecido entre os professores, como sabemos, mudou o posicionamento de Lewis e expandiu o seu entendimento. Ordway em seu livro “Tolkien's Faith: A Spiritual Biography” nos conta que eles “começaram com discussões sobre mitos e metáforas, passando então para o tema do cristianismo”¹⁵⁵. A autora informa que conforme a conversa foi ganhando proporções cada vez mais profundas, Lewis compreendeu que o cristianismo deveria ser abraçado com a mesma aceitação que dirigia aos mitos.

Lewis tinha tentado compreender a fé traduzindo-a para outro conjunto de termos, uma linguagem doutrinária, intelectual e sistemática. Mas à medida que a sua conversa com Tolkien e Dyson progredia, ele começou a ver que o cristianismo era principalmente uma história, não um sistema de pensamento, e que tinha de ser abordado com o mesmo abraço imaginativo que lhe permitiu desfrutar dos mitos em geral. A “tremenda diferença”, percebeu Lewis, era que a história cristã era histórica.¹⁵⁶

Movido por sua “nova visão” a respeito de Deus e do mito em geral, Lewis escreveu uma carta ao seu melhor amigo e confidente Arthur Greeves, em que assevera que “a história de Cristo é simplesmente um mito verdadeiro: um mito que atua em nós da mesma forma que os outros mitos, mas com essa tremenda diferença de que isso realmente aconteceu”.¹⁵⁷ Novamente, o mito é distinguido da natureza do fato: um fato, tanto para Lewis quanto para Tolkien, se trata de algo que realmente aconteceu em todas as dimensões da realidade, enquanto o mito pode não ter a veracidade de um fato que aconteceu em todos os âmbitos da realidade, mas guarda em si mesmo partículas da

¹⁵⁴ MCGRAHT, Alister. *A vida de C. S. Lewis: Do ateísmo às terras de Nárnia*. Editora Mundo Cristão. 2013, p. 279

¹⁵⁵ ORDWAY, Holly. *A Fé de Tolkien: Uma Biografia Espiritual*. Editora Word on Fire Academic. 2023, p. 232. Tradução própria.

¹⁵⁶ Ibid, p. 233.

¹⁵⁷ LEWIS, C.S. In: Carta a Arthur Greeves, 18 de out.1931; *The Collected TOLKIEN*, Christopher. As cartas de Tolkien. 1ª ed. Curitiba, PR: Arte & Letra, 2010.s, vol. 1, p. 976.

verdade. Essa perspectiva marcou de forma definitiva a forma a qual Lewis enxergava o mundo, dado que passou a compreender que os conceitos de verdade e fato são distintos em sua definição. Tal visão favoreceu que Lewis não necessariamente se desfizesse de seu afeto por mitologias e que possibilitou uma assimilação favorável a respeito do próprio cristianismo. Por meio da abordagem que uniu os mitos e o Evangelho, a História-Mãe de Tolkien se tornou, definitivamente, a mesma partilhada por Lewis.

Apesar da longa conversa noturna, garante McGrath, ter envolvido Hugo Dyson, foi a abordagem de Tolkien que fisgou a atenção de Lewis, sendo o principal responsável pela conversão de Lewis ao cristianismo. Aproveitando precisamente dessa disposição imaginativa que Lewis possuía em relação à mitologia, Tolkien argumentou que havia, de fato, uma diferença decisiva entre os mitos e a Escritura: um era extremamente real, enquanto o outro, era legítimo dentro da ordem de coisas subcriadas. Uma vez tendo sido convidado a usar de sua imaginação para observar o Novo Testamento e o sacrifício de Jesus, uma nova perspectiva a respeito da relação mitologia e Bíblia foi apresentada a Lewis.

No geral, é esta a visão de Tolkien a respeito de mitologias, a qual ele busca oferecer uma argumentação que promove a ideia dos mitos como comunicadores de verdades. Deschene explica que o diálogo existente entre Lewis, Dyson e Tolkien se trata de uma discussão a respeito do “status epistêmico do mito e do conto de fadas”¹⁵⁸. Com status epistêmico, assume-se que o interesse da discussão recai no debate intelectual do conhecimento a respeito do mito. Nas palavras de Jonathan Edward Deschene, os contos de fadas e mitos possuem valor para Tolkien, porque é “na medida em que expõe alguém a verdades primordiais ou míticas, e é através da busca de capturar e comunicar Faërie dentro da arte narrativa que esta exposição ocorre”¹⁵⁹.

Apesar da ausência do seu aspecto religioso nos tempos de hoje, os mitos seguem contendo o seu valor, expressando-o nas mais diversas formas. Seja por meio de histórias fantásticas ou através de pesquisas, os mitos exercem um papel fundamental. O professor Tolkien fez uso da estrutura comum dos mitos em geral – o relato mítico da criação, cosmogonia e teofania – para construir a sua própria mitologia, esta que intitulou de *Legendarium*, uma junção da teologia e metafísica cristã sustentadas por aspectos

¹⁵⁸ DESCENE, Jonathan Edward. Forging Faërie: Sub-creation, Depth and Mythic Otherworldliness in J. R. R. Tolkien's Conception of the Fairy-Story. Acadia University Fall Convocation 2011, p. 26.

¹⁵⁹ Ibid, p. 11.

mitológicos. Em uma de suas cartas, o escritor afirma que o processo de criação da Terra Média estava dividido entre ciclos que iniciavam o seu exercício “com um mito cosmogônico: a Música dos Ainur”¹⁶⁰, sentença essa que testifica como ele usou as estruturas mitológicas para conceber a sua própria.

A narrativa dos mitos sempre esteve perto de Tolkien, permeando as suas aulas em Oxford, se fazendo presente nas discussões em seu pub favorito e também nas leituras noturnas após um dia inteiro de trabalho, mas tudo isso acontecia, como vimos, a partir do pressuposto de que os mitos eram necessariamente mentiras de uma sociedade que não era capaz de explicar os fenômenos naturais de outra maneira, senão associando a existência de deuses. Ao contrário dos demais colegas, todavia, Tolkien não fugia da questão principal: são os mitos verdadeiros ou falsos? Essa pergunta ocupou um espaço tão relevante em sua vida acadêmica que ele dedicou o poema *Mitopeia* e trechos de seu ensaio *Sobre estórias de fadas* a fim de respondê-la com excelência. A seguir, serão analisados os versos e passagens que anunciam a posição do autor.

A História-Mãe na literatura de J.R.R. Tolkien

Como pudemos observar no capítulo anterior, elementos essenciais da história de Tolkien o levaram a abraçar uma História-Mãe, isto é, o cristianismo, como história basilar que guia as suas ações, práticas e crenças. Enquanto alguns fãs e críticos alegam que sua fé católica não era um fator tão determinante na composição de suas histórias, existe uma série de argumentos que buscam reforçar a primazia da religião cristã para o autor. Ao debruçar-se na construção de seu mundo imaginário, Tolkien funda a sua própria mitologia, esta que é influenciada por ao menos duas forças externas: a mitologia¹⁶¹ e o próprio cristianismo. Em suas narrativas fantásticas, é possível perceber lampejos da ética cristã e fragmentos de sua crença, os quais iremos explorar a seguir.

É sabido que parte das autoridades, líderes e membros do cristianismo possuem considerável preconceito e receio quando o assunto é literatura fantástica. Temendo que o

¹⁶⁰ TOLKIEN, J.R.R. Cartas de J.R.R. Tolkien, Editora: Arte & Letra; 1ª edição, 2010, p. 246.

¹⁶¹ Mitologia nórdica, anglo-saxã e greco-romana.

elemento da magia viesse a ser uma quebra do mandamento bíblico que ordena a não associação com bruxaria, por décadas esse tema tem sido frequentemente debatido no cenário brasileiro. O fato é que alguns cristãos seguem resistindo a magia fictícia, impedindo que os contos de fadas e a fantasia assumam seu espaço como gêneros literários tais como tantos outros. Existem leitores que enxergam essas histórias como disfarces do Diabo que, com grande artimanha, busca perverter o mandamento bíblico ao abordar a magia fantástica. Por outro lado, existem aqueles que apostam nas fichas na tese de que os contos de fadas produzem crianças abstraídas e distraídas que são incapazes de diferenciar o real da ficção. Tal sentença é, com frequência, rebatida por Lewis:

Os contos de fadas ensinam as crianças a se retirarem para um mundo de realização de desejos — “fantasia” no sentido técnico e psicológico da palavra — em vez de enfrentar os problemas do mundo real? É aqui que o problema se torna sutil. Vamos voltar a colocar o conto de fadas lado a lado com os livros de história da escola ou qualquer outra história que seja rotulada de “livro de menino” ou “livro de meninas”, ao invés de “livro infantil”. Não há dúvida de que ambos despertam, e imaginativamente satisfazem, desejos. Nós desejamos passar pelo espelho para alcançar a terra das fadas. Também desejamos ser o estudante e a estudante imensamente popular e bem-sucedido, ou o menino ou a garota de sorte que descobre o complô do espião ou monta o cavalo que nenhum dos vaqueiros consegue dominar. Mas os dois desejos são muito diferentes. O segundo, especialmente quando dirigido a algo tão próximo como a vida escolar, é voraz e muito sério. Sua satisfação no nível da imaginação é verdadeiramente compensatória: corremos para tal desejo fugindo das decepções e das humilhações do mundo real; ele nos envia de volta ao mundo real indubitavelmente descontentes. Pois ele é todo lisonja para o ego. O prazer consiste em imaginar o objeto da admiração. O outro desejo, aquele pela terra de fadas, é muito diferente. Em certo sentido, uma criança não anseia pela terra de fadas como um garoto anseia ser o herói do time titular. Alguém supõe que ela realmente e prosaicamente anseia por todos os perigos e desconfortos de um conto de fadas? Que ela real queira dragões na Inglaterra contemporânea? Não é assim. Seria muito mais verdadeiro dizer que a terra das fadas desperta um anseio pelo que ela não sabe o que é. Isso a agita e a aflige (para o enriquecimento de toda a vida) com a sensação difusa de algo além do alcance dela e, longe de abafar ou esvaziar o mundo real, dá-lhe uma nova dimensão de profundidade¹⁶².

Em seu livro *Sobre Histórias*, C.S. Lewis se dedica a rebater a crítica de que a ficção pode prejudicar o julgamento do leitor a respeito dos dados da realidade e faz isso quando argumenta que “a criança não despreza florestas reais porque leu sobre florestas encantadas: a leitura faz todas as florestas reais um pouco encantadas”¹⁶³. Em outras

¹⁶² LEWIS, C.S. *Sobre Histórias*, 2018, p. 57.

¹⁶³ Ibid., p. 58.

palavras, o leitor não terá parte alguma de suas faculdades cognitivas danificada ou afetada. A verdade anunciada por Lewis testifica que a fantasia não propõe o desprezo pela realidade, mas pode estar acompanhada à decisão de acreditar ainda mais na realidade. Um leitor que frequentemente visita os bosques mágicos de sua própria imaginação há de se encantar um pouco mais diante das florestas reais que nos rodeiam, pois a experiência vivenciada por meio da leitura acrescenta mais beleza ao que é tangível.

Esse posicionamento tem se estendido até as histórias fictícias de Tolkien e por alguns leitores, o lado cristão das histórias desse autor pode ser desprezado. Apesar disso, o autor Joseph Pearce é uma voz atuante que constantemente buscava anunciar e provar o contrário: existe muito do cristianismo nas narrativas de J.R.R. Tolkien e a magia inserida no seu enredo em nada ofende essa verdade.

Ao ser indagado em uma entrevista se “O Senhor dos Anéis” acerca das críticas tecidas a Tolkien por ser cristão e escrever histórias de fantasia de orientação “supostamente pagã”, Pearce nos afirma que Tolkien foi um católico praticante ao longo de sua vida e devoto “que acreditava que a mitologia era um meio de transmitir certas verdades transcendentes”¹⁶⁴ melhor expressos “dentro dos limites factuais de um romance realista”¹⁶⁵. A magia tem sido versada em diversos tipos entretenimento, tais como jogos, programas de TV e filmes: apesar das distintas manifestações desse elemento, Pearce defende que existe mais realismo e verdade ficcional na saga da Terra-Média do que em muitos outros livros de realismo ficcional. Pearce declara que, na verdade, “há muito pouco do que poderia ser chamado de magia em “O Senhor dos Anéis”¹⁶⁶, uma vez que o que legitimamente há é a atmosfera sobrenatural da mesma forma em que Deus é sobrenatural e que Satanás é sobrenatural. Para o autor, inúmeros personagens de criados por Tolkien “exibem características e tropos semelhantes aos de Cristo, sem nunca serem figuras de Cristo *per se*”¹⁶⁷. Em sua opinião, “Frodo nos lembra de Cristo em seu papel como o Portador do Anel, em paralelo com Cristo, o Portador da Cruz”¹⁶⁸, enquanto

¹⁶⁴ FIELD, J. Fraser. Entrevista com o autor Joseph Pearce sobre “O Senhor dos Anéis”. CERC - Centro de Recursos Educacionais Católicos. <https://catholiceducation.org/en/culture/interview-with-author-joseph-pearce-on-lord-of-the-rings.html>.

Acesso em 14/10/2024.

¹⁶⁵ Ibid.

¹⁶⁶ Ibid.

¹⁶⁷ Ibid.

¹⁶⁸ VOGT, Brandon. Tolkien, Lewis, and the Christian Imagination: An Interview with Joseph Pearce. Word on Fire, 2016.

Aragorn remete Cristo como o rei que havia de vir para libertar o povo do império das trevas. Por outro lado, “Gandalf nos lembra de Cristo em sua morte, ressurreição e transfiguração”¹⁶⁹ e, deste modo, essas são algumas das possíveis marcas cristãs que podemos vislumbrar na obra de “O Senhor dos Anéis”. A magia inserida por Tolkien anda de mãos dadas com o sobrenatural, natureza essa tão familiar aos leitores da Bíblia, e é essa relação próxima que torna a saga tão magnífica. Mesmo com a presença da fantasia, não há antagonismo aparente entre essas obras e o cristianismo, como alguns julgaram ao princípio.

Seria mais correto descrever a chamada magia em “O Senhor dos Anéis” como milagrosa, quando serve ao bem, e demoníaca, quando serve ao mal. A Terra Média de Tolkien, o mundo em que “O Senhor dos Anéis” se passa, está sob o poder supremo do Deus Único. Também está sob a influência corruptora de Melkor, o anjo caído que é o Satanás de Tolkien.¹⁷⁰

Pearce constata que Sauron, o vilão que nos é apresentado na saga de Frodo, é “o maior dos servos de Satanás”¹⁷¹. Em sua perspectiva, o Senhor das Trevas é um referencial direto do Inimigo descrito na escritura cristã, de forma que a Sociedade do Anel “está lutando até o fim com os servos de Satanás”¹⁷². Neste momento, ele questiona: “Como podem os cristãos opor-se a uma missão cujo propósito é frustrar os desígnios malignos do inimigo demoníaco?”¹⁷³. Para Pearce, a história de Tolkien é um “um thriller teológico”¹⁷⁴, porque existem elementos que denunciam a veia religiosa da trama, como a constante batalha entre bem e mal, ambos os lados recebendo representações tipologicamente compatíveis com figuras cristãs. Não obstante, essa perspectiva é oferecida pelo próprio Tolkien em uma de suas cartas escrita para o Padre, e seu amigo pessoal, Robert Murray:

<https://www.wordonfire.org/articles/tolkien-lewis-and-the-christian-imagination-an-interview-with-joseph-pearce/>. Acesso em 14/10/2024.

¹⁶⁹ FIELD, J. Fraser. Entrevista com o autor Joseph Pearce sobre “O Senhor dos Anéis”. CERC - Centro de Recursos Educacionais Católicos.

<https://catholiceducation.org/en/culture/interview-with-author-joseph-pearce-on-lord-of-the-rings.html>.

¹⁷⁰ Ibid.

¹⁷¹ Ibid.

¹⁷² Ibid.

¹⁷³ Ibid.

¹⁷⁴ Ibid.

O Senhor dos Anéis obviamente é uma obra fundamentalmente religiosa e católica; inconscientemente no início, mas conscientemente na revisão. E por isso que não introduzi, ou suprimi, praticamente todas as referências a qualquer coisa como “religião”, a cultos ou práticas, no mundo imaginário. Pois o elemento religioso é absorvido na história e no simbolismo.¹⁷⁵

Ao ser questionado acerca dos possíveis valores existentes na saga de “O Senhor dos Anéis”, Pearce afirma que são os mesmos que estão presentes nos Evangelhos, especialmente quando toca em assuntos as tentações e provações vivenciadas por Frodo e seus amigos hobbits, estes que, dentre todos os povos da Terra Média, era o mais improvável de receber o título lendário de guerreiros. Para Pearce, essa é uma clara associação de como os humildes recebem um lugar de honra, seja na história de Tolkien ou nos Evangelhos. Especialmente Frodo, o portador do Anel, inicia sua jornada de modo notavelmente humilde, mal acreditando, no livro “A Sociedade do Anel”, que havia um lugar reservado para ele na mesa de Elrond, dentre tantas figuras conhecidas, até então, pelas histórias e canções. Além disso, Pearce conecta Frodo e sua relação com esse artefato tão poderoso a própria luta contra a tentação de ceder ao mal.

O possuidor do Anel é possuído pela sua posse e, em consequência, é despojado da sua alma. O usuário do Anel sempre se torna invisível para aqueles que são bons, mas ao mesmo tempo se torna mais visível aos olhos do mal. Assim vemos que o pecador se excomunga da sociedade dos bons e entra no mundo de Satanás. Em última análise, o uso do Anel por Frodo e sua luta heróica para resistir à tentação de sucumbir aos seus poderes malignos são semelhantes ao Carregar a Cruz, o ato supremo de altruísmo.¹⁷⁶

Pearce afirma que é nítido que, ao longo de “O Senhor dos Anéis”, “as forças do mal são vistas como poderosas, mas não todo-poderosas”¹⁷⁷. Esta é, decididamente, uma marca pessoal da escrita de Tolkien, uma vez que, apesar da larga e dominadora ação das catástrofes, elas não são capazes de derrotar totalmente o lado nobre e bondoso da história que visa destruir e eliminar o Mal. Repetidamente, os personagens que batalham contra o

¹⁷⁵ TOLKIEN, J.R.R. As cartas de J.R.R. Tolkien, 2010, Editora Arte & Letra, p. 287.

¹⁷⁶ FIELD, J. Fraser. Entrevista com o autor Joseph Pearce sobre “O Senhor dos Anéis”. CERC - Centro de Recursos Educacionais Católicos.

<https://catholiceducation.org/en/culture/interview-with-author-joseph-pearce-on-lord-of-the-rings.html>. Acesso em 14/10/2024.

¹⁷⁷ Ibid.

maligno – Aragorn, Frodo, Sam, Gandalf e tantos outros – são quase completamente consumidos por golpes perversos, para enfim ressurgirem de alguma forma para dar prosseguimento a batalha. Isso acontece, por exemplo, quando a Sociedade do Anel está fugindo no interior de um reino dos *anões* quando, de repente, surge um Balrog, uma criatura maligna e muito temível que luta contra Gandalf, o Cinzento. De repente, em um golpe rápido, o ser sinistro consegue puxá-lo para o abismo, deixando toda a Sociedade enlutada.

O fato é que Gandalf lutou contra o Balrog nas profundezas daquele abismo e, ao derrotá-lo, ganhou novas habilidades que o subiram de nível na magia, tornando-o Gandalf, o Branco. O mago retorna vencedor para os seus amigos da sociedade do Anel e há júbilo absoluto quando Frodo, Sam e os demais reencontram Gandalf. Do mesmo modo, a Escritura cristã nos revela situações em que as ações do mal são poderosas, mas não totalmente infalíveis. Vejamos a situação em que Cristo é levado pelo Espírito de Deus ao deserto¹⁷⁸, momento este onde ele jejuou por quarenta dias e quarenta noites enquanto é tentado pelo Diabo. Apesar da presença persuasiva de Satanás, este que vem oferecer múltiplas riquezas, Jesus é vencedor no deserto, quando suporta a tentação. A existência confrontadora e maligna do Diabo ou mesmo do Mal jamais triunfa completamente na Escritura, apesar de sua atuação acrescentar dificuldades ao povo de Deus. De modo muito similar, as figuras mais representativas do Mal nas histórias de Tolkien são capazes de agir e obter sucesso em algumas etapas de seus planos crueis, mas também são derrotados pelas forças comprometidas com a bondade e a verdade. Aqui e em tantos outros pontos da narrativa de Tolkien, Pearce nos conta de que a escrita do autor sempre nos oferece “a sensação de que a providência divina está do lado da Irmandade e que, em última análise, prevalecerá contra todas as probabilidades”¹⁷⁹ porquanto, como bem disse Tolkien, “acima de todas as sombras cavalga o Sol”¹⁸⁰. Ao irmos de encontro com os seus escritos, é nítido ver que, após uma onda de medo ou dor, Tolkien nos conduz a uma situação de alívio e escape, uma genuína Eucatástrofe sustentada pela providência divina. Podemos destacar essa como mais uma marca trabalhada pela narrativa do autor, uma vez que todas as suas histórias podem ser comparadas a Bíblia pela recusa da prevalência do mal. Pearce declara

¹⁷⁸ Bíblia Sagrada. Evangelho de Mateus, capítulo 4.

¹⁷⁹ FIELD, J. Fraser. Entrevista com o autor Joseph Pearce sobre “O Senhor dos Anéis”. CERC - Centro de Recursos Educacionais Católicos.

<https://catholiceducation.org/en/culture/interview-with-author-joseph-pearce-on-lord-of-the-rings.html>.

¹⁸⁰ Ibid.

que Tolkien é um evangelista no sentido de que é o portador e comunicador de “boas novas através da narração de boas histórias”¹⁸¹. Pode-se observar, neste ponto, o modo o qual a História-Mãe de Tolkien influenciou o triunfo do bem sob o mal.

Em “Árvore e Folha”, Tolkien afirma que um dos elementos fantásticos nas histórias de fada é o Grande Escape: o Escape da Morte, no qual “as estórias de fadas trazem [...] o que poderia ser chamado o genuíno espírito escapista”¹⁸² e, mais importante que esse aspecto é o que o Professor chama de Consolação do Final Feliz, “a consolação das estórias de fadas tem outro aspecto além da satisfação imaginativa de desejos antigos”.¹⁸³

Muito mais importante é a Consolação do Final Feliz. Quase me aventuraria a afirmar que todas as estórias de fadas completas devem tê-lo. No mínimo, eu diria que a Tragédia é a verdadeira forma do Drama, sua mais alta função; mas o oposto é verdadeiro no caso da Estória de Fadas. Já que não parecemos possuir uma palavra que expresse esse oposto, eu o chamarei de Eucatástrofe. O conto eucatastrófico é a verdadeira forma do conto de fadas e sua mais alta função. A consolação das estórias de fadas, a alegria do final feliz ou, mais corretamente, o da boa catástrofe, a repentina “virada” alegre (pois não há fim verdadeiro para nenhum conto de fadas); essa alegria, que é uma das coisas que as estórias de fadas produzem supremamente bem, não é essencialmente “escapista”, nem “fugitiva”. Em seu ambiente de conto de fadas – ou de outro mundo –, ela é uma graça repentina e miraculosa: nunca se pode contar que ela se repita.¹⁸⁴

Para Tolkien, a presença da Eucatástrofe não impede que a Discatástrofe – a má catástrofe – aconteça; a Eucatástrofe nega “a derrota final universal, e nesse ponto, é evangelium, dando um vislumbre fugidio da Alegria, a Alegria além das muralhas do mundo [...]”¹⁸⁵. O seu ensaio filosófico “Sobre Estórias de Fadas” assegura que é um traço das boas estórias de fadas a Consolação do Final Feliz, pois:

[...] na eucatástrofe vemos, numa breve visagem, que a resposta pode ser maior — pode ser um brilho ou eco distante do evangelium no mundo real. O uso dessa palavra dá algumas pistas sobre meu epílogo. É uma matéria séria e perigosa. É presunçoso de minha parte tocar em tal tema; mas, se por graça, o que eu disse tem em qualquer respeito alguma validade, isso é, claro, só uma faceta de uma verdade incalculavelmente rica: finita somente porque a capacidade do Homem para quem isso foi feito é finita. Eu me aventuraria a dizer que, abordando a Estória Cristã por esse ângulo, sempre foi meu sentimento (um sentimento alegre) que Deus redimiu as criaturas criadoras corruptas, os homens, numa

¹⁸¹ Ibid.

¹⁸² TOLKIEN, J.R.R. Árvore e Folha, 2020, p. 75.

¹⁸³ Ibid.

¹⁸⁴ Ibid.

¹⁸⁵ Ibid, p. 76.

maneira adequada a esse aspecto, assim como a outros, de sua estranha natureza. Os Evangelhos contêm uma estória de fadas ou uma estória de um tipo maior que abraça toda a essência da estória de fadas. Eles contêm muitas maravilhas [...] belas e comoventes: míticas em sua significância perfeita e autocontida; e, entre as maravilhas, está a maior e mais completa eucatástrofe concebível.¹⁸⁶

Em “O Sobrinho do Mago”, Nárnia é criada e os personagens degustam de uma atmosfera perfeita e imaculada, na qual Aslam caminhava lado a lado com os humanos no jardim, promovendo harmonia e uma doce vida até a Queda transmutar brutalmente o estado original da Criação. A Feiticeira Branca adentra com sua maldade nos terrenos recém-formados e o seu domínio demoníaco prolonga-se por anos, ao mesmo tempo em que Aslam promove salvação aos seus. Em certa altura, a Feiticeira Branca obtém o seu, até então, aparente triunfo: ela sacrifica o grande Leão na Mesa de Pedra e se vê livre para usurpar definitivamente o trono de Nárnia.

Desamparado e vacilante, o povo narniano lamenta a morte do verdadeiro rei, contudo, supridos pela força e potência de Pedro Pevensie, se veem sustentados durante a grande batalha. O inesperado acontece: o lado do bem começa a perder durante o embate; diversas peças fundamentais da armada de Aslam haviam sido dizimadas em meio ao campo de guerra e um desespero latente circunda os guerreiros. A derrota parecia certa e o exército maligno da oposição feroz avançava impiedosamente contra os narnianos. A batalha estava em aparentemente desvantagem e o sentimento de fracasso impregnou o coração dos soldados de Aslam, visto que todos os seus recursos estavam se findando e suas forças não eram capazes de aplacar o mal.

Quando tudo parecia perdido, Aslam, no entanto, ressurge no horizonte como um poderoso sol nascente e o ânimo, antes roubado, é devolvido ao seu povo. Com extrema bravura, o Leão recupera o seu trono e, juntamente a ele, muitos dos que se foram tornaram à vida por meio de seu poder. Em “Harry Potter e as Relíquias da Morte”, o Lord Voldemort se apossa da escola de Hogwarts após uma exaustiva batalha. Chamando o protagonista até a Floresta Proibida, o antagonista lança um feitiço mortal contra o menino, que desfalecido, desaba ao chão. Celebrando a aparente vitória, o exército inimigo se gloria na morte de Potter enquanto o carrega de volta à escola, para que todos os seus amigos assistissem a dor do luto do pior modo. O pátio de Hogwarts reunia jovens assustados que se apavoraram ao ver Harry, o símbolo da luta contra as trevas, morto. Uma atmosfera de

¹⁸⁶ Ibid, p. 78.

pesar e desânimo abarcou todos os estudantes e a batalha parecia, finalmente, vencida. Todavia, uma súbita eucatástrofe aconteceu: O menino havia sobrevivido ao ataque e retornou para retomar a luta contra o maligno.

A ressurreição de Aslam e o ressurgimento de Harry Potter representa, nos moldes de Tolkien, a precisa linha da Eucatástrofe, a virada jubilosa que muda o curso da história e presenteia os personagens com a Consolação do Final Feliz. O elemento do final feliz, contudo, está presente, concomitante com Tolkien, nas Escrituras de uma maneira sublimemente elevada pois a Bíblia é cercada de momentos eucatástrofe, visto que o Senhor constantemente atuou nos momentos em que o aparente transtorno reinava e trouxe triunfo brilhante ao povo. A Eucatástrofe está presente, por exemplo, quando Deus provou Abraão e solicitou como sacrifício a vida de seu próprio filho Isaque em Êxodo 22. Em procissão contínua até Moriá, onde o holocausto seria realizado sobre um dos montes, Abraão prepara o seu jumento e levou consigo seu filho, e, ao terceiro dia vislumbrou o lugar de longe. Ali, Abraão edificou um altar e sobre ele dispôs a lenha, amarrou Isaque e o deitou no altar em cima da lenha ao se empossar do cutelo para imolar o menino.

Mas do céu lhe bradou o Anjo do Senhor: Abraão! Abraão! Ele respondeu: Eis me aqui! Então, lhes disse: Não estendas a mão sobre o rapaz e nada lhes faça; pois agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho. Tendo Abraão erguido os olhos, viu atrás de si um carneiro preso pelos chifres entre os arbustos; tomou Abraão o carneiro e o ofereceu em holocausto, em lugar de seu filho. [...] Então, do céu bradou pela segunda vez o Anjo do Senhor a Abraão e disse: Jurei, por mim mesmo, diz o Senhor, porquanto fizeste isso e não me negaste o teu único filho que deveras te abençoarei e certamente multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus e como a areia na praia do mar; a tua descendência possuirá a cidade dos seus inimigos, nela serão benditas todas as nações da terra, porquanto obedeceste à minha voz.¹⁸⁷

Essa virada graciosa também está na escolha das parteiras Sifrá e Puá que desobedeceram ao Faraó e permitiram que os meninos continuassem vivendo, pois temeram a Deus e se negaram a assinar os meninos hebreus, dessa vez em Êxodo 1:15 e Deus recompensou-as, além de ter enumerado ainda mais o seu povo. Quando tudo parecia perdido para o povo do Senhor, pequenas “viradas” exultantes ocorreram e o perigo foi eliminado.

¹⁸⁷ BÍBLIA SAGRADA, Êxodo 22:2-18.

Através desse esquema, podemos admitir que quando Tolkien discorre sobre a estrutura Eucatástrofe, ele a utiliza em suas histórias. Diante dessa moldura literária, o próprio Tolkien afirma que a Bíblia produz diversas eucatástrofes e a história narrada pela voz do Senhor é sublime, a mais verdadeira dentre todas as outras, aquela que começa e termina em alegria e dura para todo o sempre.

Nascimento de Cristo é a eucatástrofe da história do Homem. A Ressurreição é a eucatástrofe da história da Encarnação. Essa história começa e termina em alegria. Tem pre eminentemente a ‘consistência interna da realidade’. [...] Essa história é suprema; e é verdadeira.¹⁸⁸

Em suas histórias autorais, J.R.R. Tolkien envolve seus personagens em situações que, aparentemente, são verdadeiras enrascadas. Surge um período de grande dificuldade que o protagonista da história deve enfrentar antes da redenção chegar e, até que isso aconteça, povo se aflige, ao mesmo tempo em que o inimigo passa a ser mais presunçoso com a evidente vitória que se aprocrega e uma prévia de pesar e luto ameaça o exército que conquistara o nosso coração com sua bondade e altruísmo.

Sam, Frodo, Aragorn e outros personagens quase padecem em suas distintas missões. Todavia, quando a Eucatástrofe entra em ação através de algum agente, existe um encaminhamento para que a maldade seja derrotada, temporária ou permanentemente, ao mesmo tempo em que o leitor percebe que tudo pode ser redimido, mesmo as situações mais invencíveis.

[...] no reino de Deus, a presença do maior não opõe o pequeno. O Homem redimido ainda é homem. Estória e fantasia ainda continuam e devem continuar. O Evangelium não aboliu as lendas; ele as abençoou, especialmente o “final feliz”. O cristão ainda tem de labutar, com mente e com corpo, para sofrer, esperar e morrer; mas ele pode agora perceber que todas as suas inclinações e faculdades têm um propósito que pode ser redimido. Tão grande é a mercê com a qual ele foi tratado que pode agora, talvez, com razão ousar achar que, na Fantasia, ele pode, na verdade, auxiliar a desfolha e o múltiplo enriquecimento da criação.¹⁸⁹

¹⁸⁸ TOLKIEN, J.R.R. Árvore e Folha, 2020, p. 69.

¹⁸⁹ Ibid, p. 79.

Outro ponto necessário a ser reconhecido é, portanto, que Tolkien reconheceu as suas obras localizadas no que chamou de “um mundo monoteísta de teologia natural”¹⁹⁰, contradizendo as falas posteriores de outros especialistas que buscam anular os lampejos desta notável História-Mãe.

A maior história já contada é a história da vida do próprio Cristo. Isto foi o que Tolkien e Lewis chamaram de Mito Verdadeiro, o mito que realmente aconteceu.¹⁹¹

Apesar da atmosfera cristã ser sutil, não podemos ignorar as constantes referências éticas, morais e virtuosas que podem ser enxergadas na história da Terra Média. Os personagens de Tolkien, muitas vezes, parecem discutir a existência do Bem e do Mal, bem como as consequências destes.

Em *As Duas Torres*, vemos a afirmação de que “o mal está à solta em Isengard”¹⁹². Essa sentença afirma que eles possuem uma ideia do que é o mal, porque este acompanha Saruman e os Orcs em suas decisões hostis. Em outro trecho, Gimli afirma a Éomer que ele “fala mal daquilo que é belo além do alcance de teu pensamento, e só o pouco juízo pode desculpar-te”¹⁹³. Para Gimli, só é possível postular essa frase porque há um senso que situa o povo da Terra Média em um mundo que discute o que é o Bem, o Mal, a Verdade, a Mentira e a Beleza.

O Prof. Dr. Diego Klautau nos oferece como exemplo o fato de Tolkien vincular a coragem nórdica à “virtude moral da fortaleza, analisada tanto por Aristóteles quanto por São Tomás”. Klautau aponta que esse fato torna compreensível o momento em que o personagem Aragorn afirma para Éomer, “quando se encontram pela primeira vez nos campos de Rohan, que o bem e o mal não mudam no tempo”. Observe a citação em sua íntegra:

¹⁹⁰ PLIMMER, Charlotte e Denis. JRR Tolkien interview: ‘It would be easier to film The Odyssey than The Lord of the Rings’. The Telegraph. Acesso em:

<https://www.telegraph.co.uk/news/2023/09/02/j-r-r-tolkien-lord-of-the-rings-death-50th-anniversary/>

¹⁹¹ Ibid.

¹⁹² TOLKIEN, J.R.R. As duas torres. Harper Collins, 2019, p. 627.

¹⁹³ Ibid, p. 649.

O bem e o mal não mudaram desde antanho; nem são uma coisa entre os Elfos, e os Anões e outra entre os Homens. É o papel do homem distingui-los, tanto na Floresta Dourada quanto em sua própria casa.¹⁹⁴

Ao ler as histórias de Tolkien, podemos observar que existem elementos e aspectos da Verdade e da Moralidade que se fazem presentes em diferentes culturas da Terra-Média ao decorrer do tempo. Klautau aponta que “ao traçar uma discussão sobre Bem, Belo e Verdadeiro nos mitos pagãos, Tolkien [...] situa a genialidade pagã, pré-cristã, num ambiente da tal teologia natural”¹⁹⁵ que pode ser compreendido como a busca pela inteligência dos “fundamentos da existência, de uma metafísica [...] a partir do exercício da razão natural, ou seja, sem o suporte da revelação divina”¹⁹⁶. O teórico reforça que tal esforço pode ser visto, de forma análoga, como católico no sentido “universal”. Deste modo, a história de Tolkien abrange discussões acerca do que é virtuoso, verdadeiro e belo por meio de delimitações nítidas entre a moralidade dos personagens.

Drew Bowling afirma que, por meio de suas histórias, Tolkien ilustrou fielmente as “verdades eternas que sustentam uma boa compreensão do catolicismo (beleza, virtudes, ordem moral, a eterna batalha entre o bem e o mal)”¹⁹⁷. Por meio das cenas em que o mal entra em combate com o bem, quando a beleza é maculada - como quando as árvores e os jardins de Isengard foram corrompidos pelo Mal - ou quando a virtude confronta o vício, jaz uma marca cristã. Assim como Klautau, Bowling concorda que o cristianismo em Tolkien não é tão explícito, mas está “baseado em sua identidade e em sua maneira de entender as verdades metafísicas”¹⁹⁸. Este conjunto de sentenças nos faz refletir que a História-Mãe de Tolkien se manifesta em suas histórias por meio desses aspectos.

Neste mesmo sentido, a presença da História-Mãe de Tolkien é notada precisamente quando refletimos a respeito do aspecto ético que abateu os povos dos Orcs e Elfos, análise detalhada que está presente no livro “O Hobbit e a Filosofia”. Os Orcs, por exemplo, são criaturas “horrivelmente deturpadas, se bem que não mais do que muitos Homens que se

¹⁹⁴ TOLKIEN, J.R.R. As duas torres. Harper Collins, 2019, p. 657.

¹⁹⁵ KLAUTAU, Diego. Existe relação entre “O Senhor dos Anéis” e o catolicismo? Tolkienista. 2019. Link: <https://tolkienista.com/2019/08/06/existe-relacao-entre-o-senor-dos-aneis-e-o-catolicismo/>. Acesso em 12/12/2024.

¹⁹⁶ Ibid.

¹⁹⁷ BOWLING, Drew. Como o catolicismo de Tolkien influenciou sua obra? Site Com Shalom. Acesso em: <https://comshalom.org/catolicismo-tolkien-influenciou-obra/>

¹⁹⁸ Ibid.

pode encontrar hoje em dia”¹⁹⁹. O autor nos informa que os Orcs se abrigam o interior das Montanhas Nevoentas em “O Hobbit” e nas palavras do próprio Tolkien, esses seres não produzem coisas belas, mas forjam coisas muito engenhosas e são capazes de construir túneis e minas de forma excelente. Os Orcs são capazes de montar os melhores martelos, machados, espadas, adagas, picaretas, tenazes e instrumentos de tortura. Tolkien afirma, em dado momento da história, que nenhum de seus leitores deve se espantar com a probabilidade de que foram essas as criaturas a formularem “algumas das máquinas que desde então atormentaram o mundo, especialmente os aparatos engenhosos para matar grandes números de pessoas de uma vez”²⁰⁰, dado que explosões e armas letais sempre os deleitam²⁰¹.

Em “O Hobbit”, os anões, Bilbo e o mago se refugiam em uma estreita caverna após uma tempestade intensa nas Montanhas Nevoentas. Durante a noite, uma fenda repentinamente surgiu na parede da caverna, engolindo todos os personagens para o interior da montanha, onde vivia uma colônia monstruosa de Orcs. Os Orcs, a partir da narrativa descrita por Tolkien, utilizavam de seus melhores artifícios para promover o mal sem ressalvas. Aqui, a magia — tecnologia, segundo o livro “O Hobbit e a Filosofia” — foi usada para o “aumento do seu próprio poder pela tecnologia com total indiferença à ética parece-me um câncer no Universo”²⁰².

Nesse mesmo capítulo, para salvar os seus amigos de uma iminente morte pelas garras dos Orcs, Gandalf usa uma espada especial que brilha com luz própria para dizimar o líder dos Orcs das montanhas. Ao desembainhar a espada e ela reluzir no escuro, a sua lâmina ardeu magicamente ao perceber que estava no hostil reino dos monstros. Durante a leitura do livro, nos é revelado que essa espada brilhante, Glamdring, bem como a espada de Bilbo e Thorin, Narsil e Sting, foram construídas para as guerras em Gondolin pelos antigos ferreiros élficos. Ainda nessa história, a lâmina da espada que pertencia a Bilbo Bolseiro reluzia um brilho fraco e ele pensou: “então é uma arma élfica também [...] e os Orcs não estão muito perto, e mesmo assim não estão longe o suficiente”²⁰³.

No livro “O Hobbit e a Filosofia”, o autor Christopher Stewart explica que os Elfos, na maioria das vezes, são referências de brandura, justiça, sabedoria e hospitalidade. Em

¹⁹⁹ TOLKIEN, J.R.R. As cartas de Tolkien. 1ª ed. Curitiba, PR: Arte & Letra, 2010.s of J. R. R. Tolkien, p. 319.

²⁰⁰ TOLKIEN, J.R.R. O Hobbit, Editora Harper Collins, 2019, p. 62.

²⁰¹ Ibid.

²⁰² MILLER, Ryder W, ed., The War of Ideas between Arthur C. Clarke and C. S. Lewis New York: iBooks, 2003.

²⁰³ TOLKIEN, O Hobbit, 2019, p. 80.

uma visita dos anões, Gandalf e Bilbo a cidade de Valfenda, localizada ao norte das Montanhas Nevoentas, onde o senhor Elrond e diversos outros Elfos vivem em paz e harmonia perfeitas. Diferentemente dos Orcs, essas criaturas utilizam a magia para propósitos benéficos específicos que auxiliam outros além de seu próprio povo.

Stewart aponta que os Elfos e o mago Gandalf usam a magia em situações irremediáveis, onde a força natural está impedida de agir, seja ao iluminar das espadas para alertar acerca da presença do inimigo ou usar de seu poder para restaurar o ânimo do enfraquecido por meio de Lembas, pães élficos que saciam um homem adulto por todo um dia. Isso difere dos comportamentos típicos dos Orcs, segundo o autor, e esse mesmo padrão se repete – a meu ver – nas vidas de Saruman e Sauron, ambos líderes poderosos que usam a magia de maneira abrasiva. Saruman, por exemplo, é um mago brilhante que voltou suas costas para o seu Conselho, aliou-se ao mal e criou os Uruk Hai para cumprir seus propósitos cruéis. O mago provou ter um caráter lamentavelmente cruel quando passou a iludir as pessoas ao seu redor para manipulá-las, proferindo palavras “semi-ocultas” para então revelar sua real face: ele traiu o Conselho e liderou um grupo de seres chamados Uruks, uma raça de Orcs de grande força. Saruman utilizou de seu conhecimento e magia para o disseminar o mal. Para cumprir seus propósitos, levantou um exército bestial e, por meio de feitiços aprendidos muito tempo antes, a voz cruel de Saruman consumou uma aliança com Sauron, o emblema magno da maldade nas histórias de Tolkien, e usou a fortaleza de Isengard como o quartel central de suas operações para aperfeiçoar e construir o seu exército de Orcs e homens.

Essa última atitude o levou a destruir uma vasta área de árvores de Fangorn, despertando a ira dos Ents, os Pastores das Árvores da Terra Média. Quando Gandalf, o Cinzento, é questionado por Frodo para compreender quem é Saruman, Gandalf comenta que se trata de “um dos grandes entre os Sábios. É o chefe da minha ordem e o presidente do Conselho”.

Seu conhecimento é profundo, mas seu orgulho cresceu na mesma proporção, e ele se ofende se alguém se intrometer. A história dos anéis élficos, grandes ou pequenos, é da sua alçada. Estudou-a por muito tempo, procurando os segredos perdidos de sua feitura; mas quando os Anéis foram debatidos no Conselho, tudo o que nos revelou sobre seu estudo se mostrou contra meus receios. Então minha dúvida adormeceu de modo inquieto. Ainda observei e esperei.²⁰⁴

²⁰⁴ TOLKIEN, J. R. R. A Sociedade do Anel. Harper Collins, pp. 99-100.

O autor Stewart segue desenvolvendo um interessante pensamento acerca da magia como a tecnologia existente em nosso mundo. Ele comenta que nas obras de Tolkien, “a mágica não é um meio pelo qual se pode violar os princípios que governam o funcionamento do mundo”²⁰⁵, o que seria uma quebra da ordem descrita em Deuteronômio 18:9-13, mas a manifestação técnica de habilidades e competências – como as habilidades dos Orcs em fazer armas cruéis e o penhor dos Elfos em forjar armas encantadas –, semelhantemente ao papel que a tecnologia desempenha em nossa realidade. Para o autor, essa ciência aplicada “é sempre empregada com a intenção de solucionar um problema em particular”²⁰⁶ considerando as dimensões éticas, morais e consequências pretendidas.

A tecnologia é um reflexo da Subcrição, um conceito empregado por Tolkien em seu ensaio filosófico “Sobre Estórias de Fadas” e implica dizer que nós “criamos, na nossa medida e ao nosso modo derivativo, porque fomos criados; e não apenas criados, mas criados à imagem e semelhança de um Criador”²⁰⁷. Excesso de aplicações tecnológicas sem visar suas consequências possíveis não orna com o conceito de subcrição e, de algum modo, seja por se opor ao capitalismo ou ser aliado do cristianismo, Tolkien compreendia que poder em demasia é perigoso. Se a magia de suas histórias fosse usada de modo abusivo, o seu excesso também significaria, naturalmente, ruína.

Como exemplificação deste posicionamento, Stewart aponta que a Terra-Média abriga um lugar que é alvo das consequências do abuso de tecnologia, isto é, magia: Mordor, a terra negra do Sudeste que é controlada por Sauron, o maior vilão da saga. Aquela região é a materialização da destruição e avanço desenfreado da magia que leva o biógrafo do autor, Carpenter, a afirmar que há um espírito vindo de Mordor que está sempre aparecendo no nosso mundo e oferece como exemplo “o plano presente de destruir Oxford para acomodar mais carros”.²⁰⁸ Quanto mais poder os Orcs e Saruman tinham, mais maldades ocasionaram. Quanto mais sabedoria era associada ao poder dos Elfos, mais maravilhas o mundo presenciava.

Veja o modo o qual Tolkien, devoto ao cristianismo como História-Mãe, repete a crença bíblica do homem como ser deturpado, porquanto é do interior, do coração dos

²⁰⁵ IRWIN, William; Eric Bronson; Gregory Bassham. *O Hobbit e a filosofia* (Cultura Pop) (Portuguese Edition). Best Seller. Edição do Kindle.

²⁰⁶ Ibid.

²⁰⁷ TOLKIEN, J.R.R., Árvore e Folha, 2020, p. 72.

²⁰⁸ CARPENTER, Humphrey, J.R.R. Tolkien – uma biografia, Editora : HarperCollins; 1ª edição, 2023, p. 252.

homens, que procedem os maus pensamentos, as prostituições, os furtos, os homicídios, os adultérios²⁰⁹. Ao unir o abuso de poder como desencadeador da aniquilação, Tolkien reforça os princípios éticos de sua História-Mãe, esta que regia suas decisões e orientava as suas percepções do mundo. O autor sempre esteve muito ligado à natureza, ao mesmo tempo em que observava que o respeito e os cuidados com o meio ambiente estavam sendo trocados por altas doses de tecnologia. Em uma de suas cartas dirigidas ao editor do *The Daily Telegraph*, ele afirma que “o som selvagem da serra elétrica jamais silencia onde quer que ainda se encontrem árvores crescendo”²¹⁰, uma vez que os bosques, florestas e flora em geral passaram a ser afetados por máquinas dirigidas por humanos. Para o autor, é nítido que os humanos têm preferido desgastar os ambientes naturais em função de suas próprias criações. Esta realidade é muito bem descrita por Norman Wirzba: vivemos em um mundo antropocênico, onde os humanos são responsáveis por “interferir e alterar substancialmente a estrutura e as próprias condições necessárias para a existência da vida na Terra”²¹¹, resultando no desequilíbrio dos sistemas naturais em nome do “homem tecnológico” que em nada transparece a Deus²¹². A ideia de manusear a natureza de maneira libertina vai contra os ideais cristãos desenvolvidos, e a defesa ao zelo com a natureza tem espaço na fé cristã desde a Idade Média.

Vejamos, por exemplo, o Cântico das Criaturas escrito por São Francisco de Assis, um frade católico que verbalizou a preciosidade da criação em um louvor a Deus. Tomás de Aquino, em sua Suma Teológica, desenvolveu declarações que formaram um tipo de ética ecológica. Maria Jose Goulart Vieira escreveu um trabalho intitulado “A lei natural e o bem comum em Tomás de Aquino: contribuições tomasianas ao direito ambiental”²¹³, onde declara que o grande teólogo construiu um tipo de teoria da lei natural “cuja finalidade é o bem comum”²¹⁴. Para Aquino, “o meio ambiente seria nossa casa comum, ou seja, dependente da aplicação do bem comum”²¹⁵ e necessita de medidas para seguir

²⁰⁹ Mateus 15:19

²¹⁰ TOLKIEN, J.R.R.. As cartas de Tolkien. 1ª ed. Curitiba, PR: Arte & Letra, 2010.s of J. R. R. Tolkien, p. 695.

²¹¹ WIRZBA, Norman. Nossa vida sagrada: Como o cristianismo pode nos salvar da crise ambiental. 2023, p. 14.

²¹² SCHUURMAN, Egbert. Fé, esperança e tecnologia: Ciência e fé cristã em uma cultura tecnológica, 2021, p. 105.

²¹³ VIEIRA, Maria Jose Goulart. A lei natural e o bem comum em Tomás de Aquino: contribuições tomasianas ao direito ambiental. Universidade de Caxias do Sul, 2020. Acesso em:
<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/6537#:~:text=A%20partir%20do%20m%C3%A9todo%20de,e%20n%C3%A3o%20humana%20no%20planeta>.

²¹⁴ Ibid.

²¹⁵ Ibid.

florescendo, crescendo e vivendo para a alegria do Criador. A defesa e atenção que Tolkien direcionava a natureza não era inédita, porquanto se pode ver a mesma tese sendo aplaudida por outros nomes do meio cristão e católico. Dessa forma, Tolkien uniu uma de suas Narrativas Particulares, o cuidado com a Criação e a associou com a ética de seus personagens, com a sua História-Mãe, e ambas se fazem presentes em suas histórias fictícias.

A partir da comparação estruturada por Stewart no livro “O Hobbit e a Filosofia”, é notório que os homens são mais análogos aos Orcs, abusadores do poder na natureza, do que os Elfos, esses seres que usam da magia para o auxílio, socorro e promover a bonança do próximo. Os Elfos poderiam ser perversos como os Orcs, ainda assim, são em sua maioria portadores de uma “magia” como arte e não poder, “Subcriação, não dominação e reforma tirânica da Criação”²¹⁶, como descreve Tolkien. Aparentemente, a magia está para a Terra Média como a tecnologia está para nós: se trata de um poder que pode ser usado para fins perversos e para boas causas, tudo dependendo do ímpeto do seu usuário. Os Orcs usaram de suas habilidades para desmatar o que havia de mais belo em suas terras, enquanto os Elfos habilidosamente agiram de maneira distinta, dirigindo com esmero seus feitos e evitando abusos contra a natureza. Esse contraste entre Orcs e Elfos traz à tona o valor da sabedoria e o risco da insensatez, e a ênfase implícita de Tolkien pode nos conduzir a inúmeros versos bíblicos que favorecem a ideia de que o insensato é suscetível a abusos e deslizes de autoridade, enquanto o sábio maneja com sabedoria os recursos que possui diante de si.

David Day, autor de uma coleção de livros que explora os detalhes e características da Terra Média, esclarece que “para aqueles que encontram pela primeira vez o mundo de Tolkien [...] as crenças religiosas do autor não são imediatamente aparentes”²¹⁷. O estudioso aponta que, de forma suave e discreta, as histórias tolkienianas ilustram “a luta moral cristã entre o bem e o mal, revelada nos aspectos mais admiráveis dos heróicos homens e mulheres pagãos”²¹⁸. Essa luta entre poder e moderação, sabedoria e insensatez e outros embates retratados nas narrativas de Tolkien nascem de um tema ainda mais constante, que é o bem e o mal. Scull e Hammond esclarecem que o bem eo mal, em Tolkien, foram representados por meio da “dualidade filosófica... através do Anel, que

²¹⁶ TOLKIEN, J.R.R. As cartas de Tolkien. 1ª ed. Curitiba, PR: Arte & Letra, 2010.s of J. R. R. Tolkien, p. 245.

²¹⁷ DAY, An Encyclopedia of Tolkien: The History and Mythology that inspired Tolkien’s World, 2019, pp. 314-315.

²¹⁸ Ibid.

oferece tentação que leva à maldade”²¹⁹. Neste ponto, os biógrafos passam a debater que, para Tolkien, esse tema tão recorrente reflete sua importância a partir da profundidade filosófica a qual é abordado em suas obras:

Se o mal fosse apenas a ausência do bem... então o Anel nunca existiria. ser qualquer coisa além de um amplificador psíquico; não iria ‘trair’ a sua possuidores, e tudo que eles precisariam fazer é deixar isso de lado e pensar puro pensamentos. ... No entanto, se o mal fosse apenas um odioso e externo poder sem eco nos corações dos bons, então alguém pode tem que levar o Anel para as Fendas da Perdição, mas não precisa ser Frodo: Gandalf poderia confiar nisso, enquanto quem quer que fosse, só precisa desconfiar de seus inimigos, não de seus amigos e nem de si mesmo. [pp. 132–3]. Como católico, Tolkien não tinha dúvidas de que o Mal não poderia ser banido do nosso mundo caído.²²⁰

Ao afirmar que Tolkien era consciente de que o Mal não poderia ser exterminado do nosso mundo caído, Scull e Hammond apontam para uma carta enviada ao Robert Rob Murray, onde o autor desenvolve ainda mais as ideias citadas acima de maneira profunda:

pois certamente a Sombra erguer-se-á novamente, de certa maneira (como é claramente previsto por Gandalf), mas nunca mais (a não ser que seja antes do grande Final) um demônio maligno encarnar-se-á como um inimigo físico; ele direcionará os Homens e todas as complicações de meio-males, bens falhos e as sombras da dúvida a lados, situações as quais ele mais adora (você já pode vê-las surgindo na Guerra do Anel, que de modo algum é uma questão tão bem-definida quanto alguns críticos declararam): estas serão e são nosso destino mais difícil. Mas se você imaginasse pessoas em tal estado mítico, no qual o Mal está amplamente encarnado e no qual a resistência física a ele é um ato maior de lealdade a Deus, creio que você teria as “pessoas boas” exatamente nesse estado: concentradas no negativo — a resistência ao falso, enquanto a “verdade” permaneceria mais histórica e filosófica do que religiosa.²²¹

De um modo intenso ou moderado, a ética ou reflexões cristãs se fazem presente no Legendarium de Tolkien. Holly Ordway há de concordar com essa sentença, dado que ela como na fala dita por Aragorn em “As Duas Torres”: “o bem e o mal não mudaram desde antanho; nem são uma coisa entre os Elfos, e os Anões e outra entre os Homens”²²². Uma vez que existem indícios de que o mesmo Deus da Terra Média é aquele que governa o

²¹⁹ SCULL, Christina. HAMMOND, Wayne G. The J.R.R. Tolkien Companion and Guide, p. 677. Tradução própria.

²²⁰ Ibid.

²²¹ TOLKIEN, J.R.R. Cartas de J.R.R. Tolkien, p.335.

²²² TOLKIEN, J.R.R. As duas torres. 2019, p. 627.

nosso mundo, segundo o entendimento do autor, “a estrutura moral da Terra-média é a mesma que a nossa mundo”²²³. Assim como o bem, o mal, a verdade, a mentira e tantos outros predicamentos coexistem no mundo, esses mesmos itens reluzem uma luz similar na Terra-Média.

Através de suas histórias, portanto, J.R.R. Tolkien introduziu no mundo da fantasia lições e valores descendentes dos Evangelhos. Isso foi reconhecido pelo bispo Robert Barron, este que “sugeriu certa vez que J.R.R. Tolkien foi um dos evangelistas mais eficazes do século XX”²²⁴. Em concordância com a fala do padre, Brandon Vogt acrescenta que o escritor “habilmente contrabandeou o Evangelho para uma cultura inocente”²²⁵, em um artigo intitulado *Tolkien, Lewis, and the Christian Imagination: an Interview with Joseph Pearce*²²⁶. Ao chamar a fantasia de “cultura inocente”, o bispo Barron parece acreditar que, até então, o gênero não era usado para comunicar mensagens evangelísticas como Tolkien escolheu fazer, porque no momento em que costurou ideais religiosas em suas histórias, o autor “contrabandeou” os valores dos Evangelhos para o interior de suas narrativas fantásticas e o fez tão bem que foi considerado um evangelista eficaz do século XX. Outra autoridade religiosa, o padre Robert Murray, confessou ao próprio Tolkien que a sua obra era dotada de uma “compatibilidade positiva com a ordem da Graça”.²²⁷

Mais provas de que as histórias de Tolkien foram forjadas a partir das bases cristãs de sua História-Mãe podem ser encontradas em uma carta redigida em 25 de Outubro de 1958, dirigida a Deborah Webster, uma estudiosa americana que estava desejosa de conhecer mais acerca da vida e obra do autor. Ao respondê-la, o escritor explica que existem alguns fatos básicos de sua vida que são significativos para a construção de sua história, como, por exemplo, ter vivido seus anos de formação em um lugar que se assemelhava ao Condado, este que é o lar de Bilbo e Frodo Bolseiro. O mais importante fato basilar de sua vida, segundo as suas palavras, “ou mais importante, sou um cristão (o que pode ser deduzido a partir de minhas histórias)”²²⁸. Ao afirmar que era este o título “mais importante” da sua vida, é possível supor que ele esperava que a dimensão cristã

²²³ ORWAY, Holly. A Fé de Tolkien: Uma Biografia Espiritual. Editora Word on Fire Academic, 2023, p. 13.

²²⁴ LONGENECKER, Fr. Dwight. J.R.R. Tolkien Was a Great Catholic Evangelist. Acesso em <https://www.ncregister.com/blog/j-r-r-tolkien-was-a-great-catholic-evangelist>

²²⁵ VOGT, Brandon. *Tolkien, Lewis, and the Christian Imagination: An Interview with Joseph Pearce*. Word on Fire, 2016. Acesso em 14/10/2024.

²²⁶ Ibid.

²²⁷ TOLKIEN, J.R.R. As cartas de Tolkien. 1ª ed. Curitiba, PR: Arte & Letra, 2010.s of J.R.R Tolkien , 171–72.

²²⁸ Ibid.

impressa em suas histórias pudesse ser percebida pelos leitores em algum momento, numa verdadeira e natural dedução. Holly Ordway afirma que a frase “o que pode ser deduzido de minhas histórias” é altamente intrigante e reveladora, de modo que podemos supor que parte do contexto fornecido para suas histórias pode ser a fé.

Uma vez que tenhamos uma compreensão segura da sua identidade espiritual, seremos capazes de obter uma compreensão mais rica, profunda, abrangente e matizada dos seus escritos – e da sua dimensão religiosa fundamental, mas implícita.²²⁹

Apesar do próprio Tolkien não dispensar que sua obra possui um teor teológico natural e se denominar cristão, muitos leitores da saga são capazes de desfrutar de suas histórias sem adotarem essa visão a respeito da obra. Em sua entrevista com Joseph Pearce, Brandon Vogt explica que a qualidade dos livros escritos por Tolkien faz com que os “leitores não-cristãos possam não notar ou reconhecer a infusão cristã, embora a absorvam subconscientemente”²³⁰ enquanto aqueles leitores que se denominam cristãos “estão, naturalmente, muito à vontade nos mundos teologicamente ricos da Terra Média”²³¹. Todo o mundo construído por Tolkien atende a ambos os públicos de forma satisfatória sem desapontamentos ou faltas, sendo essa uma ótima prova do relevante legado de suas palavras. Os leitores não-cristãos, por fim, são admiradores do *Legendarium* de Tolkien na mesma medida que os leitores cristãos.

Em suas cartas, Tolkien realmente explicava que suas histórias não eram analógicas ou alegóricas, mas, como vimos, isso não indica que não haja expressões cristãs impressas em suas obras. Em uma entrevista concedida ao *The Daily Telegraph*, Tolkien afirma: “É claro que Deus está em O Senhor dos Anéis. O período era pré-cristão, mas era um mundo monoteísta”²³². O jornalista, contudo, pergunta se as histórias de Tolkien são mesmo monoteístas, para logo em seguida questionar “Quem era o Deus Único da Terra Média?”. Tolkien, um tanto irritado, respondeu: “O livro é sobre o mundo que Deus criou – o mundo

²²⁹ ORDWAY, Holly. Holly. A Fé de Tolkien: Uma Biografia Espiritual. Editora Word on Fire Academic. 2023, p. 13. Tradução própria.

²³⁰ VOGT, Brandon. Tolkien, Lewis, and the Christian Imagination: An Interview with Joseph Pearce. Word on Fire, 2016. Acesso em 14/10/2024.

²³¹ Ibid.

²³² PLIMMER, Charlotte and David. Entrevista de J.R.R. Tolkien no The Telegraph:
<https://www.telegraph.co.uk/books/authors/tolkien-interview-its-easier-to-film-the-odyssey/>

real deste planeta”²³³. O autor se sentia ofendido quando indagavam se alguma face do cristianismo estava sendo trabalhada em suas histórias, porque para ele, era um dado óbvio para qualquer leitor atento.

Desde sua infância, o autor foi educado a partir de referenciais literários como a Bíblia, uma vez que sua mãe, Mabel, era uma católica devota e vimos anteriormente que o evangelho é uma face essencial da sua história criada. Por causa disso, é possível que especulemos um paralelo entre Gênesis e alguns trechos das histórias de Tolkien. Há um ato cosmogônico, este da tradição cristã, que inicia-se não com o canto, mas com a palavra que criou todas as coisas provinda da divindade: “e disse Deus: Haja luz; e houve luz” (Gênesis 1:3) e tal passagem pode ter sido referenciado por Tolkien no processo de criação de suas obras.

Uma vez compreendendo o termo “cosmogonia” como aquela que engloba as ideias referentes à origem do universo, Gênesis 1 aborda precisamente a ação de Deus que resultou na criação do nosso mundo, e tudo isso a partir de sua palavra inicial. A Criação do Universo se deu por meio da Palavra de Deus, proferida de bom grado para instituir toda a realidade. Acerca disso, Gerhard von Rad observa:

A idéia de criação pela palavra preserva antes de tudo a mais radical distinção essencial entre Criador e criatura. A criação não pode ser nem mesmo remotamente considerada uma emanação de Deus ... mas, é antes um produto de sua vontade pessoal.²³⁴

Com isso, é seguro dizer que ao criar o mundo através da palavra, Deus estava demonstrando, pela primeira vez aos leitores, a força de seu poder, distinguindo de uma vez por todas a criatura de sua capacidade de Criador, e a Criação é derivada de sua vontade pessoal. Em um comentário do Antigo Testamento a respeito de Gênesis, Bruce K. Waltke comenta que enquanto as mitologias da criação no antigo Oriente Próximo unem forças da natureza às deidades, “aqui tudo se deriva de Deus e está sujeito à palavra de

²³³ Ibid.

²³⁴ RAD, G. von. Genesis. Trad. por J. H. Marks. OTL. Filadélfia: Westminster, 1972.

Deus”²³⁵. O ato cosmogônico bíblico tem um aspecto revelador quando estamos falando da palavra dita por Deus que iniciou toda a existência.

De forma similar, o canto cosmogônico de Tolkien aparece no livro “O Silmarillion” e foi referenciado em um artigo escrito por Matheus Mainardes de Oliveira da Silva, Ana Maria Machado e Donizeti Pessi. Neste trabalho, os autores comentam que a cosmogonia presente na obra se desenvolve no momento em que Eru, a figura divina e única que representa a Deus, também chamada de Ilúvatar, “gerou de seu pensamento os Ainur; e eles criaram uma Música magnífica diante dele”²³⁶. A partir desse instante, os *Ainur* passaram a compor as canções ordenadas e podemos interpretar essa cena como a constituição de um canto cosmogônico, uma vez que estamos nos referindo a constituição de músicas divinas e transcendentais, e também o princípio cosmogônico bíblico pelo pensamento, uma vez que Deus disse “haja luz!” por ter raciocinado que a luz deveria ser criada.

Desenvolvendo essa suposição, o especialista Day comenta que “o mundo do Antigo Testamento, sua concepção do divino e várias histórias hebraicas e cristãs tiveram uma influência profunda, embora paradoxal, na escrita imaginativa de Tolkien”²³⁷, porque dentre todas as claras referências, a mais nítida se trata do *Ainulindale*, a música da criação que deu início a terra de Arda e inicia a história de “O Silmarillion”. Ao que parece, o deus criador bíblico Yahweh também parece apontar para a pessoa de Eru, o Único.

Em “O Poder do Anel: A Visão Espiritual por trás de O Senhor do Anéis”, o autor Stratford Caldecott afirma que ‘Tolkien baseou-se em muitos lendas que eram conhecidas por ele, e sobre os judeus e cristãos tradições que ele acreditava serem verdadeiras’²³⁸. Essa citação, mencionada também por Scull e Hammond, alega que Tolkien estava tentando “escrever uma história que seria complementar, embora não contraditória, ao Gênesis”²³⁹. O livro “J.R.R. Tolkien Company” aponta que alguns especialistas e leitores das obras do autor discutiram as possíveis inspirações que ligam os Ainur aos eventos do livro de

²³⁵ WALTKE, Bruce K. and Cathi J. Fredericks, Gênesis, ed. Cláudio Antônio Batista Marra, trans. Valter Graciano Martins, 1a edição., Comentários Do Antigo Testamento (São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2010).

²³⁶ SILVA, Matheus Mainardes de Oliveira da; MACHADO, Ana Maria; PESSI, Donizeti. Cosmogonia tolkeniana e cristã: um paralelo arquetípico, outubro de 2022.

²³⁷ DAY, *An Encyclopedia of Tolkien: The History and Mythology that inspired Tolkien's World*, 2019, p. 209.

²³⁸ SCULL, Christina. HAMMOND, Wayne G. *The J.R.R. Tolkien Companion and Guide*, p. 94. Tradução própria.

²³⁹ Ibid.

Gênesis. John Houghton, por exemplo, comparou os Ainulindalë com a visão agostiniana de Gênesis:

Afirmo que este é um relato agostiniano da criação. ... Em ambos casos, Deus primeiro cria os anjos e depois lhes revela o outros elementos da criação; o próprio conhecimento dos anjos reflete ideias na mente divina. Em ambos os casos, também, após a revelação, Deus dá existência real ao que os anjos perceberam, defender essa existência no vazio; no entanto, essa existência real apenas o potencial não desenvolvido do que se tornará no desdobramento do tempo, e Deus reserva para si mesmo a introdução de elementos imprevistos no projeto básico. Contudo, dadas essas semelhanças, os dois esquemas não contrastar de duas maneiras. O primeiro é o fato de que a música predominante as imagens funcionam nos Ainulindalë da mesma forma que a fala e a luz, tomados em conjunto como a iluminação intelectual o faz na obra de Agostinho leitura do Gênesis. Em segundo lugar está a forma como os Ainur agem como subcriadores, desenvolvendo os temas que lhes são propostos por Eru Ilúvatar, enquanto Agostinho se concentra em Deus como o único criador.²⁴⁰

Ainda reunindo opiniões a respeito, Scull e Hammond acrescentam a tese de Jonathan McIntosh em ‘Ainulindalë: Tolkien, St. Metafísica da Música’, “Music in Middle-earth”, onde Heidi Steimel e Friedhelm Schneidewind argumentam que os Ainur e a Música são a verdadeira expressão mítica marcada por uma metafísica da criação “bastante “eucatastrófica” que Tolkien herdou e adaptado de seu maior antepassado teológico católico, São Tomás de Aquino”²⁴¹.

Sabemos que Tolkien pode ter sido inspirado pelos relatos cosmogônicos das inúmeras mitologias que conhecia, mas isso não o impede de ter tido Gênesis como referência. Abaixo podemos conferir um trecho da própria obra que demonstra como o início de todas as coisas se deu pela palavra de Eru, que ao criar os Ainur, os Sagrados, propôs os temas musicais que deveriam ornamentar e fundamentar todas as composições daquele momento em diante, para que ornamentavam a Música Magnífica.

Havia Eru, o Único, que em Arda é chamado de Ilúvatar. Ele criou primeiro os Ainur, os Sagrados, gerados por seu pensamento, e eles lhe faziam companhia antes que tudo o mais fosse criado. E ele lhes falou, propondo-lhes temas musicais; e eles cantaram em sua presença, e ele se alegrou. Entretanto, durante muito tempo, eles cantaram cada um sozinho ou apenas alguns juntos, enquanto os outros escutavam, pois cada um comprehendia apenas aquela parte da mente de Ilúvatar da qual havia brotado e evoluía devagar na compreensão de seus irmãos.

²⁴⁰ Ibid, p. 93.

²⁴¹ Ibid.

Não obstante, de tanto escutar, chegaram a uma compreensão mais profunda, tornando-se mais consonantes e harmoniosos. E aconteceu de Ilúvatar reunir todos os Ainur e lhes indicar um tema poderoso, desdobrando diante de seus olhos imagens ainda mais grandiosas e esplêndidas do que havia revelado até então; e a glória de seu início e o esplendor de seu final tanto abismaram os Ainur, que eles se curvaram diante de Ilúvatar e emudeceram. Disse-lhes então Ilúvatar:

– A partir do tema que lhes indiquei, desejo agora que criem juntos, em harmonia, uma Música Magnífica. E, como eu os inspirei com a Chama Imperecível, vocês vão demonstrar seus poderes ornamentando esse tema, cada um com seus próprios pensamentos e recursos, se assim o desejar. Eu porém me sentarei para escutar; e me alegrarei, pois, através de vocês, uma grande beleza terá sido despertada em forma de melodia.

E então as vozes dos Ainur, semelhantes a harpas e alaúdes, a flautas e trombetas, a violas e órgãos, e a inúmeros coros cantando com palavras, começaram a dar forma ao tema de Ilúvatar, criando uma sinfonia magnífica; e surgiu um som de melodias em eterna mutação, entretecidas em harmonia, as quais, superando a audição, alcançaram as profundezas e as alturas; e as moradas de Ilúvatar encheram-se até transbordar; e a música e o eco da música saíram para o Vazio, e este não estava mais vazio. Nunca, desde então, os Ainur fizeram uma música como aquela, embora tenha sido dito que outra ainda mais majestosa será criada diante de Ilúvatar pelos coros dos Ainur e dos Filhos de Ilúvatar, após o final dos tempos. Então, os temas de Ilúvatar serão desenvolvidos com perfeição e irão adquirir Existência no momento em que ganharem voz, pois todos compreenderão plenamente o intento de Ilúvatar para cada um, e cada um terá a compreensão do outro; e Ilúvatar, sentindo-se satisfeito, concederá a seus pensamentos o fogo secreto.²⁴²

David Day, em seu livro “An Encyclopedia of Tolkien: The History and Mythology that inspired Tolkien’s World”, nos conta que a Música dos Ainur que é, ao mesmo tempo, “generativo e profético”²⁴³, porque enquanto os seres cantam, Arda é criada diante de seus olhos. Nas palavras de Day, “é uma música repleta de grande beleza e tristeza que prediz o destino de tudo o que virá a existir após a criação do mundo”²⁴⁴. Da mesma forma, as palavras “haja luz!” carregam um peso profético e instantâneo, uma vez que o que foi predito, aconteceu imediatamente. Dessa forma, a história de Tolkien revela, já no seu princípio, uma face comum com os relatos bíblicos, referenciando a tradição judaico-cristã, porque assim como Deus iniciou sua célebre criação a partir de uma palavra, Arda também se criou a partir de palavras cantadas.

Além do ato criacional presente nas narrativas mencionadas acima, o autor Tolkien afirma não haver uma história sem queda, dado que todas as histórias são sobre isso²⁴⁵. A

²⁴² TOLKIEN, O Silmarillion, 2019, pp. 39-40.

²⁴³ DAY, David. An Encyclopedia of Tolkien: The History and Mythology that inspired Tolkien’s World, 2019, p. 262.

²⁴⁴ Ibid.

²⁴⁵ TOLKIEN, Christopher. As cartas de Tolkien. 1ª ed. Curitiba, PR: Arte & Letra, 2010, p. 247.

Queda da tradição cristã está registrada em Gênesis 3 e foi sutilmente associada a queda da cosmogônica da Terra Média pelo próprio Tolkien, a saber, a queda dos Anjos. Essa semelhança entre a sua história e o relato bíblico não o perturbou, uma vez que “essas histórias não são novas” e possuem um fundo em comum que as conecta e as difunde²⁴⁶. A tradição cristã conta que Satanás, ainda quando anjo, se rebelou contra Deus por vaidade e orgulho, provocando uma guerra nos céus²⁴⁷, onde “os seus anjos” revidaram os combates de Miguel e os demais seres celestes. A passagem de Lucas 10:17-20 revela que Satanás caiu do céu como o relâmpago e veio acompanhado de demônios, antes anjos, que alastraram na terra as consequências de sua rebeldia.

A Queda da Humanidade se deu quando Adão e Eva desobedeceram a Deus ao provarem o fruto da Árvore da Vida, e como consequência, foram exilados do Jardim do Éden.

Semelhantemente, a narrativa de Tolkien inicia-se em paz, contudo, algo muda quando *Eru Ilúvatar* cria os *Ainur*, estes que receberam o papel de entoar a canção cosmogônica.

O canto começou a ser composto e orquestrado, contudo, foi interrompido quando Melkor – aquele que se ergue em poder –, um dos *Ainur*, escolheu mudar a canção, indo de encontro à vontade de Eru. Graças ao orgulho e vaidade de Melkor, tudo foi contaminado e corrompido, e sua atitude possibilitou o Mal adentrar em seu meio e a submissão ao “jugo do Inimigo e de sua luta contra ele”²⁴⁸. Como consequência de um juramento blasfemo devido a atitude de um elfo chamado Feanor, os Elfos foram exilados de Valinor, o lar dos Deuses no Oeste e o poder sombrio atuava “visivelmente encarnado”²⁴⁹.

Os filhos de Feanor fazem um juramento terrível e blasfemo de inimizade e vingança contra todos ou qualquer um, mesmo dentre os deuses que ouse reivindicar qualquer quinhão ou direito sobre as Silmarilli. Corrompem a maior parte de seu clã, que se rebela contra os deuses, parte do paraíso e vai mover uma guerra sem esperança contra o Inimigo. O primeiro fruto da sua queda é a guerra no Paraíso, o assassinato de Elfos por Elfos e esse fato, e seu juramento maligno, persegue todo o seu heroísmo subsequente, gerando traições e arruinando todas as vitórias. O Silmarillion é a história da Guerra dos Elfos Exilados contra o Inimigo, que ocorre no Noroeste do mundo (Terra-média)²⁵⁰.

²⁴⁶ Ibid, p. 248.

²⁴⁷ BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Editora Thomas Nelson, Apocalipse 12:7-9.

²⁴⁸ TOLKIEN, Christopher. As cartas de Tolkien. 1ª ed. Curitiba, PR: Arte & Letra, 2010, p. 248.

²⁴⁹ Ibid.

²⁵⁰ Ibid, p. 249.

A figura de Eru tem sido entendida como aquela que representa a transcendência máxima na Terra Média, visto que é ele o Criador cujo poder originou todas as coisas. O outro nome de *Eru*, *Ilúvatar*, significa “Pai de todos” e é frequentemente enxergado como uma figura masculina, assim como o Deus hebreu. Mais uma vez, é natural afirmar que esses fatos de sua criação literária espelham partes da fé pessoal do autor em sua História-Mãe. Segundo Ordway, biógrafa de Tolkien, o autor quando questionado “quem era o Deus Único da Terra Média?” ele prontamente respondeu: “O único, é claro!”²⁵¹. A escritora confirma que Eru Ilúvatar “é Deus como Tolkien o entendia (embora descrito apenas tão completamente quanto o mundo ficcional exige)”²⁵².

O universo de Tolkien é governado por Deus, “O Uno”. Subordinados a ele na hierarquia estão “Os Valar”, os guardiões do mundo, que não são deuses, mas potências angelicais, santos e sujeitos a Deus; em um momento terrível da história, eles renunciam ao poder e o confiam às Suas mãos.²⁵³

Acerca desse tema, Carpenter esclarece que Tolkien acreditava que “as histórias mitológicas e lendárias expressam a sua visão moral do universo e, como cristão, não podia colocar essa visão em um cosmos sem o Deus que ele adorava”²⁵⁴. Diferentemente do que julgam alguns críticos literários, Tolkien não dispensou a existência de Deus em seu mundo fictício e decidiu apresentá-lo com um estilo cosmogônico típico das mitologias. Em uma carta dirigida a Waldman, Tolkien afirmou que as suas histórias “surgiam em minha mente como coisas “determinadas” e, conforme vinham, separadamente, assim também as ligações cresciam”²⁵⁵.

Um trabalho cativante, embora continuamente interrompido (especialmente porque, mesmo à parte das necessidades da vida, a mente esvoaçava para o outro pólo e esgotava-se na lingüística); porém, sempre tive a sensação de registrar o que já estava “lá” em algum lugar, e não de “inventar”.²⁵⁶

²⁵¹ PLIMMER, Charlotte e Denis. JRR Tolkien interview: ‘It would be easier to film The Odyssey than The Lord of the Rings’. The Telegraph. Acesso em:

<https://www.telegraph.co.uk/news/2023/09/02/j-r-r-tolkien-lord-of-the-rings-death-50th-anniversary/>

²⁵² ORWAY, Holly. A Fé de Tolkien: Uma Biografia Espiritual (p. 292). Editora Word on Fire Academic.

²⁵³ CARPENTER, J.R.R. Tolkien - uma biografia, 2018, p. 130

²⁵⁴ Ibid.

²⁵⁵ TOLKIEN, Christopher. As cartas de Tolkien. 1ª ed. Curitiba, PR: Arte & Letra, 2010, p. 243.

²⁵⁶ Ibid.

Uma grande semelhança entre os escritos de Tolkien e, dessa vez, a Bíblia Sagrada se dá na figura de Satanás, mencionada anteriormente por meio de Melkor. A simbologia deste ser é demasiadamente familiar para todos nós, sejamos membros do cristianismo ou não, dado que é uma imagem que percorre todas as culturas e é conhecida por muitas civilizações. O nome “Lúcifer” é comumente associado a tradução “Estrela da Manhã” ou simplesmente “estrela do dia”, vindo diretamente da tradução de Jerônimo em latim. No livro de Apocalipse capítulo 2:28, o termo é usado em referência a Jesus e isso reforça a ideia de que, apesar desse nome ser comumente associado a figura maligna, a Escritura jamais chama Satanás de “Lúcifer”. O fato é que se estivermos falando da figura maligna da tradição judaico-cristã, nos referenciamos ao Diabo ou a Satanás. Quando passamos para o hebraico, o nome “Satanás” (**שָׂטָן**) seu nome significa “acusar” ou se “opor”, enquanto a tradução para o grego (**σατάν**) literalmente significa adversário.

Nesse mesmo ritmo de pensamento que torna paralelas as literaturas da Escritura e de Tolkien, unindo Melkor ao Diabo, Craig Bernthal destaca que algumas partes da história de “O Silmarillion” podem ser apresentar semelhanças bíblicas mais uma vez.

O desejo frustrado de Melkor de criar com o poder de Deus faz dele um destruidor invejoso – ou uma tentativa destruidora – da criação de Deus. O dom da subcriação de Ilúvatar, porque implica uma poderosa concessão de liberdade, tem um efeito igualmente potencial poderoso para ser abusado, e é a tendência de subcriação dê errado, porque o subcriador pode ficar com inveja de as obras dos outros e se apaixona idólatra pelas suas próprias. Esse amor mal direcionado torna-se o padrão arquetípico do pecado na Terra Média. Em oposição, Tolkien estabelece um padrão igualmente arquetípico de sacrifício e redenção. A teodicéia mítica de Tolkien faz prometo, pelo menos, que todo o mal produzirá glória e bondade.²⁵⁷

As ações de Melkor levaram ele ao distanciamento de sua “família” original e celestial. A tradição judaico-cristã nos informa de modo semelhante que um ser rebelde também caiu do céu após uma possível e especulativa desobediência, como podemos observar na passagem de complexa interpretação Lucas 10:18: “Vi Satanás cair do céu como um raio”, sendo afastado da família de Deus. Por algum tempo, pregou-se que

²⁵⁷ SCULL, Christina. HAMMOND, Wayne G. The J.R.R. Tolkien Companion and Guide, p. 93. Tradução própria.

Satanás ocupava uma posição de maestro de um coral celestial, graças a passagem Ezequiel 28:13-15, esta que diz:

Estiveste no Éden, jardim de Deus; de toda a pedra preciosa era a tua cobertura: sardônia, topázio, diamante, turquesa, ônix, jaspe, safira, carbúnculo, esmeralda e ouro; em ti se faziam os teus tambores e os teus pífaros; no dia em que foste criado foram preparados. Tu eras o querubim, ungido para cobrir, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniqüidade em ti. Na multiplicação do teu comércio encheram o teu interior de violência, e pecaste; por isso te lancei, profanado, do monte de Deus, e te fiz perecer, ó querubim cobridor, do meio das pedras afogueadas. Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; por terra te lancei, diante dos reis te pus, para que olhem para ti.

A partir de uma fusão dessas fontes bíblicas dispersas, Lúcifer tornou-se uma figura importante na imaginação cristã, identificado com o Diabo e amplamente encontrado na arte e na literatura, talvez mais notavelmente no épico cristão Paraíso Perdido (1667-74), de Milton. Certamente foi o orgulhoso e desafiador Lúcifer de Milton quem mais claramente inspirou o próprio Ainur caído de Tolkien, Melkor/Melkoth, que da mesma forma luta pelo poder e liberdade divinos.²⁵⁸

O ponto a ser explorado é que assim como a figura divina de Deus da tradição judaico-cristã pode ter sido utilizada para inspirar a criação de Eru, a figura do Diabo pode ter servido de base para a construção dos vilões da Terra Média.

No início dos tempos, Eru pediu para que os *Ainur* criassesem músicas a partir de um tema poderoso que fora escolhido por ele, este que definiu, de certa forma, o objeto e a direção de suas canções. A história nos conta, todavia, que enquanto os demais seres celestiais obedeceram a Eru, entrou no “coração de Melkor o entretecer de matérias de seu próprio imaginar que não estavam acordes com o tema de Ilúvatar”²⁵⁹ isso porque, nas palavras do autor, “ele buscava com isso aumentar o poder e a glória”²⁶⁰ para si mesmo. Ao isolar-se de seus irmãos, passou a ter pensamentos cada vez mais distintos dos deles e o seu desacordo se espalhou profundamente, resultando na desarmonia de toda a orquestra de sinfonias celestiais. Nos é dito que o seu ser é cheio de raiva e inveja, uma vez que

²⁵⁸ DAY, David. An Encyclopedia of Tolkien: The History and Mythology that inspired Tolkien’s World, 2019, p. 229.

²⁵⁹ TOLKIEN, O Silmarillion, Harper Collins, 2019, p. 40.

²⁶⁰ Ibid.

desejava “ter os súditos e serviçais e ser chamado de Senhor”²⁶¹, precisamente como Eru o era. Por essas razões, o estudioso Day afirma que nenhum outro ser inspirou tanto Melkor/Melkoth como a imagem de Satanás o faz.

Melkor é, para os leitores da saga, a figura originária do mal na Terra Média, aquele que é intitulado como o Senhor do Escuro e, de tempos em tempos, levanta seus servos para executar os seus propósitos, como Sauron. A característica principal de Melkor é a sua aproximação com a música, assim como existe uma corrente que admitia Satanás como músico do céu. Uma das características mais fundamentais de Satanás é a mentira e a rebeldia, uma vez que João 8:44 comenta que o Diabo é o pai da falsidade e nunca se firmou na verdade. Da mesma forma, o livro “O Silmarillion” nos conta que a forma mais frequente a qual Melkor usava para trazer perturbação a terra de Arda era por meio da mentira, pois elas ardiam como brasa e ele se sentia feliz ao ver “a soberba e a raiva que tinham despertado”²⁶² entre os seres. “Assim”, narra Tolkien, “como mentiras e sussurros malignos e falso conselho, Melkor inflamou os corações”²⁶³, e o seu modo de agir é semelhante a conduta de Satanás, que segundo o Novo Testamento, é aquele que monta ciladas e induz atos para a maldade²⁶⁴.

Há divergências teológicas que nos impedem de afirmar com veemência que Satanás caiu literalmente advindo do Céu, todavia essa é a tradição comumente aderida, especialmente após a publicação do livro “Paraíso Perdido”, porque difundiu a crença de uma batalha celestial travada entre os anjos e os demônios assim como a queda do Diabo. Tolkien pode ter se inspirado neste relato da queda de Satanás, dado que ele desenvolve algo semelhante para Melkor: “do esplendor ele caiu, através da arrogância”²⁶⁵, logo invejou Eru, o Único, e se voltou para maus propósitos, tornando-se o Sombrio Inimigo do Mundo.

Scull e Hammond supõem que “a queda de alguns dos Ainur (Melkor, Aulë, Sauron) assume o lugar que a queda de Satanás e anjos rebeldes ocupam no mito cristão”²⁶⁶. Eles citam Anne C. Petty para exibir seu posicionamento, uma vez que ela comenta sobre ‘O Mito da Queda’ em Tolkien e aponta que tanto a Queda de Satanás e os

²⁶¹ Ibid, p. 44.

²⁶² Ibid, p. 106

²⁶³ Ibid, p. 44

²⁶⁴ BÍBLIA, Bíblia Sagrada. Editora Thomas Nelson. João 13:2.

²⁶⁵ TOLKIEN, O Silmarillion, 2019, p. 58.

²⁶⁶ SCULL, Christina. HAMMOND, Wayne G. The J.R.R. Tolkien Companion and Guide, p. 563. Tradução própria.

anjos quanto o pecado original de Adão e Eva “forneceu a Tolkien todos os ingredientes crus... para seu universo de heróis e civilizações caídos”²⁶⁷. O elemento da queda se tornou “um importante dispositivo de enredo que está entrelaçado ao longo de sua história de Terra-média”.²⁶⁸

Em último lugar, pude observar que a poesia e os cânticos possuem um papel central tanto na Escritura Cristã quanto na história da Terra Média. Os Salmos formam o conjunto poético de literatura que mescla a poesia com os cânticos. John Milton, poeta inglês e autor de “O Paraíso Perdido”, quando se dirigia a poesia dos Salmos, disse que “não só em seu divino argumento, mas na própria arte crítica da composição, eles podem facilmente ser realçados acima de todos os gêneros de poesia lírica como sendo algo incomparável”²⁶⁹. Os poetas bíblicos eram mestres em metáfora e utilizavam muitos simbolismos para expressar as verdades cristãs. Alguns versos e poemas foram repetidos tão frequentemente que tornaram-se em cânticos dos templos de Jerusalém, além daqueles que, comumente, eram recitados em seus lares e círculos familiares.

Esses tópicos, e outros similares, são demonstrados nos mais nobres estilos da poesia e numa expressão cuja magnificência e sublimidade correspondem à importância e grandiosidade dos sentimentos que constituem a essência desse Livro; e enquanto proporcionam uma prova incontestável de que o Livro é inspirado, de que ele consiste, não das criações provenientes da mera capacidade humana, mas de uma emanção celestial, demonstram que seu caráter e tendência são totalmente diferentes do caráter e tendência da mais admirável poesia que a habilidade das nações pagãs jamais produziu. Ele não serve a qualquer paixão depravada; não nutre qualquer virtude fictícia; não se presta a oferecer seu delicioso incenso no santuário da degradante superstição. Ele ensina a mais sublime piedade e a mais pura moralidade. Sua única intenção é refinar e enaltecer a natureza humana, elevar a alma a Deus e inspirá-la com a admiração e o amor por seu caráter, refrear as paixões, purificar as afeições e incitar o cultivo de tudo quanto é verdadeiro, honesto, justo, puro, louvável e de boa fama. Ele tem guiado o santo em suas dúvidas e dificuldades; o tem animado na renúncia e no sofrimento; lhe tem comunicado apoio e conforto em seu encontro com a morte.²⁷⁰

²⁶⁷ Ibid, pp. 564-565.

²⁶⁸ Ibid.

²⁶⁹ ANDERSON, James, “Introdução,” in Salmos, ed. Franklin Ferreira, Tiago J. Santos Filho, and Francisco Wellington Ferreira, trans. Valter Graciano Martins, Primeira Edição., vol. 1, Série Comentários Bíblicos (São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2009–2012), p. 11.

²⁷⁰ Ibid.

Diante dessa declaração, é possível assumir que a poesia oral e os cânticos ocuparam um espaço fundamental na vida social e espiritual dos hebreus ao longo de sua vida em Jerusalém. Os Salmos reúnem, por meio de uma linguagem musical e poética, toda a história do povo de Deus até aquele momento, de forma que esses escritos exibem as dificuldades, vitórias e momentos da história hebraica enquanto prediz a chegada do Messias. Olhando para os feitos do passado, os cristãos de hoje ganham esperança para o futuro.

De forma muito semelhante, valores como esperança, melancolia e vitória ganham estrutura, seja por meio das canções ou dos poemas em inúmeras cenas da saga *Legendarium*. Elas eram entoadas em círculos familiares e ao redor das fogueiras, dirigidas às estrelas noturnas e possuía a habilidade de fortificar, emocionar ou simplesmente rememorar fatos e lendas relevantes, como ocorre com o poema dos Anéis:

*Três Anéis para os élficos reis sob o céu,
Sete para os ananos em recinto rochoso,
Nove para os homens, que a morte escolheu,
Um para o Negro Senhor no espaldar tenebroso
Na Terra de Mordor aonde a Sombra desceu.
Um Anel que a todos rege, Um Anel para achá-los,
Um Anel que a todos traz para na escuridão atá-los
Na Terra de Mordor aonde a Sombra desceu.*²⁷¹

Da mesma forma, Eru é lembrado por seus episódios de força e poder a partir das canções e poemas, estes responsáveis por levar aos povos os feitos, sacrifícios, dores e alegrias vividas por inúmeras personalidades de sua terra, além de registrarem as guerras, vitórias e derrotas das distintas eras. Abaixo, veremos o trecho de uma canção entoada por Aragorn durante sua coroação:

*Et Eärello Endoreenna utúlien
Sinome maruvan ar Hildinyar tenn' Ambar-metta*

²⁷¹ TOLKIEN, J.R.R. A Sociedade do Anel. Harper Collins, 2019, pp. 102-103.

No livro “O Retorno do Rei”, essas palavras significam “do Grande Mar vim à Terra-Média. Neste lugar habitarei, e meus herdeiros, até o fim do mundo”, proferidas originariamente por Elendil, o último senhor de *Andúnie*, este que navegou com seu povo para enfim sobreviver a queda de Númenor. Ele é o último dos *Númenórianos* e se tornou uma personalidade lendária para todos, consequentemente sendo visto como um símbolo de coragem e resiliência.

Dessa forma, é possível concluir que J.R.R. Tolkien construiu sua mitologia da Terra Média baseando-se em mitos, lendas e histórias distintas, incluindo aquelas que compõe a tradição judaico-cristã. Durante sua construção e formação intelectual, cada leitura bíblica, aula de filologia, literatura clássica e mitologia cooperaram para a consolidação de sua criação literária que carrega marcas de sua História-Mãe, a saber, o cristianismo. É inegociável admitir a existência de sua fé e religiosidade cristã que se fez presente durante o processo de formação da narrativa. O Senhor da Fantasia escreveu um mundo totalmente novo, rodeado por um idioma original e inspirado por tramas tão antigas quanto a própria humanidade. A partir da influência exercida por sua fé cristã, uma nova saga literária surgiu e revolucionou o gênero da fantasia de maneira perpétua.

Ao criar uma narrativa cuja inspiração provém de uma História-Mãe ainda maior do que o mundo criado por ele mesmo, Tolkien comprovou o que viria a ser a sua ideia da Subcriação. Mesmo com sua notável originalidade, o Legendarium descende de sua fé católica, aquela que ele julgava compor a Narrativa verdadeira do mundo. Uma vez que a ideia da Subcriação há de apontar que nossas criações são feitas de modo derivativo, as suas obras literárias são a prova de que, assim como os demais subcriadores, Tolkien foi criado à imagem e semelhança de um Criador.

É digna de atenção, mais uma vez, a noção permeadora que Tolkien nutriu a respeito dos mitos, porque seu posicionamento permeou sua própria história. A posição teórica do autor alega que os mitos tecidos são luzes refratadas de uma verdade superior, isto é, as tramas que são desenvolvidas por autores não consistem em uma cadeia de fatos, mas esboçam teses de uma História Maior. No próximo capítulo, veremos de que forma Tolkien não somente defendia a Subcriação como modo de produção e escrita de histórias, como também aplicou essa ferramenta na criação de suas narrativas autorais.

Subcrição e Mitopeia

Para Tolkien, a História-Mãe não apenas sustentava os seus pensamentos, posicionamentos e ações, como também possuía o poder de originar todas as demais histórias existentes. Acerca dessa realidade, J.R.R. Tolkien escreveu um ensaio chamado *Sobre estórias de fadas*, em que ele argumenta que uma vez que os humanos sejam criações de Deus, criamos conforme fomos criados, porque retemos em nosso interior a imagem e semelhança de um Criador. Seu posicionamento com relação a sua História-Mãe o levou a postular uma convicção: tudo o que tecemos reflete – em diferentes intensidades – partes dos feitos criativos de Deus, seja esse reflexo benéfico ou não.

A relação sinérgica entre criar por termos sido feitos a partir de uma imagem e semelhança de um Criador iniciou o que entendemos hoje como o pensamento da Subcrição. Acrescento a esse pensamento o fato desenvolvido por Tolkien em seu ensaio *Sobre estórias de fadas*, quando esclarece que temos o poder de criar em nível inferior a Deus, que é o verdadeiro e único criador em nível de primazia de todo o universo. A teoria da Subcrição foi aplicada por Tolkien no ato de criação de histórias e essa ideia surge em alguns momentos de sua própria narrativa, como veremos adiante. Se tomarmos esse posicionamento acerca da Subcrição como princípio, o homem usa de suas habilidades criativas para criar coisas boas e também coisas perversas. A criatura humana que possui a capacidade de escrever belas histórias pode usar a sua criatividade para forjar criações terríveis que causarão mal aos outros indivíduos. Na prática, podemos facilmente nos lembrar das maravilhas criadas pela humanidade, essas que provocam o avanço científico e promovem o bem comum por meio de inúmeras ferramentas, mas também é possível recordar de todas as atrocidades criadas e causadas pelo dom da Subcrição.

Sob a visão de Tolkien, a voz de Deus parece ter iniciado todas as coisas, incluindo nossas histórias fictícias. O autor Cauê Oliveira trata sobre isso quando escreve que no “Mundo Falado existem muitos mundos falados, escritos, pintados e projetados. Pequenas histórias compostas pelos seres que vivem a Grande História”²⁷² e essas histórias se acomodam dentro de grandes modelos que conduzem os homens a compreender os “microcosmos subcriados pela imaginação dos que ali habitam”. Oliveira argumenta que

²⁷² OLIVEIRA, Cauê. A mãe de todas as histórias: o mundo real está por detrás de todos os mundos imaginários, 2018.

por mais originais, distintas e surpreendentes que as histórias possam ser, “existe, no Mundo Falado, uma história-mestra ou, como no título da nossa narrativa, existe aquela que é a mãe de todas as histórias”²⁷³, porquanto “o “era uma vez” reverbera o “no princípio”.

[...] No Mundo Falado existe uma narrativa básica que perpassa toda a realidade, uma meta-história por detrás de todas as histórias dos indivíduos daquela raça e por detrás de todas as histórias ali subcriadas. É uma peça dividida em quatro atos: criação, queda, redenção e consumação. Aquele mundo foi criado bom, harmônico, tranquilo; um acontecimento catastrófico levou à destruição da paz; um herói foi prometido e veio, revertendo com seu poder e força a queda terrível que abalou todo o universo; o estado de paz irá retornar ao Mundo Falado de forma perfeita, quando o herói pela segunda vez vier para levar sua noiva. Essa história está registrada em um grande livro, e precisamos contá-la mais uma vez, dando o devido nome aos seus personagens: Deus criou o mundo a partir do nada e viu que tudo que havia sido feito era muito bom (Gn 1.31); Adão e Eva, os primeiros personagens, quiseram ouvir outra voz, não a de Deus (Gn 3.1), trazendo o pecado ao mundo outrora perfeito; a consequência da desobediência de Adão foi o rompimento do relacionamento com Deus, com as pessoas e com o cosmos criado; Cristo é o herói dessa história, que foi prometido, veio ao mundo, viveu uma vida perfeita, morreu na cruz, sofreu a ira do Deus criador para salvar o seu povo; momentos de tensão ocorreram na história durante os três dias que antecederam sua ressurreição; mas Cristo ressuscitou, venceu a morte, subiu aos céus, está à destra de Deus Pai; Cristo virá para buscar, triunfante, o seu povo; haverá um grande banquete, uma grande celebração, inaugurando novos céus e nova terra, um novo mundo de perfeição, no qual o mal não mais existirá e a felicidade será plena para aqueles que amam o grande herói do Mundo Falado.²⁷⁴

A teoria da Subcriação ainda pode ser conhecida em outra parte da história escrita por Tolkien, desta vez presente no livro “O Silmarillion”. Eru, a imagem de Deus, é o Criador definitivo do mundo de Arda e Pai dos seres celestiais. Observe a forma a qual ele é introduzido na história:

No princípio, Eru, o Uno, que na língua élfica tem o nome de Ilúvatar, fez os Ainur de seu pensamento; e eles fizeram uma grande Música diante dele.²⁷⁵

A história nos conta que ele reuniu e convocou todos os Ainur e esclareceu para eles uma temática potente, um tema maravilhoso que revelava inúmeros grandes feitos. Ao

²⁷³ Ibid.

²⁷⁴ Ibid.

²⁷⁵ TOLKIEN, J.R.R. O Silmarillion, 2019, p. 51.

se depararem com imensa magnitude e poder, os Ainur se curvaram diante de Ilúvatar e ficaram em silêncio absoluto. Então, Ilúvatar disse a eles:

“Do tema que declarei a vós, desejo agora que façais, em harmonia e juntos, uma Grande Música. E, já que vos inflama com a Imperecível chama, mostrarei vossos poderes ao adornar esse tema, cada um com seus próprios pensamentos e desígnios se desejar. Mas sentar-me-ei e escutarei e ficarei contente que através de vós grande beleza despertou em canção.”²⁷⁶

Como podemos ver, a figura de Eru chama a seu encontro os seres celestiais, os Ainur, e pede que, a partir do tema que foi declarado momentos antes, eles possam criar juntos uma Grande Música, podendo adornar esse tema “cada um com seus próprios pensamentos e desígnios se desejar”²⁷⁷. É possível perceber que estamos diante de um ser divino que não impede que os pensamentos pessoais de suas criaturas sejam inseridos em sua canção cósmica, em consequência de elas estarem em concomitância com o tema dado, o ser escutará a melodia e ficará contente “que através de vós grande beleza despertou em canção”²⁷⁸. O livro nos diz que Eru sentou-se para ouvir a canção que estava sendo composta, e se alegrou por não haver mácula. Contudo, conforme o tema da canção ia ganhando cada vez mais espaço, o coração de Melkor, um dos maiores Ainur em dom de poder e conhecimento, passou a imaginar fatos e dados que não estavam de acordo com o tema de Ilúvatar. O deus não impossibilitava que os seus Ainur imaginassesem letras musicais e as compusesse a partir de suas opiniões e desígnios, contudo, o tema da canção não poderia ser mudado e Melkor desejava ir para longe do que havia sido decidido por Eru, “pois ele buscava com isso aumentar o poder e a glória da parte designada a si próprio”²⁷⁹. Esse desejo de criar coisas além do que havia sido permitido por Eru estava consumindo o ser de Melkor, que passou a frequentar os lugares mais solitários de seu ser, passando a conceber “pensamentos só seus”²⁸⁰, apartando-se de seus irmãos que ainda seguiam empenhados na composição da Música de Eru.

²⁷⁶ TOLKIEN, J.R.R. O Silmarillion, 2019, p. 39.

²⁷⁷ Ibid.

²⁷⁸ Ibid.

²⁷⁹ Ibid, p. 40.

²⁸⁰ Ibid.

Melkor, em um momento, se juntou a seus irmãos e “alguns desses pensamentos ele, então, entretecer em sua música, e de imediato surgiu o desacordo à volta dele” e como consequência, os seus irmãos que cantavam ao seu lado “perderam o ânimo, e seu pensamento foi perturbado, e sua música hesitou”²⁸¹. O desacordo e a desarmonia criados por Melkor se espalharam cada vez mais “e as melodias que tinham sido ouvidas antes afundaram em um mar de som turbulento”²⁸². Ao invés de se desesperar, Eru seguiu sentado e escutando a música enquanto um sorriso se apoderava do seu rosto, até que ergueu a sua mão esquerda e um “novo tema começou em meio à tempestade, semelhante e, contudo, dessemelhante ao tema anterior”²⁸³, mas igualmente belo. Apesar dos esforços de Eru, “o desacordo de Melkor se ergueu em alarido e contendeu com ele e, de novo, havia uma guerra de som mais violenta que antes”²⁸⁴, silenciando de uma vez por todas os Ainur. A expressão de Eru Ilúvatar não era mais sorridente, mas severa, porque compreendeu que uma contenda estava tomando conta dos Ainur.

Em meio a essa contenda, na qual os salões de Ilúvatar vibravam, e um tremor corria pelos silêncios até então imóveis, Ilúvatar se levantou uma terceira vez, e seu rosto era terrível de se contemplar. Então ele ergueu ambas as mãos, e num só acorde, mais profundo que o Abismo, mais alto que o Firmamento, penetrante como a luz do olho de Ilúvatar, a Música cessou.²⁸⁵

Após isso, Eru reconheceu o poder de Melkor, mas o repreendeu, uma vez que desejava que este soubesse que apenas ele era Ilúvatar e somente ele possuía o poder de conceder o tema das músicas aos Ainur. “E tu, Melkor, hás de ver que nenhum tema pode ser tocado que não tenha sua fonte última em mim”, anunciou Eru ao se dirigir para Melkor, “nem pode alguém alterar a música à minha revelia”²⁸⁶.

É nítido ver como o tema da Subcriação descende da premissa do evangelho como História Mãe, sendo Deus o centro onde toda fonte última desemboca. Uma vez em que Palavra de Deus acarretou a gênese do mundo, até os mundos fictícios existem graças a esse início. É possível presumir, a partir da ótica da Subcriação, que Eru, a representação de Deus, é aquele ser que concede o tema das nossas criações humanas, permitindo que os

²⁸¹ Ibid.

²⁸² Ibid.

²⁸³ Ibid, p. 41.

²⁸⁴ Ibid.

²⁸⁵ Ibid.

²⁸⁶ Ibid, p. 42.

nossos desígnios e nossas opiniões influenciem certas partes dessas subcriações, assim como os Ainur tinham a liberdade de criar a Música a partir de seus desejos pessoais. Não é sábio agir como Melkor, que desejou mudar inteiramente o tema que havia sido definido por Ilúvatar e desejou transfigurar a essência da Música para trazer a si mesmo glória. Veja com que poeticidade Tolkien aplicou a ideia da Subcriação: Eru, Deus, é o Criador definitivo, como uma fonte, e nossas colaborações são como as águas que correm para diferentes direções, ainda que originadas de um lugar em comum. Em suma, até as nossas mais esplêndidas composições e criações ainda seguem sendo derivadas do Criador maior.

A história de Eru e Melkor nos oferece uma outra face da Subcriação que foi desenvolvida por Tolkien em seu ensaio *Sobre estórias de fadas*. Podemos ainda associar esse trecho a história de Adão e Eva, estes que tiveram permissão de comer de todas as árvores do jardim, com exceção de uma, aquela que foi terminantemente proibida por Deus.

E o SENHOR Deus ordenou ao homem: — Coma livremente de qualquer árvore do jardim. Mas não coma da árvore do conhecimento do bem e do mal, porque, no dia em que comer dela, certamente você morrerá. (Gênesis 2:16-17).

Adão e Eva, portanto, possuíam a liberdade de provar de qualquer árvore, exceto a do conhecimento do bem e do mal. É nítido que quando a serpente tenta a Eva, que cede as suas palavras e insere o pecado no mundo pela primeira vez, a história se assemelha a de Melkor e Eru em certa medida, dado que assim como na história bíblica, Tolkien nos apresenta a um Criador total – Eru – que estabelece a sua criação com amor e delega funções às suas criaturas: Gênesis nos conta que Deus ordenou a Adão que cultivasse e guardasse o jardim, além de ter conferido ao homem a liberdade de nomear todos os animais²⁸⁷. Eru, por outro lado, criou os Ainur a partir dos seus pensamentos e convocou cada um a criar uma parte de sua música poderosa. Eles poderiam usar de sua autonomia para criar a letra a partir de seus instrumentos musicais, contudo, assim como Adão e Eva não poderiam comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, os Ainur não poderiam exceder o poder e alterar o tema da música que fora designado por Eru. Tanto na Bíblia quanto na história escrita por Tolkien, podemos deduzir de que o Criador estabelece limites que não devem ser ultrapassados – seja como na música dirigida por Eru ou pela

²⁸⁷ BÍBLIA. Bíblia Sagrada, editora Thomas Nelson. Gênesis 2:20.

proibição do fruto do Éden –, ao mesmo tempo em que é dado ao homem um espaço apto, destinado para que ele possa usar e subciliar novas coisas sem se rebelar contra o único e definitivo Criador.

As habilidades criativas humanas, na crença de Tolkien, provém de Deus, o Autor da História Mãe. Isso não significa que os humanos sempre construirão ótimas invenções e usarão sua sabedoria para o benefício comum da humanidade, pois assim como Melkor, Saruman e os Orcs, a nossa subcriação pode ser pervertida para nossos próprios maus desejos e desígnios: eis a rebeldia contra o Criador. O autor esclarece que o fato das nossas habilidades criativas advirem de Deus não isenta que crueldades sejam cometidas com o poder de subciliar. Ao ser questionado se o segmento da Fantasia pode ser perversa, Tolkien afirma que ela pode ser levada em excesso e pode ser criada para fins maus, vindo para iludir e enganar as mentes. “Mas de que coisa humana”, questiona Tolkien, “neste mundo caído isso não é verdade?”²⁸⁸:

Os homens conceberam não apenas Elfos, mas imaginaram deuses e os adoraram, adoraram mesmo aqueles mais deformados pelo próprio mal de seus autores. mas eles fizeram falsos deuses com outros materiais: suas nações, suas bandeiras, seus dinheiros; até suas ciências e suas teorias sociais e econômicas já exigiram sacrifício humano.²⁸⁹

A Subcriação, portanto, pode originar belas criações, como fizeram os Elfos, construtores de boas espadas e armas mágicas, e também como os Ainur, que obedeceram a Eru e criaram uma música harmoniosa. A Subcriação, entretanto, também pode dar forma a invenções terríveis, tal qual os Orcs, os criadores das armas mais cruéis de toda a Terra Média e Melkor, o Ainur que corrompeu a bela música de Eru.

Tolkien enxergava as histórias e a mitologia como maravilhosas subcriações humanas que eram repletas de verdades, e elas podem descender de Deus não por serem semelhantes as histórias bíblicas, mas também por serem produtos do manuseamento da palavra, assim como o Criador também manipula a Palavra. Da mesma forma, quando criamos qualquer coisa, rememoramos os impulsos criativos a nós imputados por Deus.

Aqui entramos em contato com o coração deste trabalho, isto é, o entendimento de J.R.R. Tolkien a respeito da função da verdade nos mitos e histórias. Quando Tolkien construiu a sua concepção acerca da Subcriação, ele sugere que quando os humanos

²⁸⁸ TOLKIEN, J.R.R. Árvore e Folha, Editora Harper Collins, 2020, p. 64.

²⁸⁹ Ibid.

recebem de Deus o dom da Subcrição, eles podem forjar novas histórias a partir de uma “vislumbre da realidade ou verdade subjacente” que remonta um “brilho ou eco distante do *evangelium* do mundo real”²⁹⁰. Em sua convicção, os mitos – sejam eles nórdicos, gregos ou de qualquer outro tipo – e mesmo suas próprias histórias eram subcrições que poderiam remontar ou propagar um vislumbre da verdade²⁹¹. No momento em que C.S. Lewis afirmou que mitos eram mentiras envoltas em prata, isto é, inverdades que possuíam certo valor, Tolkien se recusou a concordar com aquela sentença, uma vez que acreditava que os mitos caminhavam exatamente para o caminho oposto.

A partir dessa noção tolkeniana, o poema “Mitopeia”, a criação de mitos, é o compêndio onde o autor trata dos assuntos previamente expostos, agora numa roupagem ainda mais poética, momento este em que Tolkien exibe, mais uma vez, a sua criatividade. Se as ideias da Subcrição envolvem a criação de novas coisas a partir de humanos, o escrito poético “Mitopeia” pode ser entendido como uma ramificação direta dessa ideia.

O trabalho “Metaphysics of Myth: The Platonic Ontology of Mythopoeia”, escrito por Frank Weinreich e Margaret Hiley, irá desenvolver a tese de que tanto o poema Mitopeia quanto a sua teoria da Subcrição expressam as crenças do autor nas quais “as suas convicções pessoais sobre a criatividade e os poderes (sub)criacionais humanos podem ser descritas e identificadas”²⁹². Para os autores Weinreich e Hiley, o poema Mitopeia tem como objetivo comprovar que “o mito não consiste em mentiras, mas sim transmite fatos e verdades mais profundas”:

“Mythopoeia” é um poema poderoso e enigmático que pode ser descrito como o credo da ontologia tolkeniana. Na redação e na métrica, “Mythopoeia” lembra o romantismo, onde particularmente a “Lamia” de John Keats pode vir à mente. No que diz respeito ao conteúdo, por outro lado, também se remete à Antiguidade Clássica, uma vez que o poema apresenta qualidades didáticas e ambições como Peri Physeos de Epicuro ou De rerum natura de Lucrécio, ambos livros didáticos de ciências naturais. Essa impressão é amplificada pelo subtítulo e pela dedicatória que Tolkien deu ao seu poema. Qual é o significado desta mistura de especulação romântica e declarações científicas encontrada em dois ancestrais poéticos muito diferentes, e o que pode ser derivado disso em relação à obra ficcional de Tolkien? Um primeiro olhar mostra a história da “Mitopéia”,

²⁹⁰ TOLKIEN, J.R.R. Árvore e Folha, Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020, p. 78.

²⁹¹ O conceito de “verdade” nunca foi prévia e explicitamente estabelecido por J.R.R. Tolkien. O seu conjunto de obras e cartas, no entanto, demonstram que a verdade para ele não é apenas um conjunto de dados ou fatos, mas aquilo que envolve os campos espiritual e simbólico, ético e moral.

²⁹² HILEY, Margaret; WEINREICH, Frank. Tolkien’s Shorter Works. Proceedings of the Jena Conference 2007. Zurich, Jena: Walking Tree Publishers 2007. 325 - 347. **Metaphysics of Myth. The Platonic Ontology of “Mythopoeia”.**

e vemos que a entrada nas crenças ontológicas do Professor se abre com uma disputa entre amigos.²⁹³

Nas palavras do biógrafo Carpenter, Tolkien “compunha um longo poema registrando o que dissera a Lewis”²⁹⁴ e ele estrutura essa poesia a partir da conversa entre dois personagens, o primeiro inspirado em Tolkien e o segundo baseado em Lewis: Filomito, “Amante dos Mitos”, observava como a visão de Misomito, o “Inimigo dos Mitos”, estava equivocada, uma vez que este julga os mitos e as estórias fantásticas como mentiras encobertas em prata enquanto aquele os valorizava profundamente.

Holly Ordway também nos oferece uma visão profunda do poema “Mitopeia”. Ao traçar o caminho inicial da fé trilhado por C.S. Lewis, Ordway nos lembra que foi o Tolkien quem o auxiliou a moldar a sua nova perspectiva de fé e registrou esse momento no poema. Ela aponta que “Mitopoeia” inicia seus versos por meio de uma descrição, uma que expõe ao mundo uma “multidão infinita de formas” enquanto estrutura “um agregado de objetos a serem nomeados e categorizados, mas sem valor intrínseco real”²⁹⁵. Essa noção apreendida por Ordway se confirma quando dirigimos nossa atenção aos versos: “uma estrela é apenas “alguma matéria numa bola / compelida a cursos matemáticos”.

É o mesmo de dizer, salvo as devidas proporções, que o céu é apenas uma camada protetora cheia de moléculas de ar e gases, ou os humanos, um mero amontoado de células. Muitos, à época, definiriam o céu e os humanos do mesmo modo, “mas isto, diz Tolkien, é “frio” e “regimentado”, uma compreensão inadequada do mundo”²⁹⁶.

Não se pode dizer que realmente se vê as estrelas sem vê-las como “prata viva”; o espaço exterior é “apenas um vazio”, a menos e até que seja percebido como uma “tenda enfeitada com joias/tecida com mitos”. Ser “tecido de mito” significa que o universo carrega consigo seu significado. O cosmos não encontra um significado mais rico ao ser colocado em outros termos, pois isso seria trilhar um “caminho empoeirado e plano, / denotando isto e aquilo por isto e aquilo”. Seria “revolver incessantemente o mesmo / infrutífero curso com a mudança de nome.”²⁹⁷

²⁹³ Ibid.

²⁹⁴ CARPENTER, J.R.R. Tolkien: uma biografia, p. 204.

²⁹⁵ ORDWAY, Holly. A Fé de Tolkien: Uma Biografia Espiritua. Editora Word on Fire Academic. 2023, p. 234. Tradução própria.

²⁹⁶ Ibid.

²⁹⁷ Ibid.

Frank Weinreich e Margaret Hiley esclarecem que “Mitopoeia” é neologismo, “uma criação derivada das palavras gregas “mythos” e “poeisis”, onde “*poeisis* significa agir e também criar”. O objetivo do poema Mitopeia era destacar e ensinar a todos que pensavam como Lewis que os mitos possuíam um valor que não poderia ser desprezado. Ao propor ideia dos mitos como detentores de valor, Tolkien alegava que ainda que seu amigo Lewis nutrisse legítima admiração por essas narrativas, abordá-las como “mentiras envoltas em prata” não era uma proposição adequada, porque acima de tudo, em seu conceito, os mitos formavam uma estilha de Verdade de Deus.

Após pontuar as características presentes no que se refere ao título do poema, os autores desenvolvem o posicionamento de Tolkien em direção a Lewis. Como sabemos, “Mitopeia” descende de uma conversa que foi iniciada após Lewis dizer que os mitos eram mentiras envoltas em prata. Em concordância com essa ideia, os autores Weinreich e Hiley²⁹⁸ afirmam que C.S. Lewis não estava criticando o valor estético ou cultural dos mitos, mas questionava a dimensão de sua veracidade. Na escola, por exemplo, os mitos são ensinados como mentiras ou crenças falsas que eram criadas e formadas para justificar fenômenos que a civilização antiga não conseguia explicar de outras formas. Da mesma forma, esse mesmo conhecimento era ponderado e aceito por Lewis: mitos são mentiras que possuem valor. Em resposta, Tolkien dedicou os versos seguintes para responder a sua defesa, dirigindo as primeiras palavras para Misomito, aquele que desprezava os mitos:

Mentiras não compõem o peito humano,
que do único Sábio tira seu plano,
e o recorda. Inda que alienado,
algo não se perdeu nem foi mudado
Des-graçado está, mas não destronado,
trapos da nobreza em que foi trajado,
domínio do mundo por criação²⁹⁹

Com a primeira frase, Tolkien quis dizer que as mentiras não versam nem regem inteiramente a natureza do peito humano, uma vez que o homem tira o seu plano do único Sábio, a saber, Deus. Esse plano – que pode também ser entendido como intenções do coração ou ideias criativas – são recordados quando o humano vislumbra o Sábio.

²⁹⁸ HILEY, Margaret; WEINREICH, Frank. Tolkien's Shorter Works. Proceedings of the Jena Conference 2007. Zurich, Jena: Walking Tree Publishers 2007. 325 - 347.

²⁹⁹ TOLKIEN, J.R.R. Mitopeia, v. 55, 2020.

Podemos especular, a partir desse trecho, que ainda que o saber do homem que possui um contato consciente com o único Sábio possa ser incompleto em maior ou menor escala, é possível encontrar parte da verdade em algumas de suas ideias e posicionamentos. Não é inviável, parafraseando Tolkien, que o conteúdo que componha o coração humano seja apenas mentiras. Em outras palavras, é possível afirmar que o homem pode mentir, mas para Tolkien, é um equívoco afiançar que tudo a respeito do interior de um homem seja formado única e exclusivamente por mentiras.

O autor nos dirige ao segundo verso, afirmando que “inda que alienado, algo não se perdeu nem foi mudado”: Tolkien é adepto a ideia de que todas as histórias possuem a marca da Queda, nomenclatura associada frequentemente ao episódio bíblico quando Adão e Eva foram tentados e, ao cederem, perderam sua comunhão com Deus e arruinaram o estado original da Criação. Neste trecho, é possível notar que o autor afirma que mesmo se o ser humano tivesse sido alienado da presença do Sábio, algo não se perdeu e nem foi mudado. Este “algo” pode ser entendido como a imagem e semelhança do Criador, tema este muito trabalhado por Tolkien em sua ideia de Subcriação. Ainda que manchada pela Queda, essa imagem resiste nos exilados Adão e Eva e também em todos os humanos das seguintes gerações. Dessa forma, o homem “desgraçado está, mas não destronado”, uma vez que ainda restam “trapos da nobreza em que foi trajado” originalmente no Éden, quando o homem e a mulher encontravam-se com o Rei, Deus, como se fossem membros da nobreza. Os cristãos atuais partilham de um relacionamento semelhante ao de Adão, Eva e Deus, dado que, apesar de vestidos com seus trapos, é possível estabelecer um relacionamento com o Rei do Universo.

O poema também diz que o homem exerce “domínio do mundo por criação”, e essa ideia une-se diretamente a passagem Gênesis 1:26-28, esta sugere que o homem deve dominar o mundo por meio também da criação:

Então disse Deus: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão".³⁰⁰

³⁰⁰ BÍBLIA, Bíblia Sagrada. Gênesis 1:26-28. Editora Thomas Nelson.

Esse versículo é conhecido como “mandato cultural”, a ordem recebida para dominar amorosamente a terra, administrar os recursos e forjar invenções que viessem a beneficiar a Criação do Sábio e as demais criaturas. De igual modo, Tolkien afirma que os humanos são subcriadores: criamos coisas, mas em nosso modo derivativo, enquanto Deus cria primariamente tudo o que há. O verso seguinte ilustra essa ideia ao nomear o homem de subcriador, cuja luz que produz é refratada, isto é, não corresponde totalmente a luz original de maneira perfeita, mas que se referencia a ela de alguma forma. Essa luz é refratada pois teve a sua matiz despedaçada e partida em muitos tons, e a partir desse episódio, passa a se recombinar a sua mente viva e passada:

*Homem, subcriador, luz refratada
em quem matiz Branca é despedaçada
para muitos tons, e recombina,
forma viva mente e mente passada.
[...]³⁰¹*

Como vimos, a noção de Subcriação está ligada à habilidade humana de criar, forjar e estruturar instituições, histórias, sistemas filosóficos e tantas outras coisas a partir da luz original, mas num aspecto refratado cujo tons se recombinam. Se a matriz da luz original da verdade que está em Deus é Branca, as subcriações humanas manifestam-se em inúmeras cores e direções. Para Tolkien, a única narrativa que está presente no Mundo Primário é o Evangelho, dado que ele contém “muitas maravilhas - peculiarmente artísticas, belas e emocionantes: “míticas” no seu significado perfeito e encerrado em si mesmo”³⁰², e dessa forma, “a narrativa entrou para a História e o mundo primário” que exala uma “consistência interna da realidade”³⁰³. A partir de sua posição teórica, os mitos constituem um conjunto de histórias que ocupam o Mundo Secundário e refletem a verdade fragmentada a partir do Evangelho, a História Mãe do Mundo Primário a qual Tolkien depositava a inteireza de sua fé. Observe como o apego ao cristianismo leva Tolkien a enxergar uma parceria entre o Criador e a criatura, de modo que até mesmo as nossas pequenas criações servem para rememorar o ato criacional supremo de Deus.

³⁰¹ TOLKIEN, J.R.R. *Mitopeia*, v. 55, 2020.

³⁰² TOLKIEN, J.R.R. Árvore e Folha, Editora Harper Collins, 2020, p. 78.

³⁰³ Ibid.

Benjamin Saxton, autor do artigo *J.R.R. Tolkien, Sub-Creation, and Theories of Authorship*, comenta que “Tolkien vê uma conexão natural entre o artista como “subcriador” e Deus como Criador”³⁰⁴. Baxton esclarece que no ensaio *Estória de Fadas*, “Tolkien aponta que o impulso criativo, muitas vezes expresso no modo da fantasia, deriva o divino”³⁰⁵, porque Tolkien afirma que o ato de fantasiar vem do próprio Criador. Deus nos criou com a capacidade de desempenhar tal papel. Não apenas somos conectados a imagem de Deus através da nossa criatividade, mas Baxton propõe ainda que existem “afinidades entre artista e “Fazedor”, não apenas em “imagem e semelhança”³⁰⁶. Essa afinidade que a criatura estabelece com o seu Criador resulta no ímpeto de criar, forjar e formar novas coisas, como, por exemplo, histórias e narrativas, assim como o Criador. Como vimos anteriormente, o pensamento de Tolkien é sustentado pelos pilares do Mundo Primário e Secundário e acerca desses dados, Baxton nos explica que “a invenção dos Mundos Secundários pelo subcriador reflete, embora imperfeitamente, a vontade de Deus criação do nosso mundo (primário)”³⁰⁷. Quando um autor cria um novo mundo imaginário, assim como Tolkien, ele está rememorando o ato criacional que Deus executou no nosso próprio mundo, este que ocupa a categoria primária na ordem da realidade.

O sucesso do criador de histórias, afirma Tolkien, depende de sua capacidade de criar um "Mundo Secundário consistente que sua mente pode entrar. Dentro dela, o que ele relata é “verdadeiro”: está de acordo com as leis daquele mundo. Você, portanto, acredita nisso enquanto está, por assim dizer, dentro" (OFS 37). Mesmo esta breve descrição da Subcriação demonstra como, para Tolkien, a analogia entre o autor como subcriador e Deus como Criador é ao mesmo tempo inegável e um componente essencial da escrita de fantasia. A seguir, abordarei como isso relação analógica se desenrola na ficção de Tolkien, em "Leaf by Niggle", *The Silmarillion* e *O Senhor dos Anéis*.³⁰⁸

Na concepção de Tolkien, se enchemos o mundo com nossas subcriações – *Elfos, dragões e gobelins* – e se traçamos mitos – *se fizemos deuses com casa de treva e de luz* -, fazemos tudo isso porque “a nós conduz um direito” que não foi revogado: criamos tal fomos criados e as nossas subcriações refletem, em muitos tons e sobretons, a verdade do Mundo Primário estabelecido por Deus:

³⁰⁴ BAXTON, Benjamin. J.R.R. Tolkien, Sub-Creation, and Theories of Authorship, p. 50

³⁰⁵ Ibid.

³⁰⁶ Ibid.

³⁰⁷ Ibid.

³⁰⁸ BAXTON, Benjamin. J.R.R. Tolkien, Sub-Creation, and Theories of Authorship, p. 50.

*Se todas as cavas do mundo enchemos
com Elfos e gobelins, se fizemos
deuses com casa de treva e de luz,
se plantamos dragões, a nós conduz
um direito. E não foi revogado.
Criamos tal fomos criados.*³⁰⁹

Esse é o ponto central de toda teoria da Subcrição, a coroa gloriosa da argumentação de Tolkien: nós enchemos o mundo de histórias que possuem partes da verdade e a Queda não aboliu essa liberdade de criar e fantasiar. Quando histórias são criadas e mitos são fundados, os humanos exercem um direito que não lhe foi revogado, logo, criamos tal fomos criados, isto é, a imagem e semelhança de um Criador. A imagem e semelhança ainda resiste em nosso interior e é este semblante que nos permite criar e gerar coisas novas.

O começo do poema Mitopeia é inaugurado por Filomito, que ao se dirigir a Misomito, aquele que detestava os mitos, afirma as seguintes sentenças:

*Vocêvê árvores, e as chama assim,
(“árv’reis” são “árv’reis” e crescem, enfim);
palminha a terra e com solene passo pisa um dos globos
menores do Espaço:
que em matemático trajeto rola:
regimentado, gélido Vazio
de átomos morrendo a sangue frio.*³¹⁰

Weinreich e Hiley esclarecem que a proposição dirigida às árvores e estrelas parece ser uma crítica ao “mundo materialista retratada em termos poéticos e, em particular, a visão de mundo das ciências empíricas: olhar (ou seja, examinar) e rotular”³¹¹, dispensando outros meios de se pensar acerca da verdade. Essa é uma hipótese concretamente possível,

³⁰⁹ TOLKIEN, J.R.R. Mitopeia, v. 55, 2020.

³¹⁰ Ibid.

³¹¹ HILEY, Margaret; WEINREICH, Frank. Tolkien’s Shorter Works. Proceedings of the Jena Conference 2007. Zurich, Jena: Walking Tree Publishers 2007. 325 - 347. **Metaphysics of Myth. The Platonic Ontology of “Mythopoeia”.**

uma vez que Tolkien se posicionou inúmeras vezes contra o materialismo, porque cria que essa é uma corrente perigosa para a criatividade e para a Criação, pois é possível que haja a impressão de que a matéria é tudo o que existe. Essa hipótese ganha força no comentário disponível no livro “The J.R.R. Tolkien Company”.

O poema descreve “grandes processos” da Natureza, vistos em termos de ciência (“para árvores são “árvores”, e ‘uma estrela é uma estrela, alguma matéria em uma bola / compelida a cursos de matemática’) ou como criações de Deus. No entanto, árvores, feras e estrelas não eram assim para o Homem, até que ele os veja tanto no espírito quanto nos sentidos.³¹²

Complementando essa visão, Weinreich e Hiley esclarecem que ao criticar a ausência de reflexão acerca dos nomes atribuídos às árvores e as estrelas, há o indício que “Misomythus vê um universo com leis naturais inquebráveis, inescapável e sem propósito transcendental”³¹³.

As ciências materialistas e empíricas reconhecem os fenómenos no mundo perceptível e classificam-nos de acordo com um sistema explicativo que atribui rótulos como “árvore”, “terra”, “globo” e assim por diante. Mesmo uma estrela, outrora um fenômeno celeste que foi objecto de inúmeras interpretações míticas e romantizantes, é agora nada mais do que “alguma matéria numa bola” (linha 5), que corre em trajectórias fixas, sem propósito e muda (ou seja, “fútil”, 7), que poderia ser melhor traduzido como irracional, no sentido de desespiritualizado.³¹⁴

O mundo é essencialmente construído a partir de camadas transcendentais que são projetadas por meio de dimensões religiosas. Como afirmou Mircea Eliade em seu livro “O Sagrado e o Profano”, “o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades naturais”³¹⁵. Se acreditamos que o mundo é repleto de elementos sagrados e se há a crença de um indivíduo que o leva a reconhecer o transcendente, logo a vida é uma dádiva, porque o universo é preenchido pelo sagrado e deveria ser o alvo de

³¹² SCULL, Christina. HAMMOND, Wayne G. **The J.R.R. Tolkien Companion and Guide**, p. 1172. Tradução própria.

³¹³ HILEY, Margaret; WEINREICH, Frank. Tolkien’s Shorter Works. Proceedings of the Jena Conference 2007. Zurich, Jena: Walking Tree Publishers 2007. 325 - 347. **Metaphysics of Myth. The Platonic Ontology of “Mythopoeia”**.

³¹⁴ Ibid.

³¹⁵ ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**, 2010, p. 12.

nosso deslumbramento, mas é uma crença constantemente desprezada. Junto a essa posição, G.K. Chesterton desenvolveu o capítulo “O Mundo Percebido por Histórias e Óculos”, onde aponta que nada é mais destrutivo para o deslumbre e o maravilhamento do que a idolatria dos fatos. Em “Ortodoxia”, Chesterton explana acerca da “peculiar perfeição de elegância e verdade nos contos de fadas”, ao tratar do homem moderno que diz “corte o talo e a maçã cairá”, com naturalidade diante da obviedade da ação, enquanto a bruxa dos contos de fadas diz “cantem a canção do rio e ele secará para sempre”³¹⁶, desprovida da certeza que acompanha o homem moderno. O comando da bruxa é atendido magicamente, e apesar de ela ter lançado esse feitiço inúmeras vezes, Chesterton comenta que a feiticeira sempre se surpreende. Misomito seria mais próximo da figura do homem moderno, que não se surpreende com o natural e o transcendente, e em nada se assemelha à bruxa que se alegra quando vê seus feitiços operarem seu querer.

Misomythus não enxerga o mundo como uma dádiva onde o sagrado se manifesta. O mito percorre essencialmente o caminho contrário, dado que segundo Mircea Eliade, o “mito descreve as diversas e às vezes dramáticas irrupções do sagrado do mundo. É a irrupção do sagrado no mundo [...] que funda realmente o mundo”³¹⁷. Consciente disso, Tolkien entende que o mundo é permeado de Deus e essa sentença configura a vida como um presente sacro.

Os versos que se seguem a partir de “Você vê árvores, e as chama assim” estão intrinsecamente ligados à conversa que foi desenvolvida entre Hugo Dyson, Tolkien e Lewis. Ao se dirigir ao amigo Lewis, que estava resolutamente firme em sua opinião acerca dos mitos e da ausência de sua veracidade, Tolkien decidiu brincar com as palavras e provocar um pensamento religioso-filosófico. A princípio, o autor traz à tona a nomeação de palavras, para logo após não refletir mais sobre como essas nomenclaturas se firmaram. Neste momento, Tolkien esclarece que quando Lewis nomeia e descreve as coisas, ele está apenas criando seus próprios termos para elas. Desse modo, está sendo afirmado que da mesma maneira que as palavras são criações sobre objetos que existem ao nosso redor, o mito é uma invenção sobre a realidade. O mito não é, em si mesmo, um fato com proporções literais: Zeus, Hades e os demais personagens não pisaram, realmente, nesse

³¹⁶ CHESTERTON, G.K. **Ortodoxia**. 2019, p. 62.

³¹⁷ ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**, 2010, p. 86.

chão do mundo. Os seus feitos mitológicos, no entanto, construíram o chão do nosso mundo, sendo suas histórias invenções sobre a verdade.

Você chama uma árvore de árvore e não pensa mais na palavra. Mas não era ‘árvore’ até que alguém lhe desse esse nome. Você chama uma estrela de estrela e diz que é só uma bola de matéria que se move numa trajetória matemática. Mas isso é meramente como você vê. Nomeando e descrevendo as coisas dessa maneira, você está apenas inventando seus próprios termos para elas. E assim como a fala é uma invenção sobre objetos e ideias, assim também o mito é uma invenção sobre a verdade. Viemos de Deus e inevitavelmente os mitos que tecemos, apesar de conterem erros, refletem também um fragmento da verdadeira luz, da verdade eterna que está com Deus. De fato, apenas ao criar mitos, ao se tornar ‘subcriador’ e inventar história, é que o Homem pode se aproximar do estado de perfeição que conhecia antes da Queda. Nossos mitos podem ser mal orientados, mas se dirigem, ainda que vacilantes, para o porto verdadeiro, ao passo que o ‘progresso’ materialista conduz apenas a um enorme abismo e à Coroa de Ferro do poder do mal.³¹⁸

Durante o poema Mitopeia, Tolkien revisita algumas vezes a sua censura ao materialismo, especialmente quando afirma que “eu não me curvo à Coroa de Ferro, nem meu cetrozinho dourado enterro”, o que, para Hiley e Weinreich significa dizer a modernidade sofre com ausência de espiritualidade. Mesmo diante de um mundo material que não valoriza o sagrado, a natureza e a subcriação, Tolkien escolhe não ceder aos pressupostos comuns a essa visão do cosmos. O seu poema “Mitopeia” ilustra o que há de errado com o homem moderno e como esse problema o distancia dos mitos:

Quais são os pontos mais importantes da “Mitopéia”? Para Tolkien há algo errado com uma visão de mundo exclusivamente materialista. Mas observando o mundo tal como ele aparece, há algo que toca o homem (“nervos que formigam tocados pelo som e pela luz”, diz já na linha 22). Com este primeiro formigamento indefinível começa a realização de algo mais profundo, que no final aponta para outro plano ou nível de existência, um plano que transcende o nosso mundo físico. [...] Mas o homem não pode entrar neste plano, pelo menos não de forma direta e imediata enquanto vive. Mas as palavras podem mediar entre o Mundo Primário e o plano transcendental. As palavras podem transportar indícios da verdade mais profunda, podem ser o “raio de luz em cada palavra” que Leonard Cohen postulou em sua canção Hallelujah (Cohen, linhas 20f.). E esses indícios podem ser encontrados em mitos, que portanto não podem ser mentiras. O mito é então descrito como “imitação poética ligada à luz original (como Tolkien a percebeu)” (Chen 2007, 79). Mas os mitos não são contados em

³¹⁸ CARPENTER, Humphrey, J. R. R. Tolkien: uma biografia. Martins Fontes, p. 202-203. Tradução: Ronald Kyrmse.

círculos professorais, possuidores de positivismo, em Viena e nas suas palestras em Cambridge, mas por poetas que se lembram dos seus ofícios élficos e cuja criatividade prova que há muito mais coisas de que se pode falar do que o filósofo contemporâneo acredita ser possível.³¹⁹

O homem moderno decidiu ver a verdade exclusivamente através do materialismo e da ciência, afastando a riqueza presente nos mitos, estes que possuem um papel fundamental no descortinamento de lições e ensinamentos. Os mitos que tecemos, em algum grau, fazem referência ao Criador, porque Tolkien julgava que “viemos de Deus e inevitavelmente os mitos que tecemos, apesar de conterem erros, refletem também um fragmento da verdadeira luz”³²⁰. Longe de serem mentiras envoltas em prata, os mitos poderiam conter pequenas partículas da verdade, não de forma factual, mas possuindo veracidade em alguma medida por meio das virtudes, ética e moral.

De forma semelhante, Eliade afirma em seu livro “Mito e Realidade” que o mito narra uma realidade existente, seja uma realidade total ou apenas parcial da verdade³²¹. Tolkien acredita de forma semelhante que os mitos possuem parcelas da verdade, entretanto, apesar do valor que possuem, não são fatos. Dessa forma, Tolkien se opõe ao forte posicionamento contemporâneo que associa os mitos à falsidade e mentira, uma vez que, apesar de eles não serem fatos literais, as lições e ensinamentos presentes nas histórias mitológicas são inteiramente reais. Além de tudo isso, a existência dos mitos para o autor não poderia ser indesejada, uma vez que ela é uma das múltiplas formas de Subcrição.

O autor de “O Senhor dos Anéis” não enxergava o pensamento da Subcrição como uma linha meramente acadêmica de ser, mas a adotou como um fato que costumava discutir, aplicar em suas histórias e ensinar aos seus amigos. Foi dessa forma que C.S. Lewis se viu tocado de forma excepcional por essa crença transmitida por Tolkien, porque, enfim, pode reconhecer de que uma vez que os humanos são subcriadores que inevitavelmente transmitem fragmentos de uma verdade maior do que são capazes de conceber.

³¹⁹ HILEY, Margaret; WEINREICH, Frank. Tolkien's Shorter Works. Proceedings of the Jena Conference 2007. Zurich, Jena: Walking Tree Publishers 2007. 325 - 347. Metaphysics of Myth. The Platonic Ontology of “Mythopoeia”.

³²⁰ CARPENTER, Humphrey, *J. R. R. Tolkien: uma biografia*. Harper Collins Brasil, Rio de Janeiro, 2018, p.202-203. Tradução: Ronald Kyrmse.

³²¹ ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. Editora Perspectiva: 2020, p. 11.

Agora, o que Dyson e Tolkien me mostraram foi o seguinte: que se eu encontrasse a ideia de sacrifício em uma história pagã, isso não me incomodava em absoluto; e mais, se eu encontrasse a ideia de um deus sacrificando-se para si mesmo eu ia gostar muito disso e ficar misteriosamente comovido; mas ainda, que a ideia de um deus que morre e revive (Balder, Adônis, Baco) similarmente me comovia [...] Agora, a história de Cristo é simplesmente um mito verdadeiro: um mito que trabalha em nós da mesma forma que os outros [...] Em todos os casos, eu agora estou certo (a) De que esta história cristã deve ser aboradada, em certo sentido, como eu abordo os outros mitos. (b) De que ela é a mais importante e cheia de sentido. Eu também estou *quase* certo de que ela realmente aconteceu.³²²

O fruto mais tangível desse diálogo é o artigo “Myth Became Fact”, onde Lewis posteriormente rebate, usando partes da argumentação que Tolkien lhe apresentou, o poeta romano Titus Lucretius Corineus. No texto, o autor comenta que o intelecto humano é incrivelmente abstrato³²³ e no mito, “chegamos mais próximo de experimentar como concreto o que de outra forma poderia ser entendido apenas como uma abstração”³²⁴. O autor defende, portanto, que o mito não é a verdade, mas a realidade, por quanto “a realidade é aquilo sobre o qual a verdade é” e, portanto, “todo mito se torna o pai de inúmeras verdades no nível abstrato”³²⁵. Quando se dirige à religião cristã, ele a trata como um mito que, literalmente, aconteceu em uma situação histórica definível – em virtude de que existem datas e lugares que comprovam sua veracidade — e então, o mito cristão se torna um fato milagroso e real.

Para sermos verdadeiramente cristãos, devemos ao mesmo tempo concordar com o fato histórico e também receber o mito (embora tenha se tornado um fato) com o mesmo abraço imaginativo que concordamos com todos os mitos. [...] Aqueles que que não sabem que este grande mito se tornou realidade quando a Virgem deu a luz, na verdade, devemos ter pena. Mas os cristãos também precisam ser lembrados – podemos agradecer a Corineus por lembrar-nos – que o que se tornou fato era um mito, que carrega consigo para o mundo dos fatos todas as propriedades de um mito. Deus é mais que Deus, nada menos; Cristo é mais que Balder, nada menos. Não devemos ter vergonha do brilho mítico que repousa em nossa teologia.³²⁶

³²² LEWIS, C.S. *Cartas de C.S. Lewis*, Editora Thomas Nelson, p. 348-349.

³²³ LEWIS, C.S. Deus no banco dos réus. Thomas Nelson, 2018, p. 84.

³²⁴ Ibid.

³²⁵ Ibid.

³²⁶ LEWIS, C.S. Deus no banco dos réus. Thomas Nelson, 2018, p. 85.

Lewis, portanto, adotou a visão oferecida por Tolkien no diálogo anterior e afirmou que se a história cristã for chamada de mito, ela é a mitologia que se tornou fato. Não somente neste artigo, Lewis trabalhou a temática mítica em seu livro “Milagres”, quando afirmou que o mito tem o compromisso de narrar “um pensamento real de um vislumbre desfocado da verdade divina caindo na imaginação humana”³²⁷.

Daniel Mirante e Judith Way, autores do texto “The Subcreation Theory of J.R.R. Tolkien”, apontam que “em sua própria habilidade subcriativa, Tolkien elaborou linguagens, mapas e narrativas” e por meio da criação das histórias da Terra Média, suas habilidades com as palavras “proporcionam diferentes caminhos criativos para o mesmo destino, todas reforçando-se mutuamente e sugerindo novamente a centelha criativa”³²⁸, e esse fato está ligado a imagem de um Criador maior que iniciou seu trabalho criacional em Gênesis. “Na filosofia religiosa de criação e Subcriação de Tolkien”, comentam os autores, “a verdadeira criação é província exclusiva de Deus, e aqueles que aspiram à criação só podem fazer ecos (bem) ou zombarias (mal) da Verdade, de formas ideais”³²⁹.

De muitas formas, a Subcriação, pode reproduzir ecos positivos ou negativos da Verdade. Desse modo, “a Subcriação de obras que ecoam as verdadeiras criações primárias de Deus”³³⁰ e pode ser interpretada como uma maneira de honrar esse Criador com nossas intenções e atitudes subcriadas.

Através do encantamento, produto da fantasia, recuperamos a admiração infantil que talvez tenhamos deixado em algum lugar. E o mais importante, através do encantamento recuperamos, como diz Tolkien, “uma visão clara”. Esta “visão clara” está disponível para todos, quer adiram ou não à expressão religiosa de Tolkein, embora aponte para longe de uma realidade que é determinada empiricamente. A noção de escapismo e as associações depreciativas de fantasia ganharam peso num mundo empiricamente dominante, que se tornou pesado na sua busca de fins quantitativos. A noção de Subcriação aponta para uma realidade que tem flexibilidade para ser condicionada e formada através da relação do indivíduo com sua própria essência criativa. Nesse sentido, não existe uma realidade predeterminada que fixe uma vida de uma certa maneira, ou de uma certa forma; e isso aponta para uma característica fundamental da fé de Tolkien no Criador e a subsequente dádiva àqueles que foram criados.³³¹

³²⁷ LEWIS, C.S. **Milagres**. Thomas Nelson Brasil. 1ª edição. 15 abril 2021, p. 198.

³²⁸ MIRANTE, Daniel; WAY, Judith. **The Subcreation Theory of J.R.R. Tolkien**. Acesso em: <https://gwern.net/doc/fiction/science-fiction/2015-mirante-thesubcreationtheoryofjrrtolkien.html>

³²⁹ Ibid.

³³⁰Ibid.

³³¹Ibid.

Para Tolkien, é essencial afirmar que os mitos e a religião cristã possuem conexões muito próximas. Essa concepção se fundava quando comparavam as literaturas e reconheciaem semelhanças entre as suas estruturas e as próprias narrativas. Na opinião de Tolkien, portanto, não é estranho que haja mitos e histórias antigas que se assemelham, porque só existe uma verdade, e essas narrativas comprovam essa tese. Ao invés de enfraquecer a veracidade da fé cristã, Tolkien escolheu acreditar que os mitos buscavam ser antecipações não-canônicas da verdade que jazia em Deus. Alister McGrath nos conta que, para Tolkien “o mito é uma história que transmite coisas fundamentais”³³², isto é, “contos criados pelas pessoas para captar os ecos de verdades mais profundas”, representando um fragmento, mas não a totalidade da verdade, como podemos perceber nos versos do poema Mitopeia: “Homem, subcriador, luz refratada em quem matiz Branca é despedaçada para muitos tons, e recombinada, forma viva mente e mente passada”. O biógrafo afirma que o autor de “O Senhor dos Anéis” acreditava que o cristianismo é a realização de todas as outras religiões mitológicas anteriores, uma vez que está comprometido a narrar uma “história verdadeira sobre a humanidade, que confere sentido a todas as histórias que a humanidade contra sobre si mesma”³³³.

As semelhanças entre mitos gregos e histórias bíblicas são existentes e consistentes. A título de exemplo, em certo episódio da mitologia grega, conhecemos Herácles, um herói que fora o fruto do relacionamento entre Zeus e Alcmena, filha do rei de Argos, mas, para apaziguar a real esposa de Zeus, ele foi batizado como “a glória de Hera”. Por ser um semideus, desde a mais tenra idade demonstrava força sobre-humana incomum, testificado no episódio em que ele estrangulou duas víboras em seu berço. Foi encarregado de exercer tarefas específicas como matar o leão de Nemeia e a hidra de Lerna, capturar o javali de Erimanto e a corça de Cerinia, combater o touro de Creta, entre outros feitos de bravura que o tornou o herói mais conhecido da Roma Antiga e da Grécia. De forma semelhante, a Bíblia apresenta a história de Sansão, este que, desde bebê, foi alvo de uma profecia que seria o responsável pelo livramento dos israelitas das mãos dos filisteus. Sansão cresceu fortemente e mostrou seu poder com alguns atos: matou um leão com as próprias mãos, dizimou um grupo de homens e assassinou mil filisteus com a mandíbula de um jumento.

³³² MCGRATH, Alister. *A vida de C.S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia*. Editora Mundo Cristão: São Paulo, 2013, p. 169.

³³³ Ibid.

Tanto Sansão quanto Hércules cometaram más ações e lidaram com as consequências de suas condutas, por vezes, insensatas.

Sansão quebrou todos os votos feitos a Deus, porquanto este não poderia ingerir álcool e o fez. Deus ordenou que os filhos de Israel se casassem com pessoas do próprio povo e Sansão se casou com uma filistéia, o povo inimigo de Israel, se envolveu com uma prostituta filisteia e se uniu-se extraconjugalmente a mulher de Soreque, prática promíscua também abominada pelo Deus dos hebreus. Herácles, por sua vez, também viveu “depravações”, como no episódio em que ele teve relações com quarenta e nove mulheres em uma só noite, condenando uma outra por se recusar a participar do momento. Para muitos, “Hércules também era conhecido como a divindade do parto e da sexualidade por causa de sua infância agitada e de suas aventuras promíscuas”.³³⁴

Tanto Sansão quanto Herácles morreram de forma trágica: o primeiro foi soterrado pelo templo de Dagom, matando cerca de três mil filisteus quando empurrou os pilares com suas mãos e o segundo foi envenenado por sua própria esposa, sendo recebido por Zeus no Monte Olimpo quando morreu. Estamos comparando literariamente dois personagens semelhantes que pertencem a religiões, tradições e culturas distintas, mas que foram unidos por similaridades em sua força, conduta e trágica morte.

Como essas “coincidências” não enfraquecem a veracidade dessas crenças? Essas histórias tão semelhantes não constituem um obstáculo da crença cristã?



Figura 14: Franz von Stuck - Pintura de quando Hércules mata o centauro Nessus para salvar Deianira

³³⁴ Texto: Earth Shattering Facts About Hercules. Acesso em:

<https://hybridbooks.wordpress.com/2014/07/25/10-earth-shattering-facts-about-hercules/> (24/01/2024).

Hesíodo, o poeta grego da Antiguidade, narra que Zeus irou-se com Prometeu por tê-lo desobedecido e a sua cólera também se manifestou contra os homens. Como punição pela rebeldia de Prometeu, os deuses enviaram Pandora, uma mulher dissimulada e bela. Ao ser enviada para a terra, tornou-se a esposa de Epimeteu. Após o casamento, os deuses do Olimpo presentearam o casal com uma caixa que continha todos os males e doenças e atribuíram o aviso de que ela não deveria ser aberta. Pandora obstinada e curiosa, violou o pedido das divindades e abriu a caixa, liberando pragas pelo mundo inteiro. O alastramento do mal pôs fim na Idade de Ouro, um período conhecido pela inocência e harmonia, e os homens se afastaram dos deuses.

Como dito anteriormente, esse mito possui estilhas de uma narrativa também muito antiga: o registro da Queda em Gênesis 3. A caixa de Pandora é semelhante ao relato bíblico, quando Eva, a primeira mulher da humanidade, comeu do fruto proibido num ato de desobediência e deu entrada ao pecado na Criação, concomitantemente com Pandora, que, sendo a primeira mulher da humanidade, também descumpriu a ordem do Olimpo e alastrou inúmeros males pela terra. O pecado encerrou o período original e harmonioso que o Senhor instalara ao fundar o mundo e duras penas foram atribuídas à humanidade após o ocorrido, assim como a era da bonança dos deuses findou-se com o erro de Pandora.

Esses paralelos confirmam mais semelhanças entre narrativas bíblicas e mitos gregos; Tolkien não ignorou a realidade desse fato, mas, se estivesse certo, deveria haver semelhanças entre o cristianismo e as religiões pagãs. McGrath aplica que o problema real seria se essas semelhanças simplesmente não existissem, dado que isso traria implicações para o pensamento da Subcriação. A crença de Tolkien conferia a ele uma segurança de que “o cristianismo confere plenitude e completude a percepções imperfeitas e parciais acerca da realidade, espalhadas na cultura humana”³³⁵, e essa fé se configurava semelhantemente a uma lente que “lhe permitiu ver o cristianismo como algo que traz plenitude a esses ecos e sombras de verdades”³³⁶.

Os grandes mitos, portanto, são para Tolkien ecos que reforçam a verdade que foi revelada posteriormente na Escritura Sagrada. Enquanto muitos que abraçam a fé cristã necessariamente desprezam os demais mitos, o professor acreditava que não precisávamos agir da mesma forma, uma vez que essas narrativas não estão em conflito. Tolkien insere

³³⁵ MCGRATH, Alister. *A vida de C.S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia*. Editora Mundo Cristão: São Paulo, 2013, p. 170.

³³⁶ Ibid.

os mitos como verdades que não são fatos e tratou as histórias bíblicas como verdades que se tornaram fatos. É essa diferenciação realizada entre os conceitos de fato e verdade que permitiu que o Tolkien abraçasse mitos enquanto o cristianismo seguia sendo a doutrina factualmente presente em sua fé.

Retratando esse pensamento de forma fiel, Oliveira escreve que “no Mundo Falado existem muitos mundos falados, escritos, pintados e projetados. Pequenas histórias compostas pelos seres que vivem a Grande História”³³⁷ e essas histórias se acomodam dentro de grandes modelos que direcionam os homens a compreender os “microcosmos subcriados pela imaginação dos que ali habitam”. Os humanos, portanto, estariam inseridos na História maior do Sábio, parafraseando o poema de Tolkien, e todas as histórias que tecemos são criações refratadas de uma criação maior e primária. Oliveira argumenta que existe, de fato, uma história-mestra que é a mãe de todas as histórias fictícias. Desse modo, toda a realidade é firmada a partir de uma Meta Narrativa que sustenta as demais narrativas existentes.

Para Tolkien, o evangelho foi a Meta Narrativa por trás das pequenas histórias de “Fantasia”. Para estruturar tal pensamento, o autor construiu uma série de teses que defendiam alguns pontos basilares. No começo de seu ensaio, Tolkien destaca que a “Fantasia é uma atividade humana natural”³³⁸, logo, muitos de sua época associavam tal natureza à loucura ou mesmo ópio.

Certamente ela não destrói a Razão, muito menos insulta; e não abranda o apetite pela verdade científica nem obscurece a percepção dela. Ao contrário. Quanto mais arguta e clara a razão, melhor fantasia produzirá.³³⁹

O ato de fantasiar, como dito anteriormente, faz parte de quem o homem é em essência, pois a “Fantasia continua a ser um direito humano”³⁴⁰. Para o autor, é precisamente pelos humanos serem forjados a partir de um Criador que há a possibilidade de Subcrição, a saber, a produção de todas as atividades. Sobre isso, o teólogo D.A. Carson se dedica a explicar que “herdamos” de Deus múltiplas características como a fala,

³³⁷ OLIVEIRA, Cauê. A mãe de todas as histórias: O mundo real está por detrás de todos os mundos imaginários, 2018. s/d.

³³⁸ TOLKIEN, J.R.R. Árvore e Folha. Editora Harper Collins: Rio de Janeiro. 2020, p. 34-35.

³³⁹ Ibid, p. 10.

³⁴⁰ Ibid, p. 64.

os sentimentos, os pensamentos e até o impulso criativo que nos permite forjar novas coisas, desde um carro automotivo até uma boa história.

Se este é o universo de Deus, e se fomos criados à imagem de Deus, então, quando trabalhamos, nosso trabalho reflete a Deus, sendo oferecido a ele com integridade e gratidão. O trabalho é significativo porque somos criados à imagem de Deus. O trabalho realizado desta maneira muda nossa perspectiva sobre quem somos.³⁴¹

Em concordância, Tolkien explica que o Mito resistirá na Arte, isto é, “o processo humano que produz Crença Secundária como subproduto”³⁴². Como vimos anteriormente, o autor faz divisão entre Mundo Primário e Secundário: este aponta o mundo descrito em qualquer história e aquele, o mundo real. Quando um poeta, portanto, anuncia os grandes feitos dos deuses, ele está descrevendo e desenvolvendo uma realidade subcriada quando se tem como referência o Mundo Primário, cujo compromisso é a realidade primária.

O especialista David Day analisou que em sua palestra, posteriormente transformada em um ensaio “Sobre estórias de fadas”, Tolkien provou acreditar “sinceramente que, na história de Cristo, mitologia e história se encontravam e se fundiam”:

Porque esta história é suprema e verdadeira, a Arte foi verificada. Deus é o Senhor dos anjos e dos homens - e dos Elfos. Lenda e História se encontraram e se fundiram.³⁴³

Para Day, é nesta frase que Tolkien assume uma posição essencial: pela primeira vez, ele anuncia, por meio de sua poeticidade, que o mito antigo assume sua função por meio da "prefiguração" de “contos pagãos milagrosos que a imaginação humana poderia ter sido preparada para aceitar o verdadeiro e histórico milagre de Jesus Cristo”³⁴⁴. Foi por meio dos mitos acerca dos deuses e heróis que a imaginação foi preparada para que o verdadeiro Deus descortinasse os seus feitos heroicos para toda a humanidade.

³⁴¹ CARSON, D. A. *O Deus presente*, pp. 31-32, 2016, Editora Fiel.

³⁴² Ibid, p. 61.

³⁴³ TOLKIEN, J.R.R. Árvore e Folha, 2020, p. 79.

³⁴⁴ DAY, David. 2019, p. 315.

Em sua palestra e ensaio “Sobre estórias de fadas”, Tolkien liga o mundo do mito e do conto de fadas com o de sua fé cristã: “O Evangelho contém um conto de fadas, ou uma história de um tipo mais amplo que abrange toda a essência dos contos de fadas. ” Tolkien acreditava sinceramente que, na história de Cristo, mitologia e história se encontravam e se fundiam: “Porque esta história é suprema e verdadeira, a Arte foi verificada. Deus é o Senhor dos anjos e dos homens - e dos Elfos.” Foi aí que surgiu a importância do mito antigo: foi somente através da “prefiguração” de contos pagãos milagrosos que a imaginação humana poderia ter sido preparada para aceitar o verdadeiro e histórico milagre de Jesus Cristo.³⁴⁵

Todas as histórias, portanto, acontecem para revelar que o criador da narrativa é um subcriador. Desse modo, ele “concebe um Mundo Secundário no qual nossa mente pode entrar” e enquanto estamos dentro dele, o que o autor relata é “verdade”: está de acordo com as leis daquele mundo³⁴⁶. Se um mundo provém da Fantasia, seja ele fantástico e mítico, é bem construído, tudo o que lá ocorre é verdade, mas não em Nível Primário. Isto indica que o valor da verdade lhes pode ser atribuído enquanto a história reside no Mundo Secundário, contudo, em sua natureza subjacente. Entende-se, por exemplo, que as histórias de Zeus, Hera, Cronos e tantos outros deuses são reais dentro da esfera mítica, e é exatamente esse o motivo pelo qual Tolkien rejeitava a ideia de que a mitologia era mentira: ela é verdadeira se inserida em seu Mundo Secundário. Uma vez entendendo que o Mundo Primário dá origem ao Secundário, comprehende-se que o último depende do primeiro e é derivado dele. Se existe, porém, espaço para incredulidade, Tolkien aponta que a magia falhou e, com ela, todos os esforços anteriormente aplicados. Podemos perceber, acima de tudo, que Tolkien não menospreza as histórias uma vez que elas estão contidas no Mundo Secundário, de modo que, à sua própria maneira, elas comprovam seu valor em meio a sua esfera particular. A sua abordagem significativa discorda da lógica comumente apresentada por outros estudiosos e intelectuais de sua época, estes que configuraram as histórias como falsas ou insuficientes

Os autores Cristina Casagrande, Diego Genu Klautau e Maria Zilda da Cunha organizaram o livro “A Subcriação de mundos – estudos sobre a literatura de J. R. R. Tolkien”, este que reúne ensaios e artigos acerca dos ideais previamente apresentados acerca dos conceitos de Subcriação de Tolkien. No artigo “Os vestígios da Trindade em O Silmarillion”, Maurício Avoletta Júnior resume parte do atual trabalho ao afirmar que uma

³⁴⁵ Ibid.

³⁴⁶ TOLKIEN, Árvore e Folha, p. 48.

vez que o subcriador é um simples reflexo de um Criador pleno, “o subcriador não consegue fazer com que sua Subcrição exista de modo contínuo e sem falhas”³⁴⁷, uma vez que a teologia cristã aborda Deus como o único capaz de fazer isso, enquanto “o homem, por sua vez, apenas a simula”³⁴⁸. Recitando mais uma vez o verso inicial de Mitopeia, “mentiras não compõem o peito humano que do único Sábio tira seu plano e o recorda”. Todas essas questões colaboram com a visão de que o subcriador é aquele que produz de forma falha e descontínua, em virtude da atuação perfeita no executar provém exclusivamente de Deus.

Quando um grande nome da ciência da religião afirmou que a mitologia era a doença da linguagem, Tolkien prontamente se propôs a retrucar aquele posicionamento. Em resposta à afirmação de Friedrich Max Müller, J.R.R. Tolkien rebate que:

A Filologia foi destronada do alto posto que antes tinha nessa corte de inquérito. A visão que Max Müller tinha da mitologia como uma “doença da língua” pode ser abandonada sem remorso. A mitologia não é uma doença de forma alguma, embora possa, como todas as coisas humanas, ficar adoentada. Poder-se-ia muito bem dizer que o pensamento é uma doença da mente. Estaria mais perto da verdade dizer que as línguas, em especial as línguas europeias modernas, são uma doença da mitologia.³⁴⁹

Em resposta à afirmação de Müller, J.R.R. Tolkien buscou defender a mitologia como uma expressão repleta de sanidade como tantas outras artes e histórias. Semelhantemente a esse posicionamento, Roland Barthes defende em seu livro “Mythologies” que o mito por si mesmo “não nega as coisas, pelo contrário, sua função é falar delas”³⁵⁰. O autor esclarece que as histórias mitológicas trazem uma clareza as coisas “que não é a de uma explicação, mas de uma afirmação, de fato”³⁵¹. Essa ótica se assemelha ao posicionamento de Tolkien, porquanto a todo momento de sua defesa em nome da mitologia, o professor se empenhou para desenvolver a noção de que os mitos existem não para negar a realidade última ou contradizer os métodos tido como populares, a saber, a ciência.

³⁴⁷ JÚNIOR, Maurício Avoletta. **Os vestígios da Trindade em O Silmarillion**, 2019, pp. 284-285.

³⁴⁸ Ibid.

³⁴⁹ TOLKIEN, J.R.R. Árvore e Folha, 2020, p. 34.

³⁵⁰ BARTHES, Roland. MYTHOLOGIES. Manufactured in the United States of America Twenty-fifth printing, 1991, p. 143.

³⁵¹ Ibid.

Os mitos “se” explicam apenas dentro dos limites de seu Mundo Secundário, isto é, no interior da dimensão criada pelo próprio mito, mas não para além disso. Enquanto boa parte do que acontece no Mundo Primário pode ser catalogado como “fato”, o que ocorre no Mundo Secundário é repleto de simbologias e subcrições.

Ainda a respeito da discussão que questiona a verdade dos mitos, sabemos que muitos cristãos possuem receio em consumir diferentes tipos de literatura que provenham de autores não-cristãos. Apesar de muitos usarem de sua intolerância para aumentar consideravelmente o preconceito, outros apenas estão buscando agir com zelo e proteger a fé pessoal de influências externas. A respeito disso, o reformador João Calvino costumava defender que toda verdade é a verdade de Deus, ainda que os lábios que a profere não sejam os de um cristão. Se um “ímpio” diz algo que configura-se como uma verdade, ela não está enfraquecida ou mesmo defeituosa: verdade é verdade, independente de quem a disse.

Vejamos o trecho na íntegra:

Desta passagem podemos inferir que é supersticioso recusar-se fazer qualquer uso de autores seculares. Porque, visto que toda verdade procede de Deus, se algum ímpio disser algo verdadeiro, não devemos rejeitá-lo, porquanto o mesmo procede de Deus. Além disso, visto que todas as coisas procedem de Deus, que mal haveria em empregar, para a sua glória, tudo quanto pode ser corretamente usado dessa forma? Sobre este tema, porém, o leitor é remetido ao ensaio de Basílio, πρός τοὺς νέους, ὅπως ἀν ἐξ ἑλλ. κ.τ.λ, onde ele instrui os jovens sobre como poderão aproveitar-se do auxílio oriundo de autores pagãos.³⁵²

Como podemos perceber na citação de Calvino, se todas as coisas procedem de Deus, uma vez que o ímpio afirmar algo verdadeiro, naturalmente estamos diante de uma tese digna. Não é sábio desqualificar uma sentença verdadeira mediante o portador dessa mensagem. Em suma, se os mitos possuem alguma verdade, elas provém de Deus, não podendo ser descartados por se originarem de povos ditos “pagãos”. Nos lembremos, por exemplo, do ato imediato após a desobediência de Pandora, esta que abriu uma caixa proibida, mesmo sobre avisos e alertas. A consequência foi a chegada de todas as mazelas e dificuldades em nosso mundo, alastrando inúmeras tragédias a partir da escolha de Pandora. Qual é a verdade que esse mito emana? Toda desobediência tem um custo e tal disposição pode ter um alto preço para muitos. Da mesma forma, como vimos em outro

³⁵² CALVINO, João. In: As Pastorais. Série Comentários Bíblicos. Tradução Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Editora Fiel, 2009, p. 318. In Calvino na Epístola de Paulo a Tito 1.12.

momento do texto, em Gênesis 3, somos testemunhas do erro de Eva, que ao comer o fruto proibido, trouxe o pecado, a maior das mazelas, para o nosso mundo. A lição da história e a moral do episódio entre Eva e a serpente possuem um elo em comum, isto é, a consequência amarga da desobediência ante a divindade. Tendo em vista o posicionamento de Calvin, não podemos desprezar o que foi falado pelo mito grego de Pandora, dado que toda verdade é verdade de Deus e, ao menos no quesito das consequências da rebeldia, o mito em nada mentiu.

Da mesma forma, Tolkien acreditava que, apesar dos mitos não serem a revelação divina que ele atribui a Deus, existe no centro dos mitos porções de veracidade que não podem ser ignoradas.

A ideia da Mitopeia, portanto, alcança o seu ápice quando nos lembramos de que os mitos são exercícios subcriativos, reflexos da imagem e semelhança de um Criador que usa de sua liberdade para forjar e criar histórias que projetam a verdade, e toda verdade é de Deus.

O homem, neste sentido, é um ‘subcriador’, ‘a luz refratada / através da qual é fragmentado de um único Branco / a muitos matizes, e combinado infinitamente / em formas vivas que se movem de mente para mente’. O poeta abençoa os homens de imaginação, da fé, ‘os criadores de lendas com suas rimas / de coisas não encontrado dentro do tempo registrado’. Ele ‘não andará com o seu progresso macacos’, diante dos quais “boquiabertos / o abismo escuro para o qual tende seu progresso”, ou aceitar um mundo no qual ‘o pequeno criador’ (o subcriador) não tem parte na ‘arte do criador’ (as criações de Deus).³⁵³

Conclusões

Dentre tantas narrativas que podem cercar os seres narrativos, isto é, os humanos, conclui-se que J.R.R. Tolkien confessava uma História-Mãe que transformou o rumo de sua vida e suas histórias. Muitos lembram de Tolkien como o célebre autor de “O Hobbit” e “O Senhor dos Anéis”, valorizando suas habilidades intelectuais de formar um mundo inédito e criar línguas para compor sua invenção. Sua família, por outro lado, recorda sua pessoa através da intensidade de sua fé. Sua filha, Priscilla, lembra-se dele como “um

³⁵³ SCULL, Christina. HAMMOND, Wayne G. The J. R. R. Tolkien Companion and Guide, p. 1172. Tradução própria.

cristão devoto” com “uma forte fé religiosa”³⁵⁴. O seu filho John diz que a sua fé “permeava todos os seus pensamentos, crenças e tudo o mais... ele foi muito, sempre cristão”³⁵⁵. Também o seu sobrinho, Julian, e os seus netos entendem que, acima de qualquer título, Tolkien possuía uma fé profunda e era um católico romano devoto. Por sua fé católica, a sua ótica foi afetada, de modo que suas produções acadêmicas e literárias possuem reflexos de sua crença. Diante de tantos relatos enfáticos acerca da voracidade de sua fé, é possível supor que é impossível ter convivido com Tolkien sem estar ciente de que ele direcionava a suas crenças a Deus: o cristianismo era um agente absolutamente integral, tocando todas as esferas de sua vida pública e particular na mesma medida.

Em uma sociedade célica, o fato é que a diversidade de crenças pode ser recebida tanto de maneira tolerante quanto de forma inflexível. Mediante essa realidade, Tolkien se ergue como um autor capaz de agradar até mesmo aqueles que não partilham da mesma História-Mãe que ele, pois sua habilidade de construir esse universo rico em detalhes e plausibilidade é um banquete indispensável para leitores de fantasia. Por outro lado, mediante a firmeza a qual o autor se agarra a sua crença, não parece desejável anular esse fato de sua biografia.

Não deve causar rejeição, portanto, a sugestão de que as histórias construídas por Tolkien tenham herdado traços da História-Mãe tão envolvente do autor. Nas páginas da saga, tamanha é a universalidade dos valores, tão bem estampados nas empreitadas onde o bem e o mal se combatem na batalha do Abismo de Helm. É notável a presença dos temas da resistência às tentações malignas, especialmente ao observarmos Frodo rejeitando e suportando a sedução do Um Anel. É admirável o anseio pelas praias brancas, e o além, os campos verdes, longínquos sob um belo amanhecer. Cada um desses pontos, dentre tantos outros, salientam os lembretes estabelecidos em sua própria História-Mãe, como quando o bem e o mal miram a face um do outro nas pelejas descritas em 1 Samuel e 2 Samuel. Há a passagem onde, assim como Frodo, Jesus resiste às tentações postas pelo Diabo, além dos trechos onde a eternidade é também predita para trazer conforto e propósito à caminhada cristã.

Ao trabalhar com os conceitos de Subcriação e Mitopeia, Tolkien defendeu que todas as histórias partem de uma História, uma narrativa maior, a criadora de todas as

³⁵⁴ ORDWAY, Holly. A Fé de Tolkien: Uma Biografia Espiritual. Editora Word on Fire Academic, 2023.
Tradução própria.

³⁵⁵ Ibid.

demais narrações subcriadas. A mente encarnada, a língua e a estória são coervas, capazes de abstrair e generalizar, vendo não apenas a grama-verde, mas pode enxergar que “é verde bem como é grama”. O Professor destaca que a mesma mente que pensou “leve, pesado, cinza, amarelo, parado, veloz”³⁵⁶ pode, da mesma forma, conceber “a magia que tornaria as coisas pesadas, leves e capazes de voar, transformaria chumbo cinza em ouro amarelo, e a pedra parada, em água veloz”³⁵⁷, apesar de não se poder estipular com certeza qual foi o primeiro autor da humanidade responsável por tal feito. A partir disso, Feéria começa e o homem torna-se um subcriador³⁵⁸, tendo no peito parte do plano retirado do Sábio e exercendo um direito que não foi revogado. Estando ciente desse fato, Tolkien rejeitou a ideia que afirma que os mitos seriam mentiras envoltas em prata, pois se criamos, obedecendo o reflexo vindo do Criador, os nossos impulsos criativos são importantes o bastante para não serem classificados como falsidades. Apesar de defeituosas, as criações humanas ainda se dirigem ao porto verdadeiro.

J.R.R. Tolkien não somente acreditava na realidade da Subcriação, como a praticou em suas próprias histórias da Terra Média. Como vimos ao longo dos capítulos, Tolkien desenvolveu posicionamentos hipóteses a respeito da Subcriação enquanto era o mais devoto fiel desse pensamento, uma vez que as suas histórias originais e únicas podem ter recebido influências diretas da literatura cristã, sendo o seu legado uma dispersão de múltiplas cores que apontam para a matiz original. Quando nos deparamos com essa sentença, podemos trazer à mente as inúmeras coincidências e similaridades existentes entre as tramas tolkenianas e os relatos cristãos, especialmente pertencentes a Gênesis. Em cada uma dessas correlações estabelecidas, Tolkien, como nos afirmou Carpenter, acreditava estar em contato com a verdade e defendia estar imprimindo a verdade em suas histórias, uma vez que acreditava que todos os mitos que tecemos, apesar dos erros, provinham da Verdade divina. A Subcriação está presente na obra de Tolkien quando observamos Eru, o Criador, esclarecendo a sua criatura, Melkor, que os seus dons vinham dele e não existe uma melodia tocada que não tivesse fonte última em seu ser divino. Ao estabelecer essa ligação entre subcriador e Criador, notada também por tantos leitores ao decorrer dos séculos, é possível adquirir um entendimento ainda mais profundo do conceito pertencente ao seu ensaio filosófico.

³⁵⁶ TOLKIEN, Árvore e Folha, 2020, p. 34-35.

³⁵⁷ Ibid.

³⁵⁸ Ibid.

Na visão de J.R.R. Tolkien, os mitos possuem a potência de retratar experiências originalmente verdadeiras e manifestam como efeitos da criatividade humana, descendentes do reflexo de Deus, o Criador. Quando um autor se propõe a contar uma história, ainda que o enredo caminhe para uma direção totalmente distinta da do Criador, a simples atividade criativa de narrar já rememora a dinâmica da Subcriação imputada à humanidade desde o princípio dos tempos. Além disso, existe uma notável preciosidade e legítima veracidade nessas narrativas que possibilita o seu aceite, e Tolkien buscou realçar o seu mérito e valor que a elas sempre foram intrínsecos por meio de sua posição apresentada ao longo do trabalho exposto.

C.S. Lewis e J.R.R. Tolkien acreditavam que assim como a fala é uma invenção sobre objetos e ideias, o mito é uma criação sobre a verdade. Tolkien se dedicou a trabalhar os mitos como transmissores de lições profundas e verdades subjacentes, inspirando-se na estrutura cosmogônica dos mitos de origem para formar e compor o seu próprio mundo inédito. Em certa medida, o mito deve ser tratado, portanto, como uma história sagrada, “uma história verdadeira, porque sempre se refere a realidades”³⁵⁹, posicionamento esse partilhado por Tolkien, que defendia que os melhores mitos não são “falsidades construídas deliberadamente, mas são contos criados pelas pessoas para captar os ecos de verdades mais profundas”³⁶⁰ que narram “todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem se converteu no que é hoje”³⁶¹.

Dessa forma, Tolkien aponta que os mitos buscam abordar as atividades humanas significativas e oferecer um enredo que possui valor dentro de seu Mundo Secundário, em momento algum comprometendo as verdades da realidade contida no Mundo Primário. Sendo assim, tais narrativas míticas apontam para Deus quando falam a verdade, uma vez que, como o reformador João Calvino defende, toda verdade é a verdade de Deus. Visto que todas as coisas procedem de Deus, que mal haveria em utilizar tudo que pode ser acertadamente usado dessa forma? A partir dessa ideia, Calvino fundamentou os pilares do que veio a ser, mais tarde, o conceito de “Graça Comum”, aquela que comprehende que “todo conhecimento, fosse ele “sagrado” ou “profano”, provinha de Deus”³⁶².

³⁵⁹ ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. Coleção Debates, São Paulo: Perspectiva, 2020, p. 12.

³⁶⁰ MCGRATH, Alister. A vida de C.S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia, 2013, p. 169.

³⁶¹ ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. Coleção Debates, São Paulo: Perspectiva, 2020, p. 16.

³⁶² Ministérios Pão Diário. Teólogo francês, pastor e reformador em Genebra, na Suíça, considerado o sucessor de Martinho Lutero e aclamado como o reformador mais importante na segunda geração da Reforma Protestante. Acesso em: <https://ministeriospaodziario.org/autores-classicos/joao-calvino/>

O efeito mais direto dessa sentença é compreender que, mesmo dita por alguém que não partilha de uma fé cristã, a verdade segue sendo verdade em qualquer instância, época e cultura. Quando a verdade é dita, a sua luz atraente é exibida e ela pode nos conduzir ao entendimento que mesmo que a mente humana seja afetada pela mentira, maldade e残酷, ela pode ser dotada também com dons admiráveis vindos do seu Criador, enquanto conduzem o leitor a considerar cada predicamento básico existente na realidade como, por exemplo, o bem e o mal, a morte e a vida, a mentira e a verdade, o casamento, o trabalho e as demais associações humanas.

Por esses e outros motivos, os mitos também podem se assemelhar ao relato bíblico e às narrativas de Tolkien, pois como todas as narrativas provêm de um mesmo Criador, o pano de fundo pode ser semelhante. Para muitos, essas histórias análogas podem apresentar uma contradição à legitimidade da fé cristã, contudo, Professor Tolkien não admitia isso. Como vimos em seus estudos, ele reconhece a mitologia como pertencente à esfera das histórias criadas por seres que refletem a imagem correspondente de um Criador, este que detém a História Mater – a História que originou o Mundo Primário – e mais importante de todas.

Mediante tudo o que foi exposto, é possível apontar que J.R.R. Tolkien foi, portanto, um pai dedicado, professor exímio, intelectual brilhante, escritor lendário mas, acima de tudo, em suas próprias palavras, “o mais importante, sou um cristão (o que pode ser deduzido a partir de minhas histórias)”³⁶³. O fervor da fé de Tolkien contagiou positivamente todas as suas funções mencionadas acima.

Deste modo, o conceito de Subcriação nasce da História-Mãe que ocupava o centro de sua mente e alma, o cristianismo, e as suas histórias, poemas e personagens herdam características dessa narrativa *mater* que iluminou os seus passos, seu intelecto e a sua convicção até o fim de seus dias. Assim como confere a tradução do seu nome do meio, Reuel, Tolkien buscou ser, acima de tudo, um amigo do Deus a quem era devoto, respeitando a diversidade das múltiplas culturas, observando e se deleitando entre as narrativas enquanto guardava a inteireza do seu coração para o Autor de sua história.

³⁶³ TOLKIEN, J.R.R. As cartas de Tolkien. 1ª ed. Curitiba, PR: Arte & Letra, 2010.s of J.R.R Tolkien , 171–72.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, James. “Introdução,” em **Salmos**, ed. Franklin Ferreira, Tiago J. Santos Filho, e Francisco Wellington Ferreira, trans. Valter Graciano Martins, Primeira Edição, vol. 1, Série Comentários Bíblicos. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2009–2012.
- BARTHES, Roland. **MYTHOLOGIES**. Manufactured in the United States of America, Twenty-fifth printing, 1991.
- BARTHOLOMEW, Craig G.; GOHEEN, Michael W. **O Drama das Escrituras: encontrando o nosso lugar na história bíblica**, Edições Vida Nova, 2017.
- BAXTON, Benjamin. **J.R.R. Tolkien, Sub-Creation, and Theories of Authorship**, 2013. *Mythlore: A Journal of J.R.R. Tolkien, C.S. Lewis, Charles Williams, and Mythopoeic Literature*, Vol. 31, No. 3, Article 5.
- BOWLING, Drew. **Como o catolicismo de Tolkien influenciou sua obra? Com Shalom**.
- BURKE, Myles. **O trauma da 1ª Guerra Mundial que inspirou 'O Senhor dos Anéis'**, 2024. Acesso em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy6831npx1jo>.
- CALVINO, João. In: **As Pastorais**, Série Comentários Bíblicos. Tradução Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Editora Fiel, 2009.
- CARPENTER, Humphrey. **J.R.R. Tolkien – uma biografia**, Editora: HarperCollins; 1^a edição, 2023.
- CARSON, D. A. **O Deus presente**, Editora Fiel, 2016.
- DAY, David. **An Encyclopedia of Tolkien: The History and Mythology that inspired Tolkien's World**, Editora: Canterbury Classics, 2019.
- DESCHENE, Jonathan. **Forging Faërie: Sub-creation, Depth and Mythic Otherworldliness in J. R. R. Tolkien's Conception of the Fairy-Story**. Thesis submitted

in partial fulfillment of the requirements for the Degree of Master of Arts (English) Acadia University Fall Convocation, 2011.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**, Editora: Perspectiva; 1^a edição. 13 de outubro, 2020.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: A Essência das religiões**, Editora: WMF Martins Fontes, 2010.

ELIADE, M. **História das crenças e das ideias religiosas. Vol. II: de Gautama Buda ao triunfo do cristianismo**, 2011.

FIELD, J. Fraser. **Entrevista com o autor Joseph Pearce sobre “O Senhor dos Anéis”**, CERC - Centro de Recursos Educacionais Católicos.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As ciências das religiões**, São Paulo: Paulus, 1999.

GRIMAL, P. **Mitologia clássica – mitos, deuses e heróis**, Tradução Hélder Viçoso – 1^a ed. – Lisboa: Edições Texto & Gráfica, 2009.

HILEY, Margaret; WEINREICH, Frank. **Tolkien´s Shorter Works. Proceedings of the Jena Conference 2007**. Zurich, Jena: Walking Tree Publishers 2007. 325-347.
Metaphysics of Myth. The Platonic Ontology of “Mythopoeia“.

IRWIN, William; Eric Bronson; Gregory Bassham. **O Hobbit e a filosofia (Cultura Pop) (Portuguese Edition)**. Best Seller. Edição do Kindle.

JÚNIOR, Maurício Avoletta. **Os vestígios da Trindade em O Silmarillion**, 2019, pp. 284-285.

KERÉNYI, Karl. **Religião Antiga**, Editora Vozes, 2022.

LEWIS, C.S. **Carta a Arthur Greeves**, 18 de out.1931; The Collected TOLKIEN.

_____. **Deus no banco dos réus**, Editora Thomas Nelson Brasil, 2018.

_____. **Milagres**, Editora Thomas Nelson Brasil. 1^a edição. 15 abril 2021.

_____. **Surpreendido pela alegria**, Editora Thomas Nelson Brasil, 2021.

LONGENECKER, Fr. Dwight. **J.R.R. Tolkien Was a Great Catholic Evangelist**, National Catholic Register, Março de 2016.

MACINTYRE, Alasdair. **After Virtue**, Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1981, p. 211.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. **Ciências das Religiões: de que mesmo estamos falando?**, 2004, p. 23.

MIRANTE, Daniel; WAY, Judith. **The Subcreation Theory of J.R.R. Tolkien**.

MILLER, Ryder W, ed. **The War of Ideas between Arthur C. Clarke and C. S. Lewis**, New York: iBooks, 2003.

MCGRATH, Alister. **A vida de C.S. Lewis: do ateísmo às terras de Nárnia**, Editora Mundo Cristão, 2013.

MULLER, Max. **Lectures on The Science of Language Delivered At The Royal Institution of Great Britain In April, May, and June, 1861**.

NEWBIGIN, Lesslie. **The gospel in a pluralistic society**, Grand Rapids: Eerdmans, 1989, p. 15.

OLIVEIRA, Cauê. **A mãe de todas as histórias: o mundo real está por detrás de todos os mundos imaginários**, 2018.

ORDWAY, Holly. **A Fé de Tolkien: Uma Biografia Espiritual**. Editora Word on Fire Academic, 2023.

PEARCE, Joseph. **Catholic Literary Giants: A Field Guide to the Catholic Literary Landscape**, Editora: Ignatius Press, 2014.

J.R.R. Tolkien's Take on the Truth: Interview with Author Joseph Pearce on "Lord of the Rings".

PLIMMER, Charlotte e Denis. **JRR Tolkien interview: 'It would be easier to film The Odyssey than The Lord of the Rings'**, The Telegraph, 2023.

RAD, G. von. **Genesis**, Trad. por J. H. Marks. OTL. Filadélfia: Westminster, 1972.

RICARDO, Paulo. **Christo Nihil Præponere. O Silmarillion**, 5 Jan 2018. Acesso em: <https://padrepauloricardo.org/episodios/o-silmarillion?page=3>).

SCHUURMAN, Egbert. **Fé, esperança e tecnologia: Ciência e fé cristã em uma cultura tecnológica**, Editora Ultimato, 2021.

SCULL, Christina; HAMMOND, Wayne G. **The J. R. R. Tolkien Companion and Guide**, Harper Collins Publishers, 2017.

SHIPPEY, Tom. **J.R.R. Tolkien: Author of the Century**, HarperCollins, 2001.

SILVA, Matheus Mainardes de Oliveira da; MACHADO, Ana Maria; PESSI, Donizeti. **Cosmogonia tolkeniana e cristã: um paralelo arquetípico**, outubro de 2022.

SNELL, Bruno. **A cultura grega e as origens do pensamento europeu**, 2012.

TOLKIEN, J.R.R. **Árvore e Folha**, 1^a ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

_____. **As cartas de Tolkien**, 1^a ed. Curitiba, PR: Arte & Letra, 2010, vol. 1.

_____. **As duas torres**, Rio de Janeiro, Editora Harper Collins, 2019.

_____. **A Sociedade do Anel**, Rio de Janeiro, Editora Harper Collins, 2019.

_____. **O Hobbit**, Rio de Janeiro, Editora Harper Collins, 2019.

_____. **O Silmarillion**, Rio de Janeiro, Editora Harper Collins, 2019.

_____. **Cartas de J.R.R. Tolkien**, Editora: Arte & Letra; 1^a edição, 2010.

VIEIRA, Maria Jose Goulart. **A lei natural e o bem comum em Tomás de Aquino: contribuições tomasianas ao direito ambiental**, Universidade de Caxias do Sul, 2020.

VOGT, Brandon. **Tolkien, Lewis, and the Christian Imagination: An Interview with Joseph Pearce**, Word on Fire, 2016.

WALTKE, Bruce K. and Cathi J. Fredericks. **Gênesis**, ed. Cláudio Antônio Batista Marra,

trans. Valter Graciano Martins, 1a edição., Comentários Do Antigo Testamento. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2010.

WIRZBA, Norman. **Nossa vida sagrada: Como o cristianismo pode nos salvar da crise ambiental**, Editora Thomas Nelson, 2023.